

ANUÁRIO

60° FESTIVAL NACIONAL DO folclore

ESTÂNCIA TURÍSTICA DE OLÍMPIA - CAPITAL DO FOLCLORE



JUBILEU DE
DIAMANTE

**03 A 11
DE AGOSTO
DE 2024**

**"OLÍMPIA: O SOLO
SAGRADO DO FOLCLORE
BRASILEIRO"**

 **RECINTO DO FOLCLORE
"PROF. JOSÉ SANT'ANNA"**

 **/folcloreolimpiaoficial**

 **@fetoloficial**

 **/folcloreolimpia**



ANUÁRIO

60° FESTIVAL NACIONAL DO folclore

ESTÂNCIA TURÍSTICA DE OLÍMPIA - CAPITAL DO FOLCLORE



JUBILEU DE
DIAMANTE

**03 A 11
DE AGOSTO
DE 2024**

**"OLÍMPIA: O SOLO
SAGRADO DO FOLCLORE
BRASILEIRO"**

**RECINTO DO FOLCLORE
"PROF. JOSÉ SANT'ANNA"**



Expediente

ANUÁRIO DO FOLCLORE ANO XLVIII , N. 51

Publicação:

Prefeitura da Estância Turística de Olímpia,
Secretaria de Turismo e Cultura e Associação Olímpia para Todos

Todo trabalho de redação assinado é de total responsabilidade do autor. Quaisquer artigos ou ilustrações podem ser reproduzidos, desde que citada a fonte.

Diretor:

José Sant'anna (in memoriam)

Coordenação:

Estêvão Amaro dos Reis e Maria do Carmo Moreira Kamla Passi

Coordenador de Edição:

Estêvão Amaro dos Reis

Conselho Editorial:

Clarissa Rossi Gonçalves de Mattos, Estêvão Amaro dos Reis, Maria do Carmo Moreira Kamla Passi, Orlando Rodrigues da Costa, Priscila Fernanda Minani, Taíse Renata da Cruz e Willian Zanoli

Revisão coletiva:

Conselho editorial

Projeto gráfico / designer:

Julião Villas – cortexvisual@gmail.com

Fotos:

Prefeitura da Estância Turística de Olímpia / Divisão de Comunicação,
Maria do Carmo Moreira Kamla Passi e Estêvão Amaro dos Reis

Impressão:

Carlinhos Artes Gráficas – (17) 3280-5417

Mensagem do Prefeito

Queridos leitores,

É com orgulho e muita emoção que comemoramos a edição de 60 anos do Festival do Folclore de Olímpia. Uma festa que celebra o que temos de mais precioso no Brasil: a nossa cultura.

Há mais de meio século, Olímpia fortalece seu compromisso enquanto Capital Nacional do Folclore e, nos últimos anos, procuramos reconstruir a grandeza do nosso FEFOL, cuidando não só da preservação do folclore brasileiro para manter vivo o ideal do Professor José Sant'anna, como também de sua casa, com uma estrutura melhor, mais moderna e bonita para o nosso Recinto do Folclore.

Um novo palco, piso na arena, camarins, melhorias na área superior e nas barracas, uma nova sede para o Museu do Folclore e também a acomodação dos grupos visitantes na hotelaria olimpiense, oferecendo mais dignidade, acolhimento e conforto. Conquistas pensadas em valorizar nossa festa maior à altura que ela merece.

O FEFOL é um evento nacional, que reúne a cultura de todo o país em um só lugar e, neste ano, toda essa dimensão se transporta ao tema da edição especial de 60 anos, que comemora seu Jubileu de Diamante: "Olímpia, o solo sagrado do folclore brasileiro".

Uma terra fértil, que, há 60 anos, fecundou a semente da preservação da cultura popular, dentro das escolas por um professor, e que, até os dias de hoje, se mantém viva, regada a muitas mãos de diversas gerações, com cuidado, atenção, com a alma e o coração de quem, assim como eu, vivenciou o FEFOL e faz parte desta história.

Sabemos das dificuldades que o festival já passou, mas, a garra e força de vontade dos grupos que têm no FEFOL seu significado de existência também são combustível para os olimpienses que amam o folclore persistirem na missão maior de nossa cidade. Por isso, nada melhor que esta edição homenagear Olímpia, que é o solo sagrado desta festa e recebe o Brasil inteiro.

Assim, do norte ao sul do país, virão mais de 60 grupos, folclóricos e parafolclóricos, misturando a tradição de quem já esteve presente em outras edições com a inovação de quem chega pela primeira vez para somar. O FEFOL é do povo, é de todos os ritmos, danças, cores e soques, numa imensa viagem pela diversidade da cultura popular, transformando o Festival Nacional do Folclore de Olímpia em um dos maiores e mais importantes festivais culturais do Brasil e do mundo.

De 03 a 11 de agosto de 2024, Olímpia viverá novamente dias de muita alegria e tradição, com uma programação vasta e gratuita, que promete encantar o público estimado em 180 mil pessoas. E este anuário nasce como a materialização dessa trajetória para documentar mais um ano de história.

Boa leitura!



Fernando Cunha
Prefeito de Olímpia

Mensagem da Secretaria

“Folclore: Tempo de festa, comemoração e emoção, revivendo 60 anos como berço da cultura popular Brasileira”

A om o coração cheio de alegria e nostalgia, preparamo-nos para celebrar 60 anos da nossa festa maior, o Festival do Folclore de Olímpia. Convidamos todos a se emocionar nessa viagem no tempo, uma imersão na cultura popular brasileira. Neste ano, com o tema “Olímpia: O solo sagrado do folclore brasileiro”, relembramos sua história e tradição, homenageando os ícones que defendem e são responsáveis por essa grande festa, exaltando a importância do nosso festival como solo sagrado que cultiva a permanência da cultura popular de todo o país. Ao longo dos anos, o Festival tem se consolidado como uma celebração enraizada na rica tradição cultural brasileira, que encanta e emociona há seis décadas.

O Festival de Sant’anna, de Cidinha, e de tantos braços. O Festival do Capitão Ferreira, do Mestre Adelis e do Sr. Loro, que nos deixaram em meio à emoção dos preparativos, e da construção dessa linda festa. Cada passo de dança, cada acorde de música, cada artesanato exibido conta uma história profunda, um capítulo da nossa herança cultural. O festival é um tributo vivo às tradições, às crenças e ao espírito do povo brasileiro, que se renova a cada edição, mantendo viva a chama da nossa identidade.

Ao longo dos anos, gerações se reuniram nesse santuário de cultura, compartilhando risos, lágrimas, saudades e alegrias. O Festival do Folclore de Olímpia é um elo que nos une ao passado, ao presente e ao futuro, sendo cada edição como uma página de um livro antigo, repleta de histórias que se entrelaçam e se tornam imortais.

O 60º Festival Nacional do Folclore, neste ano especial em que celebramos o Jubileu de Diamante, terá a honra de receber mais de 60 grupos folclóricos e parafolclóricos de todas as regiões do Brasil. Teremos a alegria de celebrar junto com grupos tradicionais, que nos acompanham desde o início dessa linda jornada, e grupos inéditos que terão a oportunidade de escrever um pouquinho de sua história no coração de cada um que aqui estiver.

É na história do Festival do Folclore que encontramos inspiração, lembrando-nos de nossas origens, de nossas raízes e de tudo o que nos torna únicos. Que a magia deste evento continue a nos envolver, nos transportando para um lugar onde a tradição se funde com a modernidade, criando um legado que perdurará por muitas gerações.



A Comissão Executiva do FEFOL está trabalhando com muito entusiasmo e comprometimento, tecendo uma grande “colcha de retalhos” cheia de ideias e nostalgia, para que essa celebração dos 60 anos seja um lembrete de tudo que já vivemos e que ainda poderemos viver, preservando nossas tradições e valorizando nossa história. Que todas as estrelas dessa grande festa, visitantes e apaixonados pela cultura popular brasileira, possam aqui se sentir acolhidos e representados. Que o encanto e a tradição do Festival do Folclore de Olímpia possam emocionar e nos trazer as mais doces memórias afetivas.

Que nosso festival continue a florescer, inspirando e emocionando os corações de todos que têm a honra de testemunhar sua magia.

Raquel Crepaldi Righetti

*Presidente da Comissão Executiva do
60º Festival Nacional do Folclore de Olímpia-SP*

Sumário

APRESENTAÇÃO

Olímpia: O solo sagrado do folclore brasileiro

Priscila Minani

10

FEFOL, UMA HISTÓRIA DE MÚLTIPLAS VOZES

Perfil do Professor José Sant'anna

Maria Jesus de Miranda

13

Quando a Menina Moça criou o Fefol...

Agnes Lattouf de Mello

14

Tudo é Folclore, Cultura e História, do início ao fim

Maria do Carmo Moreira Kamla Passi, William Zanolli

17

O Festival e os Anuários do filho da D. Hipólita Theodora venceram

Willian A. Zanolli

21

1982 – O ano que não terminou para o FEFOL

Luiz Fernando Monzani

23

Nossa Festa do Folclore na Praça. Nasceu, cresceu, cresceu e saiu de seu lar!

Miguel Ramos e José Rubens Rebellato

24

O Fefol no Ginásio de Esportes e Recinto do Folclore

Orlando Costa

26

Patrimônio e Memória

Ana Paula Rodrigues Bertolino - Arquivo Público Municipal

28

Novo Museu Do Folclore de Olímpia: um projeto feito com afeto, por muitas mãos

Ana Cândida Baêso Moura e Larissa Torres Graça

30

O FEFOL EM 60 IMAGENS

Autores diversos

40

FEFOL HÁ 60 ANOS, NOSSA FESTA É JUBILAR, BRILHA EM NOS O DIAMANTE DA CULTURA POPULAR!

Secretaria de Educação

63

NOVOS ESTUDOS

O FEFOL e caso do Siriri Flor de Atalaia

Estêvão Amaro

77

ACERTOS E DESACERTOS NA AFINAÇÃO DAS FOLIAS

Wagner Diniz Chaves

86

GRUPOS PARTICIPANTES

106

COMISSÃO ORGANIZADORA

108



Apresentação

Olímpia: O solo sagrado do folclore brasileiro

Priscila Minani

Jornalista

A trajetória do Festival do Folclore de Olímpia compreende praticamente metade da própria história de sua cidade sede, que possui 121 anos de fundação e, em 2024, completa 60 edições ininterruptas do FEFOL.

É pensando nessa tradição que se perpetua com o tempo e na tamanha importância que o festival tem para sua terra natal como para todo o Brasil, que nasce o tema da festa de 60 anos, “Olímpia: o solo sagrado do folclore brasileiro”.

A temática desabrocha em três significativas vertentes – tradição, homenagem e diversidade cultural – que, juntas, entram em perfeita sintonia para marcar a comemoração de uma festa singular e para enaltecer o que faz Olímpia ser o solo sagrado do folclore de todo país.

Neste sentido, o conceito de solo pode ser interpretado a partir de seu significado literal, pois o solo é o resultado de um trabalho paciente da natureza, que leva tempo e se forma com diversas composições e interferências, convergindo para uma terra fértil, preparada para produzir, frutificar.

Assim, Olímpia se transformou, ao longo desses 60 anos, em um solo produtivo e, mais que isso, sagrado, uma vez que produz frutos de imensurável valor e tamanha riqueza, como a preservação e a valorização das inúmeras manifestações da cultura popular, que representam a identidade do Brasil. Cultivo este também que pode ser associado a uma tradição, pois é um processo que perdura e se mantém forte para resistir às intempéries do tempo, como são as décadas do festival, um evento que se movimenta, se reinventa, mas se preserva.

Há de se destacar ainda as pessoas que promoveram este cultivo do solo, desde a sua criação até os dias atuais. Em cada uma das épocas desta jornada, temos importantes personalidades que fizeram história, ao lado ou sucedendo o Professor José Sant’anna (1937-1999), idealizador maior da festa. Por isso, o 60º FEFOL dedica uma parte de seu enredo também a homenagens: às memórias da Cidade Menina Moça – como Olímpia era conhecida – e àqueles que começaram, ajudaram e mantiveram o legado do saudoso professor.

Por isso, o folclore, cuja palavra significa “sabedoria do povo”, tem sua origem e sua existência a partir do povo e para o povo. Assim, o Festival do Folclore é feito por pessoas, de diferentes gerações, que fazem essa festa permanecer viva até hoje, acompanhando o crescimento da cidade e contribuindo com a pedra preciosa que Olímpia é para a preservação cultural do país.

E é neste caminho percorrido que a cidade se tornou o ponto de encontro do folclore brasileiro. É aqui que, durante nove dias do Festival do Folclore, Olímpia se transforma no centro do Brasil, proporcionando ao público e aos grupos participantes a oportunidade única de reunir e integrar as diversas culturas de norte a sul do país, em um só lugar, um solo sagrado.

Embora a expressão popular “do Oiapoque ao Chuí” tenha caído por terra, substituída por “do Caburá ao Chuí”, em referência ao Monte localizado na cidade de Uiramutã – Roraima, que é o novo ponto geográfico mais distante ao norte do Brasil, a referência aos dois extremos territoriais – do norte ao sul do Brasil – continua representando abrangência nacional e, principalmente, diversidade cultural.

Isso vale para os extremos leste e oeste do país, onde temos, respectivamente, a nascente do rio Moa, no Acre, e a ponta do Seixas, na Paraíba, como os limites territoriais ao oriente e ao ocidente.

Dessa forma, delimitam-se, não só as maiores distâncias a serem percorridas no Brasil, mas também as peculiaridades que caracterizam cada canto do país. Isso porque, com a 5ª maior extensão territorial em todo o mundo e com mais de 500 anos de história, cada região, Estado e município do Brasil foi formado em épocas distintas, a partir de origens diferentes, sendo influenciado pelos seus povos colonizadores, e por seus respectivos costumes, culturas, vivências, conhecimentos e tradições.

Neste contexto, fica nítida a visão de que o Brasil é um país culturalmente vasto, que carrega em sua essência a diversidade, marcada por características temporais, sociais, econômicas, entre outras, que tornam cada lugar, desse imenso país, único.

E é exatamente essas distâncias e singularidades que o Festival do Folclore de Olímpia aproxima e une. Um evento que tem o papel fundamental de reunir ao máximo as regiões brasileiras, dividindo o mesmo palco, confraternizando com os diferentes sorrisos, valorizando os diversos esforços, contando as inúmeras lutas e histórias e, acima de tudo, respeitando todas as culturas que formam o gigante Brasil.

Assim, é aqui, no Recinto do Folclore “Professor José Sant’anna”, que acontece a verdadeira viagem pelo Brasil, em um roteiro exuberante de cores, ritmos, passos, compassos, músicas, vestimentas, batidas, tons, instrumentos, sotaques, olhares, gingados, que se misturam através dos grupos e manifestações culturais de todas as regiões brasileiras. Grupos do Norte, Sul, Leste e Oeste, unem todos os pontos cardeais numa mesma direção: a de preservar sua essência, sua cultura e sua história.

Dessa forma, desde 1965, Olímpia se veste de Brasil, faz jus ao seu título de Capital Nacional do Folclore e, nada melhor que um Jubileu de Diamante para celebrar o qual precioso é o FEFOL. Olímpia respira cultura o ano inteiro, mas, em agosto, é o grande e mais importante solo sagrado do folclore brasileiro.



Recinto do Folclore em uma noite de FEFOL



FEFOL, uma história
de múltiplas vozes

Perfil do Professor José Sant'anna

Maria Jesus de Miranda

Perfil – pessoa honesta, justa e de um temperamento explosivo, porém amigo de todos e presente sempre que necessário. Conhecedor da cultura popular, o que fez ser esse homem símbolo de uma história bem contada no seio de um povo. Estava sempre presente nos almoços das famílias, saboreando todos os tipos de comida, sentia-se bem na simplicidade de todos. Dotado de um perfil cheio de sonhos, cujo motivo desses sonhos tornou-se realidade, que é a Festa do Folclore em Olímpia.

Professor conceituado, para seus alunos será o eterno professor das aulas bem ensinadas. Simples, comunicativo, valorizava o trabalho de todos e sempre presente nas atividades folclóricas. Professor Sant'anna é o símbolo de um cidadão iluminado que, em todo o tempo de sua vida, só deixou exemplos de uma pessoa de senso.

Professor rico em conhecimento, exemplo de bom filho, tio, amigo. Partiu deixando uma herança cultural que será lembrada hoje, amanhã e sempre por todos que o conheceram e nasceram na cidade de Olímpia. No ano de 2024, a Festa do Folclore completa 60 anos. Só uma obra com alicerce firme consegue chegar a mais de meio século de vida. E será eternizada, como será eterna a lembrança do cidadão José Sant'anna.



Quando a Menina Moça criou o FEFOL...

Agnes Lattouf de Mello

Texto publicado originalmente no Jornal da Cidade, em 1972

Recorte das memórias da Professora Sebastiana Moreira Kamla

Transcrição: Estêvão Reis

Ocupa hoje as manchetes dos jornais.

Recebe colaboração do Ministério da Educação e Cultura. Conta com o apoio do Governo do Estado através de quase todas as suas Secretarias. Recebe colaboração de inúmeras Prefeituras. Próximas e distantes: Isto é Olímpia. Capital do Folclore!

Sou olimpiense. Não da Capital do Folclore: sou da “Cidade Menina Moça”. Daquela cidadezinha simples, pacata e despretensiosa, que não tinha “nada de nada, que lutava pela educação de seus filhos com um único Ginásio e Escola Normal particulares, batilhando na reivindicação de escolas oficiais onde todos pudessem estudar.

Sou da Olímpia da “Madame”, do dr. Neves, prof. Rothchild, dr. Jaime, “seu Nicanor e do menino Sant’anna.

Como eu tinha ciúmes do Sant’anna. Ele era o discípulo querido da Madame, absorvia demais a sua atenção com ideias loucas e arrojadas. Eu repartia com ele o carinho que deveria ser só meu, só nosso.

Enfim, sou daquela Olímpia de que nós, seus filhos dizíamos: “Visite-a, antes que desapareça...” Num momento de nostalgia e saudade, não me identifico com a Capital do Folclore; minhas lembranças estão fixas lá atrás, há 10, 11, 12 anos. Vejo uma praça enfeitada de bandeirolas coloridas e ouço o martelar ritmado na armação das barracas... Vejo uma cidadezinha inquieta e alvoroçada porque um moço maníaco e sem juízo “resolveu” que seria comemorado o mês do Folclore. Quem se interessava por Folclore? Quem entendia de Folclore?

Ninguém. E não tinha dinheiro...Mas lá ficou ele, dando murro em ponta de faca. Venceu pelo cansaço. Então, começou o reboliço. O moço era persuasivo e cara de pau... Nas casas, desde as mais senhoris às mais humildes, fazia-se quitutes, chochet, tranças de ráfia; flores de palha de milho e papel crepon... Nas escolas, uma guerra aberta: o “moço sem juízo” queria a participação dos estudantes. Queria um desfile que desperdesse o espírito de nacionalidade. Que mostrasse e exaltasse as riquezas do Brasil. Que falasse da nossa gente e dos que colaboraram na formação da nossa raça. Queria que aprendessem catira, congada, candombe, maculelê e outro bichos.

Não tinha tempo. O moço dava um jeito, punha todo o mundo pra trabalhar noite adentro, a Zeca que o diga... Não tinha dinheiro, o moço corria comércio, os bancos os fazendeiros, os carroceiros, precisava de carroças. Quem tinha... Alguns estavam ocupados... Outros davam algum pra colaborar.

Imaginem só. Com as coisas difíceis como estão, a conversa de sempre, “quem tem dinheiro pra gastar com folclore”. Então, o dinheiro não dava. O moço punha do bolso. E mais. E mais. Acabava o dinheiro. Pedia emprestado. E a roupa das Sinhazinhas? Corre nas costureiras e nas que não costumam. Coitado, o moço é bom. Quem tem, ajuda: quem não tem, dá trabalho. E não tem dinheiro... Arruma fitas daqui, rendões dali, balangandans, chicotes, arreios...

Pede emprestado o material. Não. Emprestado não dá. Estraga. Então, vende fiado, eu pago depois. O jeito era fiar. Pra ficar livre do “moço”. E a comida? É o pouso desses grupos que veem de longe e de “graça?”. Isso “a gente resolve”: dona Maria dá comida pra Congada; “seu Zé dá pouso pra capoeira. O “resto”, a gente ajeita.

Quando a "Menina Moça" criou o Fefol...

Ocupa hoje as manchetes dos jornais. Recebe colaboração do Ministério da Educação e Cultura. Conta com o apoio do Governo do Estado através de quase todas as suas Secretarias. Recebe colaboração de inúmeras Prefeituras, próximas e distantes. Isto é Olímpia, Capital do Folclore.

Sou olimpense, não da Capital do Folclore, sou da "Cidade de Menina Moça". Daquela cidadezinha simples, pacata e despretençiosa, que não tinha "nada de nada", que lutava pela educação de seus filhos com um único Ginásio e Escola Normal particulares, batilhando na reivindicação de escolas oficiais onde todos pudessem estudar.

Sou da Olímpia da "Madame", do dr. Neves, prof. Rothchild, dr. Jaime, "seu" Vicunor e do menino Sant'Anna. Como eu tinha ciames do Sant'Anna. Ele era o discípulo querido da Madame, observava demais a sua atenção com idéias loucas e arrojadas. Eu repartia com ele o carinho que deveria ser só meu, só nosso.

Enfim, sou daquela Olímpia de que nós, seus filhos dizíamos: "Visite-a, antes que desapareça..." Num momento de nostalgia e saudade, não me identifico com a Capital do Folclore; minhas lembranças estão fixas lá atrás, há 10, 11, 12 anos. Vejo uma praça enfeitada de bandeirinhas coloridas e ouço o martelar ritmado na armação das barracas. Vejo uma cidadezinha inquieta e alvorçada porque um moço maníaco e sem juízo "resolveu" que seria comemorado o mês do Folclore.

Quem se interessava por Folclore? Quem entendia de Folclore?

Ninguém. E não tinha dinheiro... Mas lá ficou ele, dando murro em ponta de faca. Venceu pelo cansaço. Então, começou o reboliço. O moço era persuasivo e cara de pau... Nas casas, desde as mais senhoriais às mais humildes, fazia-se quitutes, chochet, tranças de rafia; flores de palha de milho e papel crepon. Nas escolas, uma guerra aberta: o "moço sem juízo" queria a participação dos estudantes. Queria um desfile que despertasse o espírito de nacionalidade. Que mostrasse e exaltasse as riquezas do Brasil. Que fosse da nossa gente e dos que colaboraram na formação da nossa raça. Queria que aprendessem "canti-ri", "congada", "can-



O 2º Capitão Britualdo Teixeira Duarte vem de Minas para ser Termo de Congada em Olímpia.

danças, mactelele e outros fiados.

Não tinha tempo. O moço dava "um jeito" punha todo o mundo pra trabalhar noite adentro. "Zeca que o diga... Não tinha dinheiro, o moço corria o comércio, os bancos, as fazendinhas, os carroceiros "precisava carroças. Quem tinha? Alguns estavam "ocupados". Outros davam "algum, pra colaborar".

Imagem só. Com as coisas difíceis como estão a conversa de sempre: quem tem dinheiro pra gastar com folclore? Então, o dinheiro não dava. O moço punha do bolso. E mais... E mais... Acabava o dinheiro. Pedia emprestado. E a roupa das Sinhazinhas? Correrias costureiras e nas que não custavam. Costado, o moço é bom. Quem tem, ajuda, quem não tem, dá trabalho. E não tem dinheiro. Arruma fitas daqui, rendões dali, balangandans, chicotes, arreios...

Pede emprestado o material. Não. Emprestando não dá. Estraga. Então, vende fiado, eu pago depois. O jeito era fiar. Pra ficar livre do "moço". E a comida? E o pouco desses grupos que veem de longe e de "gracia"? Isso a gente resolve... dona Maria da comida pra Congada, "seu" Ze da pouso pra capoeira. O "resto", a gente ajeta.

E no ajeta de cá, ajeta de lá, saiu o 1º Festival do Folclore. Todo mundo se divertiu. A cidade vibrou. O povo aplaudiu. E o "moço" ficou um ano pagando dívidas, trabalhando que nem um danado, sem ver vintém. Não falei? Assim não dá. Não vai ter mais

Folclore, tira isso da cabeça vai cuidar da tua vida. Mas "o moço" além de sem juízo tinha mais gênio. E teve o 2º, o 3º, o 4º Festival de Folclore. Sucesso absoluto. Prejuízo total.

Corre daqui, corre dali... E o moço viu que já não estava só. Era dona de casa, comerciante e gerente de banco, prefeito e deputado, doutor e carroceiro; todo mundo se pensava e falava em Folclore. E os professores e estudantes? Esse é um caso a parte, vibraram e lutaram desde o primeiro instante. Hoje, a Capital do Folclore é uma realidade nacional. Programa Oficial do Estado de São Paulo. Centro turístico do País. Celebri de toda a tradição da cultura popular de nossa gente. Quem não viu, "vai lá..." E deem uma olhadinha no programa... Com muita atenção. É muito mais que um programa. É a história de uma cidade que soube se unir em esforço e trabalho, somando em lugar de dividir. Reconhecendo e apoiando em lugar de se omitir e desvalorizar. É um exemplo vivo da validade de um ditado popular, batido e lendário (mas tão fora de moda hoje em dia...): A UNIÃO FAZ A FORÇA.

E a cidadezinha cresceu. Não é mais "Menina-Moça", nem desapareceu como se previa, porque seu povo fez dela CAPITAL.

Meu bom amigo Sant'Anna, a Madame é que estava certa: "Vous êtes un fin, mercueilleux..."

Agnes Lattouf de Mello

É no ajeita de cá, ajeita de lá, saiu o 1º Festival do Folclore. Todo mundo se divertiu. A cidade vibrou. O povo aplaudiu. E o “moço” ficou um ano pagando dívidas, trabalhando que nem um danado, sem ver vintém. Não falei? Assim não dá! Não vai ter mais Folclore, tira isso da cabeça e vai cuidar da tua vida. Mas “o moço”, além de sem juízo tinha mau gênio. E teve o 2º, o 3º, o 4º Festival de Folclore. Sucesso absoluto, Prejuízo total...

Corre daqui, corre dali.. E o moço viu que já não estava só. Era dona de casa, comerciante e gerente de banco, prefeito e deputado, doutor e carroceiro; todo mundo só pensava e falava em Folclore. E os professores e estudantes? Esse é um caso à parte: vibraram e lutaram desde o primeiro instante. Hoje, a Capital do Folclore é uma realidade nacional. Programa Oficial do Estado de São Paulo. Centro turístico do País. Celeiro de toda a tradição da cultura popular de nossa gente.

Quem não viu, “vai lá...” E deem uma olhadinha no programa...Com muita atenção... É muito mais que um programa. É a história de uma cidade que soube se unir em esforço e trabalho, somando em lugar de dividir. Reconhecendo e apoiando em lugar de se omitir e desvalorizar. E um exemplo vivo da validade de um ditado popular, batido e lendário, mas tão fora de moda hoje em dia... A UNIÃO FAZ A FORÇA. E... a cidadezinha cresceu. Não é mais “Menina-Moça”, nem desapareceu como se previa, porque seu povo fez dela CAPITAL.

Meu bom amigo Sant’anna, a Madame é que estava certa: “Vous êtes un fou...merveilleux...”



Tudo é Folclore, Cultura e História, do início ao fim

Maria do Carmo Moreira Kamla Passi

William Zanolli

O início...

Há 60 anos nascia no Município de Olímpia, na então conhecida como Cidade Menina Moça, um evento que buscava a valorização das tradições, dos costumes que foram cultuados de geração em geração, por séculos, milênios, mescla das mais distintas e autênticas manifestações culturais que foram e continuam sendo preservadas possibilitando o enriquecimento e o incentivo a interculturalidade, promovendo a valorização das raças e crenças, unindo fronteiras, resgatando e preservando as manifestações de todas regiões do país, em um precioso resgate da cultura popular brasileira.

A essência do povo brasileiro é constituída de saberes diversos, de crenças e manifestações folclóricas, indicativo de que a cultura popular brasileira, deve ser resgatada e valorizada por intermédio da sua identidade, costumes e tradições do no saber popular, no conhecimento e na compreensão de conquistas da cultura e seus diversos determinantes, garantindo que as tradições e seus valores construído ao longo dos anos por tantas gerações sejam preservados.

Em breve síntese as atrações do Festival tomam por referência as apresentações noturnas de palco de danças e manifestações folclóricas, que visam o encantamento do público presente a festa.

Aliada a questão musical que envolve dança e manifestação teatral com a presença ou não de diálogo cantado que consiste em uma história que pode ser mito, lenda, relatos religiosos, manifestações de fé, a programação do evento desde sempre incluiu uma série de atividades como palestras, mini festival, gincana e oficina de brinquedos tradicionais infantis, exposição de artesanato, pintura, culinária brasileira, desfile, peregrinações pelas ruas.

Vale recordar pequeno trecho que enaltecendo seu mito fundador no desabrochar do Festival do Folclore de Olímpia para o mundo " Neste pedaço de chão paulista, nas terras de outrora cafeeira, de arrozais, algodoais e paisagens verdejantes. "...Despontas bela entre mil, tens no folclore o teu festival."

Os registros históricos dão conta que no ano de 1957, junto a aulas de uma didática que contribuía para ampliar o interesse dos alunos pelas questões que remetiam a um passado de resgate da cultura popular tendo como fator primordial da vida estudantil, surge junto ao extinto Colégio Olímpia e posteriormente transferido para a Escola Capitão Narciso Bertolino, o Festival do Folclore.

A princípio, de acordo com publicações da época e relatos dos envolvidos no período iniciou-se junto ao alunado um trabalho de estímulo a pesquisas incentivado pelos professores das referidas escolas tendo à frente o então Professor de Português, José Sant'anna.

A princípio as exposições que consistiam basicamente em utensílios folclóricos ocorreram no comércio local que cediam espaços físicos e, ou vitrines para exposição.

Vale lembrar que no período vitrines de lojas eram supervalorizadas como exposição de produtos acontecendo até concurso promovido entre as lojas comerciais para eleger a melhor vitrine, a população tinha o hábito de ir a área comercial para ver a beleza das vitrines e tomar conhecimento do lançamento de novos produtos.

Dentre as lojas existentes no período que se destacaram por exibir o material fruto das pesquisas dos alunos e fruto da avaliação pelos professores da importância histórica para exibição pública estavam: Taba do Carajá, Triunfal Modas, Camisaria das Fábricas e Fábrica de Móveis Bandeirantes.

Estas exposições folclóricas juntamente com as manifestações de música, dança, teatro e relatos de mitos, lendas e fatos folclóricos transcenderam para as ruas olímpicas e assim chega a Praça da Matriz de São João Batista, Festival do Folclore que vai com o passar dos anos se transformar no grandioso festival que este ano apaga 60 velas.

O ano era 1965, hoje, 60 ininterruptos e bem sucedidos Festivais depois, com a projeção nacional que transformou a outrora Cidade Menina Moça em “Capital Nacional do Folclore” um evento de alto prestígio e que em razão de tais méritos tornou-se de projeção nacional, ensejando à Olímpia o consagrado título de “Capital do Folclore”, instituído pela Lei Federal Nº 13.566/2017.

Considerado o maior encontro da cultura Brasileira, por sua pluralidade, atuando na preservação da cultura popular o Festival para além disto o festival contribui social e financeiramente para o crescimento da economia do município colaborando e fomentando o comércio, o turismo e os serviços na cidade e em toda região noroeste do Estado de São Paulo.

Destaca-se que Olímpia possui 15 (quinze) grupos Folclóricos locais, e 3 (três) Parafolclóricos.

No início das pesquisas, como notado anteriormente, o Professor José Sant’anna percorria com seus alunos casas dos bairros periféricos e fazendas em buscas de utensílios, contadores de causos.

E, com esta luta cotidiana conseguiu a proeza de resgatar e fundar grupos de danças como :Folia de Reis, Catiras, Congadas consumindo muito de seu tempo gravando e escutando sessões de umbanda, cantorias sertanejas, ouvindo causos e trazendo colaborações importantes para o enriquecimento do acervo cultural folclórico local.

No centro da Praça da Matriz e Rui Barbosa, os grupos folclóricos faziam suas apresentações e se exibiam na antiga Quadra da Fundação Olímpica, espaço pertencente ao Colégio Olímpia que era palco de competições esportivas, Basquete, Futebol de salão, e shows de grandes artistas nacionais por contar com arquibancada e cobertura.

Neste espaço e período surge o GODAP (Grupo Olimpenses de Danças Parafolclóricas), formado basicamente por jovens da cidade, cujas apresentações atraíam grandes multidões.

Na segunda semana de Agosto o entorno da Praça da Matriz era enfeitado com barracas de bambu coberta com sapé decoradas com enfeites de flores de papel crepom e bandeirolas de papel de seda.

As barracas de gêneros alimentícios eram coordenadas pelas entidades filantrópicas, as crianças disputavam o pau de sebo e empinavam papagaios, os jovens disputavam as gincanas folclóricas; época em que a improvisação e a criatividade proporcionavam momentos de rara beleza e alegria com simplicidade, mas de um entusiasmo e participação dos alunos e professores mobilizados para o sucesso do evento.

Como não há folclore ou manifestação popular sem que haja a presença do povo em homenagem aos muitos olímpicos que se envolviam para que a festa fosse bem sucedida ressalta-se umas das fiéis escudeira do Prof. Sant’ana Natalina de Carvalho que na semana do Festival vendia pães de queijo e broa de fubá em peneiras de taquara, na praça, para angariar fundos para o Festival.

Nos Estabelecimentos de Ensino o sangue da cultura e do folclore fervia nas veias dos professores: Palmira Degasperi, Maria Tereza Coletto, Rotschild Mathias Neto, Carmem Beatriz Pitigliani, Lurdinha Penalva, Fernando Freitas, Victório Sgorlon e esposa, Professora Lorice e as inspetoras Luzia Pimenta, Yvone Pereira dos Santos (Baiana) e tantos outros que contribuíram para o sucesso do Festival.

O inesquecível diretor Doutor Altino Robazzi, grande olimpiense de coração que disponibilizava à escola, os alunos e professores, para a pesquisa de danças típicas, capacitados pela mestra Cidinha Manzolli que tocava o seu acordeom embalando a todos com alegria.

Os comerciantes, empresários, faziam doações para a manutenção da festa, proprietários rurais doavam alimentos para as refeições servidas aos grupos e muitas famílias abrigavam em suas casas estudantes, professores, acadêmicos, e pessoas que se locomoviam até Olímpia em razão do Festival do Folclore.

A comida para alimentar os grupos que participavam do Festival do Folclore era feita por Alzira Sant'anna, irmã do Professor Sant'Anna.

O aluno Hélio de Souza Pereira dirigia a perua Kombi do diretor da escola e se embreava pelos sítios afora em busca de doações de porcos, galinhas e novilhas feitas pelos agricultores olimpienses que eram revertidas em alimentação aos grupos que se apresentavam.

Várias casas de pais de alunos solidários com a festa se transformavam em verdadeiras pensões, recebendo grupos, pesquisadores, a época a cidade a cidade possuía uma rede hoteleira diminuta.

A recepção por pessoas da comunidade aos visitantes muitas vezes era extremamente gratificante, pois desta hospedagem surgiam amizades até os dias atuais.

A semana transcorria com moçambiqueiros, congadeiros, foliões de reis, dançadores, de São Gonçalo, catireiros, grupos se apresentando cercados pela multidão, com instrumentos e vestes coloridas brilhando ao sol enquanto a música, o canto e a dança inebriavam corpo, alma e espírito dos presentes se transformando em risos e aplausos, que só a arte tem este condão e as vezes, como é próprio da vida, em algumas emotivas e furtivas lágrimas que levavam o expectador de encontro a sua história, ao seu passado.

Que não passe despercebido que no período eram comuns as serenatas, que se tratava de uma cantoria que era levada a efeito na janela de uma das muitas encantadoras e encantadas figuras femininas da então Cidade Menina Moça.

Um grupo de jovens percorriam a cidade e faziam paradas estratégicas abaixo de alguma janela para cantar e a moça, a família recepcionada com a serenata ofereciam aos jovens, algum agrado em forma de comida ou bebida.

No domingo de encerramento do Festival havia a alvorada de fogos, o desfile era aberto pela Cavalhada de Franca e pela Fanfarra de Araguari.

O desfile mostrava seu momento "Glamour" na abertura momento em que meninas moças desfilavam no Capô, (porta malas) aberto de fuscas.

Cada moça e cada carro representava um estado da federação e eram idealizados pela professora Neves Manfré Santos, Edmir Moreira e Zeca Scura.

Com a expansão do Festival e com a enorme presença de público o que era feito de forma caseira e improvisada, foi impondo novas exigências aos organizadores, a cada ano a presença de novos grupos folclóricos pois o festival tinha atravessado fronteiras, Olímpia sendo conhecida e reconhecida por autoridades com reconhecimento no mundo cultural e em vários estados brasileiros obrigou a mudanças estruturais necessárias a expansão do Festival.

Novas parcerias começavam a surgir e a época o Banco Bradesco deu sua contribuição e apoio para viabilizar com maior qualidade as edições dos anuários e cartazes do Festival, a cantora Inezita Barroso, e Eli Camargo, que eram destaques nacionais no cenário da música brasileira, se fizeram presente durante anos abrilhantando com suas vozes e relação com a música de raiz o Festival do Folclore.

O Festival atingiu patamares de público qualidade de apresentações que a Praça da Matriz ficou diminuta para abrigá-lo.

Foi aumentando de forma significativa o número de grupos, o número de comerciantes interessados em montagem de barracas e a grande afluência de público sendo que o espaço físico do entorno da Praça da Matriz continuou o mesmo, não abrigando número crescente de barracas, apresentações e público.

O prefeito a época Wilson Zangirolami e o Professor José Sant'ana concluíram pela construção de um espaço próprio para a continuidade do evento e em meio a limoeiros, cafezais e capim, o enxadão, a pá a picareta e do emaranhado de troncos e terra vermelha foi construído a Praça de Atividades Folclóricas Wilson Zangirolami, por intermédio do Decreto n.º 22 de que posteriormente abriu mão da nomenclatura após a morte do professor passa a chamar se José Sant'anna.

E após sessenta anos segue o Festival, vivo, pulsante, com muita energia e disposição para continuar pesquisando, registrando, a alma e o espírito criativo dos filhos humildes do sertão que compõe com muita poesia e amor o tesouro, o bem maior, que é a vasta obra cultural que é o contagiante folclore olimpiense que se consagra encantando corações e gerações, marcando prodígios, êxitos e vitórias, sempre presente, sempre vivo.

Infelizmente, pois que há um dia para todas as coisas mortais que andam sobre a terra, no ano de 1999 silenciou-se a voz do grande mestre José Sant'ana, ficou a amparar a alegria de todos sua criação, o Festival do Folclore, a dançar o jongo, a congada de fitas, os gritos de "Salve Santos Reis", buscando a altura dos enfeitadas de fitas multicores como anjos cantando "...Dorme o meu anjo lindo, quem vela sou eu."

E agora José? José para onde? Se perguntam os olimpienses, e sua voz serena e calma ecoa entre nuvens de algodão sua frase preferida de motivação inscrita em um dos prefácios do Anuário de 1970:

-Despertem olimpienses. Não fiquem arredios e indiferentes aos rumores da festa!

Saiam às ruas: e venham ver o folclore passar, Jose Sant'anna.

*Portanto Folclore e a maneira, de sentir, agir, e pensar de um povo ou um grupo com qualidades ou atributos que lhe são inerentes, sejam qual for o lugar onde se situa o tempo e a cultura. Não é apenas o passado; a tradição ele é vivo e está ligado a nossa vida de um jeito muito forte.

Por isso, é tão importante conhecê-lo.

Que venham os próximos 60 anos tão cobertos de glória quanto foram os 60 anos de festa alegria, riso, dor, tristeza e lágrima, pois de cantos, encantos, desencantos, são construídas lendas, mitos, fantasias, história, istória, vida, que fundidos se tornam cultura popular, folclore e fim.

O Festival e os anuários do filho da Dona Hipólita Theodora venceram

William A. Zanolli

Sou, talvez, um contador de “causos”, com um pé no passado remoto, outro no presente que saltita novidades e olhos no futuro não prevendo como o Oráculo de Delfos, mas, observando símbolos de inspiração poética carregadas de beleza, perfeição, harmonia equilíbrio, razão e luz.

Os pés que remetem ao que ocorreu há muito tempo, ao antigo, longínquo, que está, distante no espaço, mas que ronda as estâncias e querências floridas onde habitam as saudades traz a mente a imagem saudosa do filho de Dona Hipólita.

E aqui encosto os pesos e as levezas do caminhar para sentar em algum tronco de alguma arvore cortada pela falta de bondade humana para pensar sobre o que foi e talvez como.

Fui nascido neste pago, neste rincão, neste torrão, aqui aprendi a falar e um dia pulei do penhasco e fui voar mundo, ver novas nuvens, praias, estradas, sóis, luas, caminhos e descaminhos e por instinto, por ter me acostumado a viver neste pedaço de chão, voltei.

No tempo em que não estava povoava a gentileza dos meus sonhos o encantamento que havia levado na bagagem, entre tantas outras belezuras, a relação de amizade e afeto que nutria pelo professor de português que se notabilizava em razão do Festival do Folclore.

De acordo com André Nakamura, um de seus discípulos, era filho de João Joaquim de Sant’anna e de Hypólita Theodora da Silveira Sant’anna.

O filho de Hipólita Theodora é José Sant’anna, nasceu no dia 8 de julho de 1937, em Olímpia, onde fez os cursos científico, magistério e de contabilidade, antes de tornar-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e professor de Língua Portuguesa.

Faleceu o folclorólogo no início da manhã do dia oito de janeiro de 1999, deixando uma lacuna muito grande na organização cultural e nas pesquisas sobre o tema.

História se faz contando história por isto é importante lembrar que durante sua atividade pedagógica, em meados da década de 50, ele se descobriu vocacionado ao estudo do folclore brasileiro, tornando-se, desde então um atuante e denodado folclorólogo.

Ao elaborar pesquisas e exposições acerca do referido assunto, empreendidas com o auxílio de seu alunado e restritas ao âmbito escolar, o professor as transcendeu às ruas olimpienses, realizando assim, em 1965, o 1º Festival do Folclore de Olímpia, evento que é hoje detentor de alto prestígio e de nacional projeção, e que, em razão de tais méritos, ensejou o já consagrado título “Capital do Folclore” à sua cidade natal.

Dirigia o Anuário do Folclore, que acompanhava o festival, além de publicar diversos livros sobre folclore.

Ai entra, talvez, minha participação mais contundente no Festival do Folclore.

Na juventude fiz alguns trabalhos de pintura a pedido do professor, entre eles, escrever em placas de isopor que eram fixadas na frente de fuscas nos desfiles de moças bonitas que representavam cada estado da federação, desenhos, pinturas em bandeira de reis.

Fui para São Paulo viver sonhos e pesadelos, fantasias e horrores, aprender e desaprender com as coisas que só o mundo tem, traz e traga.

Cursei um período na Escola Panamericana de Artes e viajei por cursos vários em razão da minha compulsão por conhecimento, um dia esgotado o êxtase, satisfeito o estado de euforia e vontade de se transportar para fora de si e do mundo sensível e a satisfação, voltei ao que dá prazer intenso, alegria, felicidade, minha terra, Olimpia.

José o filho de Hipólita Theodora lutava bravamente contra seus moinhos de vento, entre eles, a falta de reconhecimento do seu trabalho pelo poder público e a guerra incessante contra egos e vaidades que a organização do Festival trazia.

Um dia me convidou para ilustrar os anuários que são conhecidos popularmente como Revistas do Folclore que trata de um trabalho que era metodicamente conduzido pelo folclorista durante o ano e cujo desfecho eram as apresentações no palco do Recinto.

Sant´anna durante o ano recolhia material para compor o anuário que iam de textos de nomes conhecidos no meio do folclore a anedotas ou casos contados por moradores, lendas, superstições etc...

Estas coletas eram deglavadas em máquinas de escrever por seus colaboradores e eram xerografadas algumas cópias que eram enviadas aos profissionais encarregados da ilustração, correção de texto, composição, impressão.

A titulo de colaboração illustrei contos em 5 ou 6 revistas com a exigência de que o professor devolvesse os originais, material que foi por mim doado ao acervo histórico do município.

Os desenhos tomaram por base a ideia das xilogravuras (desenhos dos livros de Literatura de Cordel) e não contêm assinatura par que faça parte, um dia, da ideia de anonimato que permeia as criações ditas folclóricas que se sabe que existem, mas não se sabe quem criou, coisinhas da espontaneidade criando belezas.

O pé que está no presente pressente que o Festival renasceu, voltou, que há um reconhecimento de seu valor cultural e econômico por parte do poder público.

Há dificuldades, mas pelo gigantismo da festa não se igualam, de forma alguma, as que foram enfrentadas por José Sant´anna que muitas vezes disponibilizou parte de sua aposentadoria para custear gastos com grupos folclóricos.

Meus olhos observando atentamente o horizonte, inebriado, percebe que o anuário existe e insiste, que o Festival do Folclore, desejem ou não desejem os egos inflados e as vaidades que combatiam a socapa, maliciosamente, dissimuladamente com fingimento e manha a luta de José Sant´anna se conformem.

O sonho do filho de Hipólita Theodora se mostrou maior que as divergências, venceu.

Está aí maior e cada vez mais organizado, veio pra ficar.

Enquanto escrevo Sant´anna entre nuvens sorri... eu sei porquê.

1982 – O ano que não terminou para o FEFOL

Luiz Fernando Monzani

Eram tempos de novos ares no país, estávamos iniciando a abertura política depois de longos anos de ditadura militar. Particularmente um ano muito importante, também de novos rumos, novos ares, deixando minha cidade para mudar-me para Campinas. Mas ainda pude participar dos Jogos Regionais, defendendo Olímpia e seu basquetebol junto aos meus colegas de time. E, mesmo que apenas em seu último final de semana, vivenciar o 18º Festival do Folclore, em agosto de 1982, último a ser realizado nas Praças da Matriz de São João Batista e Rui Barbosa, berço de nosso festival praticamente desde seu início.

Esses festivais nas praças centrais representaram uma ligação quase que orgânica com a cidade. O festival dentro de Olímpia e Olímpia dentro do festival. Havia uma dinâmica de cumplicidade entre os dois, uma relação simbiótica de amor mútuo, um sentimento de pertencimento, de afeto pelo evento que tomava, por uns tempos, o coração da cidade, como que de assalto permitido. Olímpia respirava o FEFOL, que se alimentava do carinho daqueles que por qualquer razão faziam questão de passar por ele. O clima desses festivais eram realmente de festa, de cultura do povo, de alegria, as pessoas sentiam-se aconchegadas naquele espaço democrático que representam as praças.

O conagraçamento entre FEFOL e cidade se dava em todas as horas do dia, desde o amanhecer com os trabalhadores circulando pelas praças, ao entardecer onde vários desses trabalhadores do centro da cidade faziam questão de passar por lá para tomarem alguma bebida com algum petisco ao lado dos amigos, e muitos iam pra casa apenas para tomar banho e voltarem para mais uma noite de festa popular.

Na praça, o FEFOL sempre esteve próximo dos locais onde ele foi pensado, criado, iniciado, nas escolas e comércios ali do centro. Portanto uma relação visceral com esse espaço da cidade que ao se manifestar como último, ali em 1982, gerou em muitos um sentimento de perda, de abandono, de rompimento daquela relação amorosa entre o FEFOL e a praça. Esse sentimento de perda permaneceu por muito tempo, mesmo depois que começou a ser realizado onde é atualmente.

Passados todos esses anos percebemos que o festival, nos moldes que é realizado e tamanho, não seria mais possível nos tempos atuais, mas o que podemos tentar manter, de alguma forma, é aquela relação de amor, da cidade com o festival que, mesmo tendo um espaço muito legal hoje, nunca conseguiu reproduzir aqueles sentimentos de afeto, que permitiam por exemplo, que jovens, já no amanhecer do último domingo se confraternizassem com aqueles grupos autênticos chegando na praça, entrando no meio, tocando seus instrumentos. Isso ocorreu em 1982.

Nossa Festa do Folclore na Praça. Nasceu, cresceu, cresceu e saiu de seu lar!

Miguel Luiz Ramos Filho

José Rubens Rebelatto

“Como nos olhos sempre brilha o reflexo das memórias, como em cada lágrima derramada e sorriso dado elas se fazem presentes, no final das contas, elas e nossos caminhos entrelaçados pelo destino sempre nos levam de volta ao lugar onde começamos...”

A compra de uma bota de couro, tipo gaúcho, talvez, tenha ficado marcado na memória de nossos amigos, como parte de um traje folclórico, para participar de um grupo de dança, na verdade para-folclórico, na infância do Festival do Folclore de Olímpia.

O grupo era formado por nossos colegas de classe e de outras turmas. Alguns, mais maduros, foram para o Pau de Fitas, outros, no Rancheira de Carreirinha, Pezinho e outras danças gaúchas. Dançar com as meninas era muito bom e a apresentação pública era uma tarefa de grande responsabilidade e euforia para os estudantes.

Antes do Festival acontecer na PRAÇA, tivemos um quiosque, com docinhos típicos, liderados por uma amigona do Professor Sant’anna, uma senhorinha, dona..... (não me lembro o nome), complementado pela Dona Baiana. Tivemos também, apresentações do grupo de danças no piso superior do Sindicato Rural, com exposições de objetos tradicionais também.

E crescendo, foi para a Praça.

O layout, a distribuição do conjunto de elementos que formavam os festivais eram muito interessantes. Nos estacionamentos da Praça Rui Barbosa, eram montados as lojinhas, botecos, bares, docerias, bugigangas, todas lado a lado, feitas de bambu, cobertas de palha e lona preta. Alguns muros, como o do Correio e adjacências, também recebiam essas barraquinhas.

No Centro da Praça, algumas barracas especiais, de artesanatos. E no centro das duas praças, no semi-círculo em frente a escadaria da Igreja, ainda em construção, respeitando as Palmeiras Imperiais, era montado um Palco Elevado. No entorno e sentados na escadaria ficavam os apreciadores de Danças Folclóricas, o público. Os grupos vinham dançando, geralmente subindo a Bernardino de Campos, e quase no Clube Recreativo, hoje Sec. da Educação, viravam para o Palco. Nós, que ficávamos no caminho, podíamos aproveitar e dançar juntos, acompanhando os grupos.

Sob as duas rampas de acesso á Matriz, eram instaladas as maiores barracas, beneficentes, além de outra grande no fim da escada que desce do Recreativo, elevada sobre o banco de concreto circular.

Laterais da Matriz e ao fundo, era o parque, com roda gigante, jogos, brinquedos e muita maçã do amor, espalhadas por todos os cantos.

Do fim dos anos sessenta ao início dos setentas, a festa na praça atraiu um público diversificado. Universitários vinham aos montes, época em que as faculdades eram distantes, artistas – me lembro de diretores teatrais presentes – músicos que utilizavam o agrupamento nacional de ritmos para pesquisar e aprender, num momento em que houve um renascimento da canção brasileira. Há uma lenda que Milton Nascimento e outros mineiros de seu grupo estiveram no festival. Mas ainda eram desconhecidos. E seria possível, dado a quantidade de grupos e ritmos que frequentam o festival. E naquele tempo, ninguém reunia essa riqueza.

Lembrar que tínhamos muitos bares e restaurantes no entorno da Praça, no pé da praça, o Pinguim e Garrafão. Lateral da Jorge Tibiriçá, hoje David Oliveira, a Selena, o Snooker; na quadra de cima, mais bares, e no fundo da matriz, a Bambi e a Triunfal, na esquina. Pensão Santa Cruz noutra esquina, sorveterias e bares na São João, mais Pimpinela (antiga Paulistinha) , Biondina, Ringo, Bar do Veraldo, todos muito frequentados e a poucos passos da Festa.

Em seguida, coma iluminação intelectual do Professor José Santana, com a participação mais intensa dos jovens da terra e com a dedicação da Professora Cidinha Manzolli começaram as pesquisas regionais para tornar as danças mais autênticas e também as apresentações em outros locais, inclusive em São Paulo, em programa português da televisão (antiga TV Tupi) que se chamava “Caravela da Saudade”. Era um grande evento! Ônibus fretado, coleta de dinheiro (fazíamos os chamados pedágios na entrada da cidade), viagens, e... muita alegria! As famílias se orgulhavam de ver seus filhos e filhas vestidos à caráter dançando em um grande veículo de informação, em um programa transmitido aos finais de semana. A cidade já havia incorporado aquilo que no início tinha até um nome estranho e na época pouco conhecido (folk-lore, é uma expressão criada por um escritor inglês chamado William John Thoms, em 1846, fazendo referência aos costumes, lendas e superstições dos tempos antigos) e já fazia do mês de agosto um período festivo aguardado por todos.

Ao mesmo tempo, o significado do Folclore começava se consolidar como muito mais do que uma comemoração local onde tínhamos a oportunidade de nos divertir, comemorar e reencontrar os amigos. Todos nós, jovens em formação na época, começávamos a compreender que cultivar o Folclore significava fortalecer o senso de identidade coletiva, proporcionar entretenimento, transmitir conhecimentos e promover a coesão social. Vinha também o entendimento de que resgatar o folclore, além de permitir uma conexão com nosso passado e identidade cultural, também enriquecia nossa compreensão do mundo e nos inspirava a criar um futuro onde essas tradições fossem um quesito para uma sociedade melhor e mais inclusiva.

Dessa forma, o povo com seus rituais, as Folias de Reis dos vários bairros, os grupos de Umbanda e Candomblé, os dançadores de Catira das colônias de fazenda, os Reisados e as Congadas dos quilombos e das comunidades vizinhas e até então pouco vistos, etc. eram todos muito bem vindos e celebrados como iguais. Dançavam nas ruas no entorno da Praça, no palco da Praça, vibravam ao mostrar suas habilidades no sol escaldante das tardes ou sob a lua imensa que quase se desfazia em prata nas noites olimpienses. E, na Praça, eram saudados por uma população que até então não conhecia essas belezas que estavam a seu lado! Essa era a Praça!

Mas, gira mundo gira peão...

Novos tempos, grupos folclóricos de outros estados e de outros países, a necessidade de ampliação da festa e a natural tendência humana de aumentar e tornar conhecidas as suas comemorações trouxeram outros ares. Enfim, as próprias tradições folclóricas são um reflexo dinâmico da vida das pessoas ao longo do tempo, sendo, em decorrência, uma fonte de continuidade cultural e um espelho das mudanças que ocorrem nas sociedades.

Hoje, nos orgulhamos do Festival do Folclore de Olímpia ser reconhecido em todo o país como um evento cultural de importância inquestionável. Um festival que celebra e promove as tradições folclóricas brasileiras e internacionais, reunindo grupos de dança, música e teatro folclóricos de diversas partes do país e do mundo. Isso, ao lado da cidade ter se tornado um polo turístico agradável, hospitaleiro e de rara beleza interiorana.

Que orgulho merecido e conquistado! Mas há que se olhar no fundo dos olhos daqueles olimpienses com alguns anos vividos para identificar um lampejo, um reflexo momentâneo que seja, um sussurrar de ventos que já moveram moinhos que indiquem saber que a gênese ainda impera forte na história: o lar, a PRAÇA!

O Fefol no Ginásio de Esportes e Recinto do Folclore

Orlando Costa

Eram manhãs frias de 2013. Muito frias, mesmo. Eu a postos, junto aos colegas de profissão, mais uma vez seguindo passo-a-passo o festival daquele ano, em sua 49ª edição, levando para os lares olimpienses os parques acontecimentos à luz do sol relativos à festa.

Um grupo diminuto de professores acompanhava o Seminário de Estudos Sobre Folclore pela manhã. No intervalo, desciam para tomar um café quentinho na Casa do Caboclo, antecessor da Vila Brasil. À tarde, participavam da Folclorança, dando formas a sonhos e imaginação das crianças com a temática folclórica.

Talvez tenha sido este ano aquele em que mais me senti dentro do Recinto do Folclore. Foi o ano em que por mais tempo permaneci em seu interior, vivenciando aqueles parques acontecimentos diurnos, mas foi uma injeção de empatia em mim, foram os dias em que mais senti introjetar-me a magnitude daquela obra, o gigantismo daquilo que se fazia lá dentro, a grandeza do espetáculo que jamais em tempo algum caberia então nas praças centrais da cidade.

Trago com isso um recorte minúsculo de uma edição do Festival do Folclore na anteriormente chamada Praça de Atividades Folclóricas “Professor José Sant’anna”. Hoje o local teve seu nome ampliado, tornado pomposo, com Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas “Professor José Sant’anna”. Antes ainda, era Praça de Atividades Folclóricas “Prefeito Wilson Zangirolami”, com a tentativa, nos bastidores, de torná-lo conhecido como “Wilsão”, o que não pegou.

Ainda bem que no imaginário popular este majestoso espaço é chamado de “Recinto do Folclore” tão somente e ao gosto do saudoso professor, que queria tudo sempre muito próximo do povo, queria tudo sempre da forma simples e de fácil compreensão popular.

Foi na 22ª edição do Festival, em 1986, que pela primeira vez ali se realizou o evento. Chão batido, chuva, barro, barracas ainda em construção, improvisação e a festa. No ar uma sensação de estranhamento entre os frequentadores que pela primeira vez se deparavam com sua gigantesca estrutura e suas formas arrojadas e modernas.

Estranho que não se saiba na cidade, a menos que se cave bem fundo na memória de alguém que porventura tenha estado envolvido com a proposta, o nome do autor do projeto, o idealizador das formas que aquele espaço ganhou. Alguém disse certa vez tratar-se de uma mulher, uma arquiteta a responsável, mas quem pouco se lembra deste detalhe não se lembra do nome, nem pode garantir tratar-se realmente de uma profissional feminina.

E entre láureas e louvações ao gigantesco templo dedicado ao Folclore brasileiro, tal figura importante para a história daquele próprio desaparece, eis que não há nenhuma menção a ela ou ele, em nenhum lugar dali.

De qualquer forma, é apenas um detalhe a não empanar o brilho do majestoso espaço de acolhimento das raízes brasileiras. Tantos quantos viveram a festa em seus primórdios nas praças da Matriz e Rui Barbosa, e lamentaram a mudança de endereço, são tantos quantos hoje louvam a visão futurista de quem apontou esta solução, vislumbrando o crescimento do Festival a cada ano.

Guardadas as devidas memórias emocionais e sensoriais dos tempos idos na praça, 18 anos, para sermos exatos; passados os anos em que a festa foi confinada no Ginásio de Esportes “Olintho Zambon” (83, 84 e 85), há que se louvar que a partir de 1986 tenhamos pulado para o “futuro” com o recinto, obra feita com arrojo e destemor, dadas as condicionantes.

A rapidez com que foi colocado em pé é também algo a se enaltecer. Foram pouco mais de quatro meses o tempo necessário. Com o recorde de se colocar uma estrutura metálica de aproximadamente 9 mil metros quadrados em 45 dias. Uma verdadeira força-tarefa em prol do Folclore, qual outra razão? Não há no Brasil espaço tão adequado e tão acolhedor quanto este.

Na expressão do criador do Festival, saudoso professor José Sant'anna, Olímpia dava a partir dali uma contribuição elevadíssima ao estudo e à preservação do folclore nacional. Para ele, “a Praça, de construção moderna, é elegante e espaçosa, e merece especial menção entre as principais obras do gosto de nossa gente. Nela, o povo se reanima e sente-se, folguedos, flores, comidas e ao geral e entusiástico contentamento da povoação inteira valorizado, pois apresenta um aspecto pitoresco e muito agradável em meio a músicas, danças”.

Foi somente treze anos depois de sua inauguração que o recinto recebeu o nome do autor destas palavras de enaltecimento acima, por meio de um projeto de Lei (3.047/97, de autoria do saudoso vereador Vicente Augusto Baptista Paschoal), aprovado pela Câmara de Vereadores e transformado na Lei 2.723, de 10 de fevereiro de 1999.

É bom que se diga que o Recinto não é apenas um amontoado de cimento, pedras e ferro. É um espaço mágico. Que todo ano se transforma em um gigantesco ser vivo que pulsa e se enche de emoção e alegria, lugar de apoteoses, onde todos somos absorvidos pelo que ali se desenrola, pelo que ali se vive, pelo que ali se apreende das coisas nossas, das nossas raízes, sobre nosso povo, e a formação do nosso país.

No princípio, como disse acima, foi o estranhamento, depois a fase do reconhecimento, pôr fim a aclimação e o perfeito entrosamento entre público e personagens. Arrojado e confortável, suas amplas medidas facilitam a convivência num mesmo espaço de tantas iguais diferenças, ao mesmo tempo de tantas diversidades, de tantos encontros, tantas amizades, tantos amores, tantas histórias contadas, que bem podem ser verdadeiras, bem podem ter saído de um glossário mitológico.

Aquele recorte feito lá em cima, quando dos dias e noites frias da edição 2013 do Festival, é o que mais está vivo em minha memória, porque tratou-se de um esforço jornalístico-radiofônico dos mais consideráveis. Mas houve outros momentos em que o exercício do ofício de jornalista e radialista durante a festa exigiu uma equipe com vários profissionais, dado o tamanho do “território” a ser explorado e a tantas e tão diferenciadas situações a serem abordadas.

Tal esforço teve que ser contínuo por anos afora depois. Estava ali todo um universo de manifestações culturais, danças, músicas, trajes, trejeitos, acontecimentos até paralelos e aleatórios, tudo num espaço só. E às vezes ao mesmo tempo, aqui e ali, corre para lá, corre para cá e tudo aquilo que se sucedia nas entranhas daquele gigante de pedra, concreto e ferro, tinha que caber nas singelas ondas do rádio. Tinha que ser filtrado para que o público de casa pudesse entender.

Além disso, o som que dali emana ouve-se praticamente em toda cidade, conforme o vento sopra leva consigo as cantigas, as batidas, as danças, ora a norte, ora a sul, ora a leste ou a oeste da cidade, as ondas sonoras de todo um país em um só lugar, um gigantesco lugar.

Hoje há um palco fixo, hoje cobrem-se as arquibancadas, mas a essência permanece a mesma. Mudam-se as gerações, passados estes 38 anos a serem completados junto com os 60 anos da festa, mas ficam, mais que as lembranças, o cabedal de conhecimentos que é transmitido a cada um de nós por meio das contações, das músicas, das danças, dos trajes e de toda representatividade que tudo isso abarca.

Ficam as memórias, as emoções sentidas em meio ao intenso burburinho cultural de fazer inveja a qualquer mortal que não tem a graça de viver tão intensas passagens. Eu, felizmente, tenho.

Patrimônio e Memória

Ana Paula Rodrigues Bertolino

Arquivo Público Municipal

“Um povo identifica-se enquanto povo, na herança simbólica materializada e compartilhada através dos seus ritos, objetos, modo de vida, valores, tradições e crenças, sendo estes, pilares fundamentais na construção de sua identidade”.

Na preservação do patrimônio e da memória de um povo, “tocamos” em seus alicerces, no fio condutor de sua dinâmica pessoal, familiar e social e este vai fortalecendo-se ao longo do tempo, construindo marcos e registros; registros estes, estudados ao longo da história, na eterna busca da consolidação humana.

Tamanho é a relevância desse contexto, no âmbito pessoal e social de uma comunidade, que na cidade de Olímpia, preocupada e cuidadosa com essa preservação, institucionalizou, em fevereiro de 2018, através da Lei Municipal 4.336/2018, o Arquivo Público Municipal, Dr. Antônio Augusto Reis Neves.

Olímpia, cidade Menina Moça, no esplendor dos seus 121 anos, entrelaça sua história a história de tantos habitantes; histórias contadas, cantadas, fotografadas, desenhadas e registradas em diversos formatos, por toda a sua gente.

Diante de tanta riqueza cultural, o Arquivo Público Municipal, Dr. Antônio Augusto Reis Neves, no exercício de suas atividades administrativas recebe doações de acervos pessoais e os transforma em acervos históricos. Esses acervos, no âmbito da instituição, recebem toda a atenção quanto as tratativas de conservação, organização, catalogação e contextualização, zelando por manter suas características originais ao longo da história.

O Arquivo Público Municipal possui, consolidados, seus instrumentos jurídicos e uma equipe capacitada que busca ampliar seus conhecimentos, na atuação junto aos acervos e preservação destes, tendo como objetivo principal a contribuição cultural para a nossa nação.

A escolha do patrono da instituição foi realizada, a partir de um trabalho de pesquisa em seus acervos, através de fotografias, textos, depoimentos e referências da população, carregando em sua memória aqueles que, com seus méritos, contribuíram para a construção de nossa cidade, tendo no exemplo do educador, Dr. Neves, um traço da grandeza da nossa gente.

O Festival do Folclore, marco cultural de nossa cidade, oferece uma grande oportunidade para o Arquivo Público que, desde sua institucionalização em 2018, possui um espaço de difusão cultural, ofertan-

do, à população e aos grupos folclóricos e parafolclóricos, a oportunidade de acessar acervos fotográficos e audiovisuais dos antigos festivais, além de gerar novos registros, através de apresentações e entrevistas.

Memória e afetividade misturam-se no reconhecimento, por parte dos integrantes dos grupos, de suas trajetórias e da trajetória dos seus, na construção da história do Festival.

Ano a ano, junto ao Festival, o Arquivo Público vem registrando suas atividades e produzindo seus próprios acervos, corroborando com outras fontes de pesquisas sob o tema, até que, uma vez amadurecido, possa tornar-se uma das principais referências para pesquisas.

Em comemoração aos 60 anos do Festival do Folclore, o Arquivo Público Municipal contribuirá, a partir da exposição “60 Anos Desenhando a Cultura Brasileira”, para com a divulgação do acervo doado pelo artista plástico, Willian Antônio Zanolli, colaborador do Prof. José Sant Anna; com desenhos pintados à mão, com tinta nanquim, publicados no Anuário do Folclore de 1994, onde foram referenciados os contos coletados por Sant Anna, através de suas pesquisas junto à população.

Uma exposição que elucida as crenças e os ditos populares, reencontra amigos, grupos de danças e colaboradores, diminuindo o limiar do tempo, nas memórias de todos os envolvidos, reforçando, uma vez mais, a afetividade para com a riqueza das palavras e o carinho do Prof. José Sant Anna com a sua gente.

Preservar a memória de uma comunidade é garantir a herança cultural de um país que se constrói continuamente, todos os dias; que descortina o véu do tempo e faz com que passado, presente e futuro se encontrem, no agora, o que demonstra quanto a vida “entrega” e que, através do respeito ao patrimônio e à memória, há sempre pilares para novas e transformadoras histórias.



Boitata e O Gato e o Toicinho: xilografuras feitas por Willian Zanolli para os Anuários do FEFOL

Novo Museu do Folclore de Olímpia: um projeto feito com afeto, por muitas mãos

Ana Cândida Baêso Moura

Larissa Torres Graça

Mas hoje, na casa véia que eu moro, transformou-se um canto lindo, chegada de muitos turista, uns entrando, outros saindo; hoje é igual a uma pensão, naquela distraição. Eu mentindo e você rindo. Mentindo não – folclore.

Mestre Manoel Galdino (2011)

O mestre do barro e cordelista pernambucano Manoel Galdino, em seu texto *Se Cria Assim*, aconselha em versos: “Muito menos guardar/Muito mais revelar/Pra ter mais soberania/Muito poca covardia/Não dormi para sonhar” (VITORINO, 2013, p. 8). O projeto do novo Museu do Folclore de Olímpia (MFO), criado por um coletivo de pessoas de Olímpia e de diversos lugares do país, todos amantes da cultura brasileira, busca revelar, por meio de seu conteúdo e expografia, um espaço de sonhos. Espera-se que a nova casa do Museu seja um canto lindo, morada em que, com soberania e sem covardia, reine com afeto o folclore, o folcróre, o forcróre, a cultura popular, o patrimônio, enfim, a arte e a cultura!

Eternamente jovem, eternamente velho

O município de Olímpia foi declarado “Capital Nacional do Folclore” pela Lei Federal nº 13.566/2017, em reconhecimento ao seu histórico de valorização das práticas das culturas populares brasileiras, por meio da realização do Festival do Folclore de Olímpia (FEFOL), que ocorre de forma ininterrupta, completando a 60ª edição neste ano de 2024.

Embora proveniente da mesma fonte que o FEFOL – os trabalhos escolares desenvolvidos pelo professor José Sant’anna –, o Museu de História e Folclore Maria Olímpia (MHFMO) passou a existir de fato em agosto de 1973.

Ao logo de seus 50 anos, o MHFMO acumulou um rico patrimônio, composto por acervo de antropologia e etnografia, que abrange cerca de 1.300 itens de trançados, cerâmicas, instrumentos musicais, rendas e bordados, indumentárias folclóricas e de trabalho, objetos de uso doméstico, entalhes em madeira, brinquedos artesanais, imagens e figuras de santos; e por acervo multimídia, com cerca de 2.000 itens, que contempla fotografias, LPs, fitas cassete, VHS e demais suportes. Esse acervo teve origem na coleção pessoal do professor José Sant’anna e em doações, em especial dos grupos folclóricos, assim como em algumas aquisições por compra.

Atualmente, a exposição do MHFMO está ancorada na exibição de objetos do acervo em vitrines convencionais, na exposição de fotografias e na sala memorial do professor Sant’anna, com a exposição de parte de sua biblioteca e de itens pessoais. É um museu que, em sua simplicidade, carrega histórias e identidades não só dos olimpienses, mas de grande parte das culturas brasileiras.

O projeto do novo MFO surgiu da parceria firmada em 2022 entre a Prefeitura de Olímpia e a Fundação Roberto Marinho (FRM), durante a 58ª edição do FEFOL. O objetivo principal era, a partir de uma museografia moderna, atraente e tecnológica, animar o rico acervo do Museu, dar-lhe vida, para a fruição do grande público.

A Prefeitura de Olímpia decidiu pelo desmembramento do MHFMO em dois equipamentos culturais – um novo Museu do Folclore (objeto da parceria com a FRM) e um outro sobre a história de Olímpia, a ser ainda concebido e implantado pela administração pública.



Recepção (Fonte: Fundação Roberto Marinho)

O desafio assumido pela FRM foi conceber o novo MFO a partir de um museu que já existia, o que representava uma grande responsabilidade: a de tratar com respeito um tema rico e vasto, mantendo a essência e fazendo jus a todo o legado construído por pessoas e coletivos que contribuíram para a existência do MHFMO.

Assim mergulhamos nesse projeto, não sem antes pedir licença e as bênçãos aos ancestrais dos brasileiros que inspiraram diversas manifestações culturais do país, manifestações essas que, ao longo de séculos, mantêm tradições e apresentam inovações – culturas vivas e potentes!

Um museu popular, dinâmico e comprometido com a sociedade

Na 26ª Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus (ICOM), que ocorreu em Praga, em 2022, foi estabelecida a nova definição de museu, cujo novo texto passou a incorporar termos e conceitos relacionados aos desafios contemporâneos, tais como sustentabilidade, diversidade, comunidade e inclusão.

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos (ICOM, 2022).

A constituição dos museus brasileiros foi hegemônica – seguiu o modelo ocidental, que reflete a representação de valores da classe dominante. Assim, foram suprimidas as perspectivas indígenas e afro-brasileiras que, no caso da cultura brasileira, fazem parte indissociável da constituição do patrimônio material e imaterial nacional.

No Brasil foram estabelecidos debates sobre a museologia social a partir de 2003, especialmente apontando a importância de que cada comunidade pudesse ter o poder de controlar a narrativa sobre si mesma. Nessa nova perspectiva, privilegia-se o fortalecimento das respectivas identidades, ao estabelecer as conexões críticas entre o passado, o presente e os futuros desejados, quando adequadamente representados nos equipamentos culturais denominados “museus”.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), “a museologia social tem como cerne a defesa de que o museu seja apropriado como uma ferramenta de uso comunitário e participativo, para que as pessoas pesquisem, compreendam, salvaguem e divulguem suas próprias histórias nos seus próprios termos.” O cerne da proposta é que as decisões sobre quais memórias são relevantes para serem preservadas sejam tomadas coletivamente (IBRAM, 2023).

Essa vertente parte da crítica à capacidade de representação dos museus tradicionais, criados para atender aos registros de memória e à visão de mundo de uma classe abastada, que tem dificuldade de dialogar com toda a população, por ser excludente.

No mesmo sentido, o museólogo e antropólogo professor Bruno Brulon (2020a, p. 23-24), reconhece que os museus são dispositivos de poder que reproduzem hierarquias históricas e materialidades subalternas. Partindo do entendimento de que o equipamento cultural museológico deve ser um dispositivo para a democracia cultural, Brulon afirma que as políticas públicas devem ter como objetivo a reconstrução do pensamento e a realização de reparações históricas, a fim de subverter as lógicas de dominação.

Descolonizar o pensamento sobre os museus e a museologia implica reimaginar os sujeitos dos museus [...] visando configurar novos regimes de valor [...] para se imaginar materialidades outras, patrimônios outros, vidas outras passíveis de serem valoradas (BRULON, 2020a, p. 26).

Assim, a democratização dos museus deve considerar não apenas a ampliação do acesso dos diversos públicos aos equipamentos instituídos, mas principalmente repensar quais memórias e histórias suas exposições querem contar, e como o museu conecta-se com o território em que está inserido e com os públicos com os quais deseja dialogar. É preciso uma autocrítica para analisar quais visões seus conteúdos, imagens e linguagens estão reproduzindo sobre um dado povo ou comunidade.

Os museus devem estar a serviço da sociedade como instâncias fundamentais para o aprimoramento da democracia, da inclusão social, da construção da identidade, do conhecimento e da percepção crítica da realidade. Sobretudo, um museu que trate de cultura popular deve ter a compreensão de que está diante de uma linguagem que atinge e é acessível a todos, sem distinção, e que, portanto, não passa pelos padrões da alta cultura, porque não é a linguagem dos grupos de dominação.

O novo MFO pretende narrar a história do folclore não só de Olímpia, mas de grande parte do país, considerando que a história da cultura popular na cidade foi e é feita a partir da relação entre seus grupos folclóricos e parafolclóricos, seus cidadãos (que vêm se dedicando há 60 anos à presença do folclore nas escolas, nas ruas da cidade, no FEFOL, no FIFOL e no Museu de História e Folclore Maria Olímpia), e, também, os mais de 500 grupos de todas as regiões do Brasil que participaram do FEFOL nos seus 60 anos de existência.

Desde o início do processo, a equipe da FRM deu prioridade à realização de uma escuta atenta e cuidadosa do poder público (especialmente a Secretaria de Turismo e Cultura, a Secretaria de Educação e o Arquivo Público), dos responsáveis pelo atual MHFMO, de mestres e mestras de grupos folclóricos e parafolclóricos, e da sociedade civil de Olímpia, além de representantes de grupos culturais de diversas regiões do país que já participaram do FEFOL, além de pesquisadores, especialistas, educadores, agentes públicos e profissionais do campo da cultura popular.

O projeto do novo museu contou diretamente com mais de 40 profissionais de diversas disciplinas para o desenvolvimento dos projetos de curadoria, museografia, acessibilidade e educativo. Esse coletivo, com pensamentos e ideias que partiam de diferentes lugares, pressupostos e paradigmas, relacionou-se em

diversos níveis, a partir de uma perspectiva participativa e colaborativa. Nesse processo, diversas visões e cenários foram apresentados, ora a partir de uma abordagem de compartilhamento em seu sentido mais pleno e potente (especialmente no âmbito da curadoria), ora na tomada coletiva de decisões que advieram muitas vezes de diversas vozes (nem sempre consensuais). Foram necessárias muitas idas e vindas e a disponibilidade de ceder (em parte ou no todo) a autoridade. Foi um exercício de compartilhamento de poder, a fim de se alcançar um discurso mais equitativo.

O processo partiu da interação entre visões e experiências, por meio de processos de escuta com fazedores do folclore e com pessoas do município de Olímpia. Alguns, em especial, atuaram de forma mais direta durante o desenvolvimento do projeto, entre eles o etnomusicólogo e doutor em música

Estêvão Amaro dos Reis, a historiadora Maria do Carmo Moreira Kamla Passi, a museóloga Roseane Nunes e os pesquisadores locais Camila Santos e Cristian Assis, que foram nossos ouvidos e nossos articuladores em Olímpia. Eles tiveram a incrível tarefa de coletar e sintetizar documentos, fotografias e histórias a partir da conversa com tantos cidadãos olimpienses que contribuíram para a construção do FEFOL e dos grupos folclóricos locais, como a musicista e líder do grupo parafolclórico Godap, Maria Aparecida de Araújo Manzolli (professora Cidinha Manzolli), o capitão José Ferreira (in memoriam), o mestre Adelis de Paula Santos (in memoriam), o advogado, jornalista e folclorista André Nakamura, as artesãs Odete Coradini, Josi Artesã (in memoriam), Amanda Basso e Luzia dos Santos. Por parte da Prefeitura, para muito além das questões administrativas e institucionais, o profundo engajamento das secretárias de Cultura – primeiramente a Guegué (Priscila Foresti) e agora a Raquel Crepaldi Righetti –, que abraçaram o projeto com toda a dedicação e o comprometimento, ao lado de outros secretários municipais e servidores públicos, entre eles Rodrigo Marini, Bruno Guzzo, Leandro Galina, Ana Paula Rodrigues Bertolino e Camila Reale. Além desses, foram tantos outros que, para citar, tomaríamos algumas páginas deste anuário. Por fim, não poderíamos deixar de reconhecer que, por sua paixão pelo folclore e por Olímpia, o prefeito Fernando Cunha não mediu esforços para dar início a todo o processo de sonhar o novo Museu.



Caminho das Festas (Fonte: Fundação Roberto Marinho)



Caminho de Olímpia (Fonte: Fundação Roberto Marinho)

Cada um dos envolvidos serviu de norte para nós. Éramos “forasteiros” conscientes, e não podíamos, nem queríamos, falar em nome dos olimpienses. Assim, sempre que o caminho desviava, esse coletivo de cidadãos apaixonados pelo folclore trazia-nos de volta a Olímpia, para que pudéssemos pensar um novo equipamento museológico, no mínimo equivalente ao apreço que a cidade e seus cidadãos têm pelas manifestações culturais populares. Assim, o projeto foi feito com muito orgulho, afeto e respeito ao pertencimento, diversidade e identidade cultural de todos que estiveram envolvidos.

Conceber um novo museu a partir de um processo de curadoria compartilhada é desafiador. Durante muito tempo os processos curatoriais aconteceram de forma uníssona, em que “detentores de conhecimento”, em especial acadêmicos e intelectuais, ficavam responsáveis pela integralidade do processo. De acordo com o professor Brulon (2020b, p. 15), a figura do técnico, detentor do saber científico, muitas vezes é utilizada “para legitimar ou naturalizar um discurso oficial ou hegemônico, por vezes subsidiado pela ação do Estado que visa controlar a realidade social por meio do controle dos regimes culturais de representações locais”.

Assim, na maioria das vezes, os povos retratados em museus eram meros espectadores dos conteúdos acerca de si próprios, sendo privados da possibilidade de contribuir e opinar sobre as questões acerca de sua cultura, seus modos de vida e sobre os seus objetos expostos. Esse tipo de curadoria refletiu, por muito tempo, a forma predominante de curadoria de exposições e museus.

A discussão sobre outras formas de curadoria, entre elas a compartilhada, é recente. Trata-se de modos de criação que envolvem múltiplas vozes, como as dos próprios representados no conteúdo da mostra.

Nesse sentido, o professor doutor na área de Museologia Camilo de Mello Vasconcellos (2021, p. 29) afirma que o novo modelo, oriundo do movimento da nova museologia, cria um campo fértil para a discussão da museologia comunitária, compartilhada ou colaborativa, a partir de uma prática mais democrática nos museus, nas quais esteja assegurado o direito de autorrepresentação, superando-se as pautas conservadoras dos museus tradicionais.

Exposições concebidas dessa forma assumem contornos mais complexos, muitas vezes com tensões e disputas; no entanto, trazem sobretudo um conteúdo mais legítimo, em muitos aspectos.

Soma-se à complexidade do compartilhamento de ideias e opiniões o fato de aqui se tratar de tema tão vasto e complexo como o folclore, que busca agrupar múltiplos elementos representativos de diversas culturas populares, na qual saberes, conhecimentos e tradições são produtos de relações sociais e políticas, constituídas por uma ampla rede de trocas e adaptações ao mundo contemporâneo.

Criar o novo Museu do Folclore de Olímpia na contemporaneidade é lançar luz sobre a trajetória histórica do termo “folclore” e sua relação com a complexidade da vida atual, em especial sobre a contribuição que os saberes e conhecimentos populares podem assumir na vida contemporânea. Nesse contexto, o novo Museu foi pensado para se tornar uma importante ferramenta de atualização do conceito de “folclore” e de “culturas populares” em toda a sua diversidade e complexidade – não como fenômenos sedimentados e facilmente reconhecíveis à primeira vista, mas como experiências vivas em constante atualização e reinvenção.

À frente desse imenso desafio, e com a equipe técnica da Fundação Roberto Marinho, somaram-se como curadores na fase de concepção a doutora em Arte Educação e contadora de histórias Regina Machado, o curador de arte Marcus Lontra e o doutor em Etnomusicologia professor Edilberto Fonseca. Já na fase de desenvolvimento, assumiram a tarefa a historiadora e museóloga afrodescendente Elaine Ventura, a antropóloga indígena Francy Baniwa, e o etnomusicólogo eurodescendente Edilberto Fonseca (que também havia participado da concepção curatorial).

Como não só de conteúdo se faz um museu, para criar o espaço expositivo, a cenógrafa Renata Pittigliani assumiu com maestria a função de dar forma a todos esses sonhos, concretizando as experiências do Museu em seus cinco caminhos: Caminho da Festa, Caminho da Terra, Caminho das Palavras que o Vento Leva, Caminho das Fontes e Caminho de Olímpia.

Para o toque final, a designer Nancy Torres, por meio de cores e formas, vestiu o projeto da exposição com a sua identidade visual que, com a tecnologia, o som, a acústica, a iluminação e os recursos acessíveis, formaram espaços de encantamento, experimentação, interação e aprendizado para os visitantes.

A caminhada não se deu em linha reta e as curvas trouxeram muitos ensinamentos. Apesar da intensa dedicação, não tínhamos a pretensão de que o novo Museu atendesse a todas as expectativas, já que não é simples retratar toda a riqueza das manifestações populares brasileiras e a história da relação de Olímpia com o folclore em cerca de 500 m2.

Tivemos de escolher o que caberia nessa nova exposição e o que ficaria de fora, e essa é a principal dor de um processo de curadoria – reconhecer que há limites intransponíveis. Para nos ajudar nessa empreitada, como foi dito, recorreu-se várias vezes aos olimpienses e a diversos integrantes dos grupos folclóricos que participaram do FEFOL em 2023, para os quais indagamos: “O que não pode faltar no novo Museu do Folclore?” E, para nossa surpresa, 90% deles responderam: “Um objeto do meu grupo”.

Sabíamos que a missão de coletar e agrupar mais de 500 objetos nessa exposição (já que esse é o número aproximado de grupos do país todo que já passaram pelo FEFOL) era uma tarefa impossível, mas essa provocação fez-nos repensar a expografia, trazendo mais objetos do que se havia pensado inicialmente. Ainda assim, como não seria possível ter cinco centenas de objetos no Museu, recorreremos à tecnologia digital para nos ajudar, trazendo muitas imagens e conteúdos em fotos, interativos e filmes, para que todos possam, de alguma forma, sentir-se representados.



Tendências para o futuro dos museus

Em estudo recente, intitulado O poder do público: tendências globais para o futuro dos museus, realizado pelo Oi Futuro em parceria com a Consumoteca (2023), verifica-se que o avanço tecnológico digital fez com que as narrativas pessoais se tornassem cada vez mais relevantes. Segundo a pesquisa, trata-se de um dos impactos decorrentes da pandemia de Covid-19.

Se antes o indivíduo contentava-se em ser espectador, hoje ele exige ser protagonista da própria história. Essa nova perspectiva impacta massivamente a forma como as pessoas consomem arte e enxergam os museus. Exige que os equipamentos culturais repensem suas relações com os visitantes, assumindo a centralidade da experimentação do sujeito com o conteúdo, e não o contrário, como ocorreu por séculos.

Batman Zavarese, designer multimídia, reflete que:

Se antes o museu e o cinema eram espaços de conexão com o mundo, você entrava na sala e estava na França, no Japão etc., hoje é possível fazer isso de dentro de casa, pois o celular e a internet respondem todas as nossas dúvidas, nos divertem, nos informam... Isso elimina a necessidade do museu nos informar, nos ensinar pura e simplesmente (OI FUTURO; CONSUMOTECA, 2023).

O simples papel de informar e ensinar já não é suficiente para os museus atraírem o público. Assim, esses equipamentos culturais são obrigados a se reinventar, para que possam sobreviver, fazer sentido e continuar existindo.

Nesse processo, para potencializar o seu espaço físico e atender a outras demandas do público, que passou a apresentar outros interesses, grande parte dos museus lançou mão de experiências digitais e de narrativas experienciais e/ou imersivas, a fim de transcender paredes e quebrar fronteiras de seus espaços.

Alguns, inclusive, prescindiram de acervo físico, como é o caso do Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, e do Museu da Língua Portuguesa e do Museu do Futebol, em São Paulo. Outros usaram a tecnologia como recurso complementar para animar e trazer novas camadas interpretativas para suas coleções.

Fato é que essas novas tipologias de experiências são desejadas pelo público, pela capacidade de interação e participação, para além da contemplação pura e simples de objetos. Porém, mesmo dispondo desses novos recursos, nunca foram subtraídas dos museus as funções de pesquisa, partilha de conhecimento, conservação e interpretação do patrimônio.

Diante desse cenário, o projeto do MFO não se restringe apenas a entender o Museu como um espaço de guarda de bens culturais do passado, mas sobretudo a buscar sentidos e significados no seu acervo para o presente e para a construção do futuro, trazendo, a partir de sua exposição, novos paradigmas de interação para os diversos perfis de visitantes, proporcionando-lhes uma experiência única de imersão e reflexão sobre o folclore brasileiro – um dos mais ricos do mundo, por sua diversidade cultural.

Além da exposição de longa duração, que será a “vitrine” desse acervo e de seu conteúdo, o Museu deve estar também sempre dedicado à pesquisa e à produção cultural (espetáculos, fonogramas, oficinas, livros, exposições, etc.), à comunicação, à educação e ao conhecimento sobre o folclore e as culturas populares brasileiras.

Retomando os aspectos do estudo realizado pelo Oi Futuro e Consumoteca (2023), um museu deve ser de todas as tribos, ou seja, deve trabalhar práticas sociais antagônicas às ordens hegemônicas monoculturais.

Além desse, que é hoje o foco principal, há ainda outras estratégias que podem ser adotadas pelos museus, como: atuar extramuros – o museu sai de seus limites físicos para ocupar outros espaços, criando circuitos culturais pelo território; cultivar sensações – por meio de expografia que privilegia estímulos sensoriais, sentidos, sentimentos; ser figital – podendo atender o público física e digitalmente; operar como um metamuseu – com experiências gamificadas e de sociabilidade para o público mais digitalizado; apresentar uma história ampliada – história contada a partir de vozes não hegemônicas, revelando novas perspectivas; estabelecer cápsulas itinerantes – pela descentralização de parte da exposição, para ir ao encontro do público em outros locais do território e até mesmo em outras regiões; converter-se em um museu insone – que abre as portas em horários não convencionais; e revelar o backstage – convidando o público a conhecer os bastidores de sua operação.

Há muitas estratégias possíveis para que os museus possam se relacionar em outras camadas com seus públicos e o novo Museu do Folclore de Olímpia tem múltiplas possibilidades de começar uma nova página na sua história a partir de outras perspectivas inter-relacionais com os seus visitantes, considerando toda a diversidade de seu próprio público.



Jardim do Acolhimento (Fonte: Fundação Roberto Marinho)

Museu com tecnologia e afeto

Sim, o novo Museu do Folclore de Olímpia terá muita tecnologia!

Recursos tecnológicos são muito atrativos para crianças e jovens, público este muito significativo para o Museu. No entanto, é importante entender o que é, de fato, tecnologia no MFO.

A palavra “tecnologia” é, atualmente, quase sinônimo de “tecnologia digital”. Quando se pensa em algo tecnológico, logo vêm à mente telas de última geração, óculos de realidade aumentada, produção de hologramas, inteligência artificial, etc. Apesar da euforia que as novidades digitais podem causar, quando utilizadas de forma burocrática elas servem apenas como suporte desconectado do conteúdo, não trazendo inovação alguma. Quando superficial e autocentrada, a tecnologia digital apenas proporciona uma excitação fugaz, que logo afasta os visitantes.

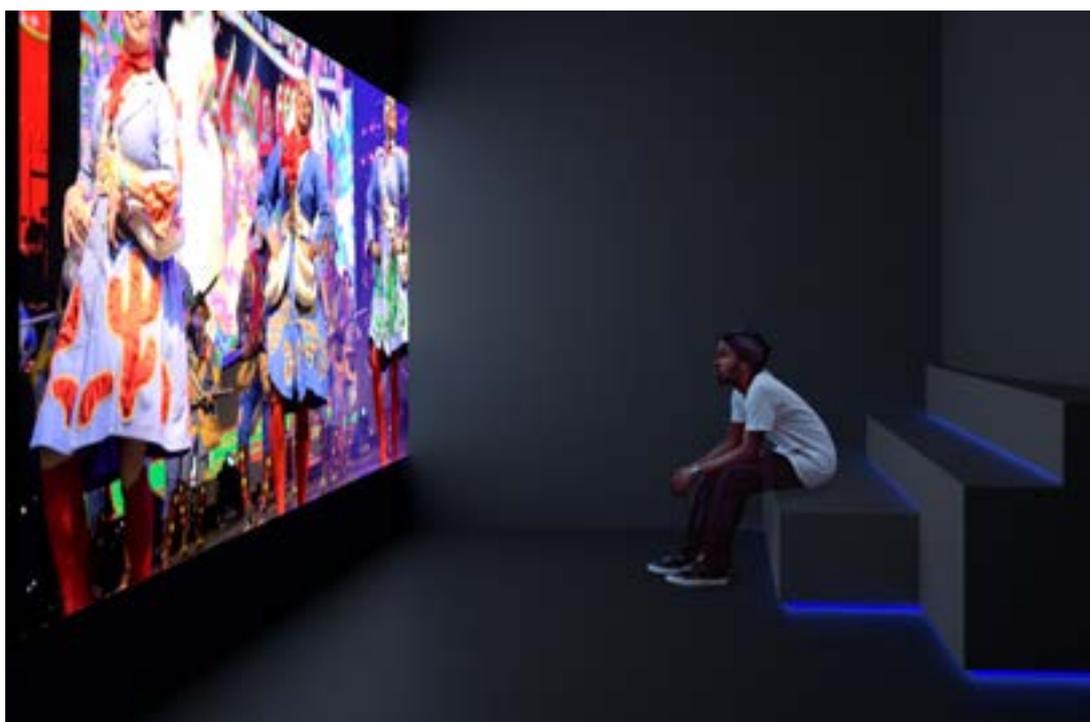
A tecnologia digital no MFO (audiovisuais, interativos e equipamentos) estará a serviço do conteúdo, possibilitando a interatividade e a imersão, a condução de narrativas e o oferecimento de múltiplas camadas de informação da exposição.

A tecnologia, de fato, vai muito além do digital. Em sua definição, ela é um conjunto de processos e habilidades utilizados na produção de bens ou serviços ou na realização de objetivos.

Assim, cumpre destacar que o novo Museu do Folclore contará com tecnologia digital, mas principalmente exibirá tecnologias humanas, criadas a partir de processos e habilidades manuais e criativas do ser humano, tais como danças, músicas, objetos, histórias, celebrações, festas, louvações, brincadeiras e muitas mais, capazes de produzir encantamento.

O projeto expositivo do novo MFO foi desenvolvido a partir de objetos e referências patrimoniais significativas dos acervos físico e imaterial do MHFMO. Assim, a proposta curatorial é inovadora, ao conectar a tecnologia digital à tecnologia humana, a partir de experiências museográficas contemporâneas. Cada imagem, filme, objeto, texto, audiovisual, equipamento, interativo, entre outros, cumpre seu papel para, no conjunto, despertar o afeto e a curiosidade do visitante.

O Museu também pode ser entendido como uma ferramenta de tecnologia educacional. São possíveis múltiplos processos de aprendizado e novas maneiras de se assimilar conhecimento.



Caminho de Olímpia - filme Fefol (Fonte: Fundação Roberto Marinho)

Um legado...

Esperamos que o novo Museu do Folclore de Olímpia possa suscitar sonhos de transformar a realidade, contribuir para um mundo mais justo e digno para todos, e colaborar para construir uma sociedade que respeite a diversidade e leve em conta as necessidades efetivas do ser humano.

Esperamos ainda que, em breve, o projeto do novo Museu possa se concretizar a partir da sua implantação no novo edifício no Recinto do Folclore.

Torcemos para que a equipe responsável por sua gestão tenha um olhar atento para captar junto ao público as melhorias e adaptações que serão necessárias ao longo do tempo para manter o Museu atrativo e relevante. Em sendo o folclore uma realidade dinâmica, será fundamental que o Museu acompanhe o movimento das manifestações culturais. Assim como elas, ele também deve estar em constante atualização e reinvenção, buscando se manter representativo em toda a sua diversidade e complexidade.

Como nunca é demais sonhar (e, nesse caso, realisticamente), vislumbramos ainda que esse será um dos museus mais visitados do Brasil, contribuindo como um amplificador da beleza e da diversidade da cultura e do patrimônio de nosso país.

Bibliografia

- BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. Anais do Museu Paulista, vol. 28, 2020^a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/KXPYHFZfFNqtGd9by39qRcr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 jun. 2024.
- BRULON, Bruno. Introdução. Descolonizando a museologia: a experiência museal recontada nos tempos das comunidades. In: Descolonizando a Museologia. Museus, Ação Comunitária e Descolonização. ICOFOM e ICOM. V. 1, p. 9-29. 2020b. Disponível em: https://www.academia.edu/44719795/Descolonizando_a_Museologia_1_Umseus_A%C3%A7%C3%A3o_Comunit%C3%A1ria_e_Descoloniza%C3%A7%C3%A3o_Descolonizando_la_Museolog%C3%Ada_1_Museos_Acci%C3%B3n_Comunitaria_y_Descolonizaci%C3%B3n_Decolonising_Museology_1_Museums_Community_Action_and_Decolonisation. Acesso em: 28 jun. 2024.
- IBRAM. Museologia social. 2023. Gov.br. Ministério da Cultura. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-aco-es-obras-e-atividades/programa-saber-museu/temas/museologia-social>. Acesso em: 23 jun. 2024.
- ICOM. Nova definição de Museu. 2022. Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=2776. Acesso em: 2 jun. 2024.
- “Manoel Galdino – Tudo é Folclore”, direção Claudio Assis, documentário, 2011. 19m 55s / 3m4s – 3m12s). Brasil (PARTE 1). Canal Yanara Galvão. Disponível em: <https://youtu.be/yByKsp4S1m4?t=513>. Acesso em: 30 jun. 2024.
- OI FUTURO; GRUPO CONSUMOTECA. O poder do público: tendências globais para o futuro dos Museus, 2023. Disponível em: <https://oifuturo.org.br/pesquisa-internacional-o-futuro-dos-museus/>. Acesso em: 23 jun. 2024.
- VASCONCELLOS, Camillo de Mello. Curadoria em Museus Antropológicos. Anais do Museu Paulista, v. 29, p. e36, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/5xxJd5Hkg93ZvKQhTqBZH9p/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 jun. 2024.
- VITORINO, Rosângela Ferreira de Oliveira. Mestre Galdino: o ceramista poeta de Caruaru – PE. São Paulo, 2013. 231 f. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/cc325beb-0302-4052-9452-69e30bf3d249/content>. Acesso em: 24 jun. 2024.

O Fefol em 60 imagens: Momentos históricos contados através de fotos icônicas

Maria do Carmo Moreira Kamliã Passi e Estêvão Amaro dos Reis



Professor Victório Sgorlon, na escola Capitão Narciso Bertolino



Professor Victório Sgorlon e Professor José Sant'anna



Clube Literário e Recreativo de Olímpia



Exposição no Colégio Olímpia



Exposição na escola Capitão Narciso Bertolino



Clube Literário e Recreativo de Olímpia



Exposição na Taba do Carajá



Apresentação no Colégio Olímpia



Dupla Totó e Totózinho



Folia de Reis na sala do Colégio Olímpia



Recomendação para as Almas com professor Sgorlon e José Sant'anna, na Escola Capitão Narciso Bertolino



Brincadeiras tradicionais



Brincadeiras tradicionais, bolinha de gude



Altino Robazzi e colaboradores do FEFOL



Colaboradores do FEFOL



Altino Robazzi e colaboradores do FEFOL



Alunos da escola Capitão Narciso Bertolino



Grupo de alunos escola Capitão Narciso Bertolino, pesquisando sobre folclore





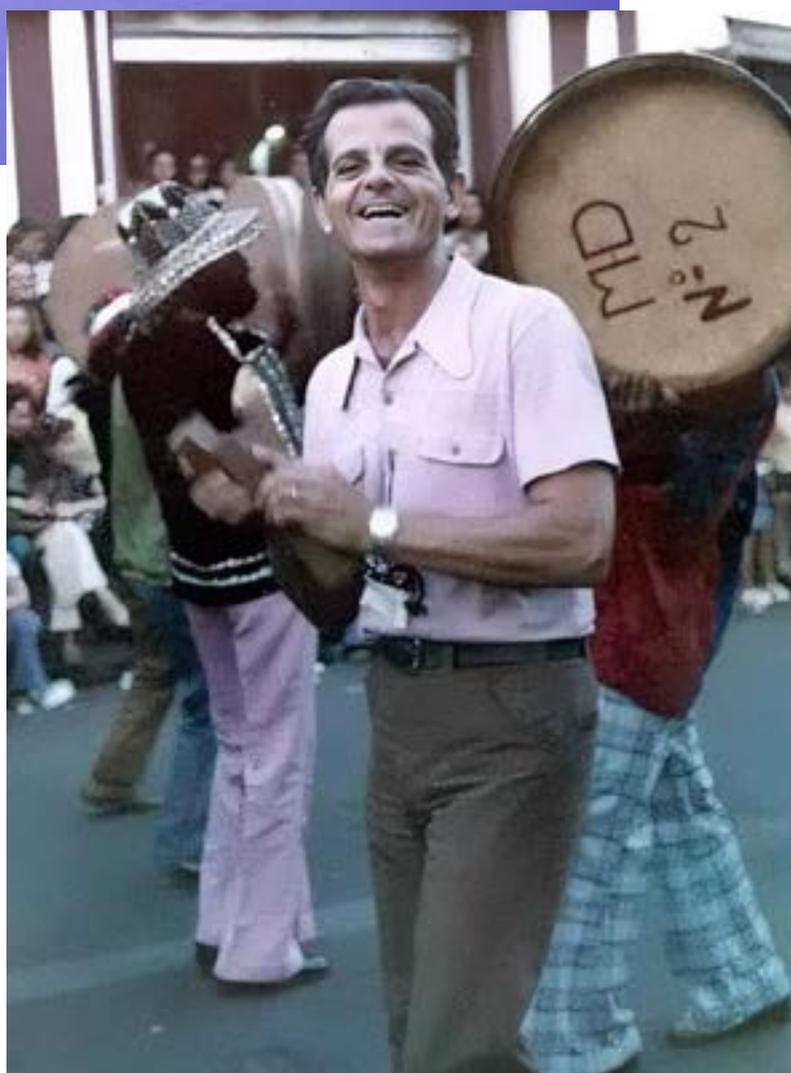
Folia de Reis Mirim, de Olímpia



Folia de Reis no desfile do FEFOL



Portal do 5º Festival do Folclore de Olimpia



Beto Constantino - Comissão FEFOL



Dança da Catira



Terno de Congada de Sainha Irmãos Paiva, na Praça da Matriz



Companhia de Reis do Auditório da Rádio Difusora de Olímpia



Companhia de Reis do Auditório da Rádio Difusora de Olímpia



Guarda de Moçambique O Manhoso de Ibiraci



Capitão José Ferreira, do Terno de Congada Chapéu de Fitas



Primeiro Saci do FEFOL



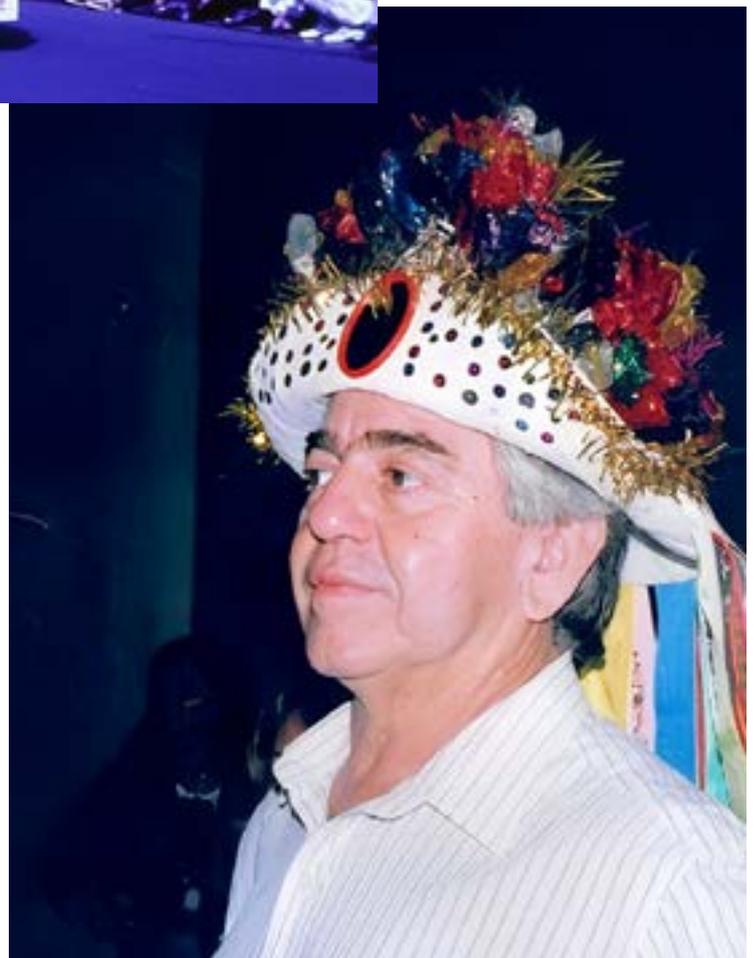
Primeiro desfile do FEFOL



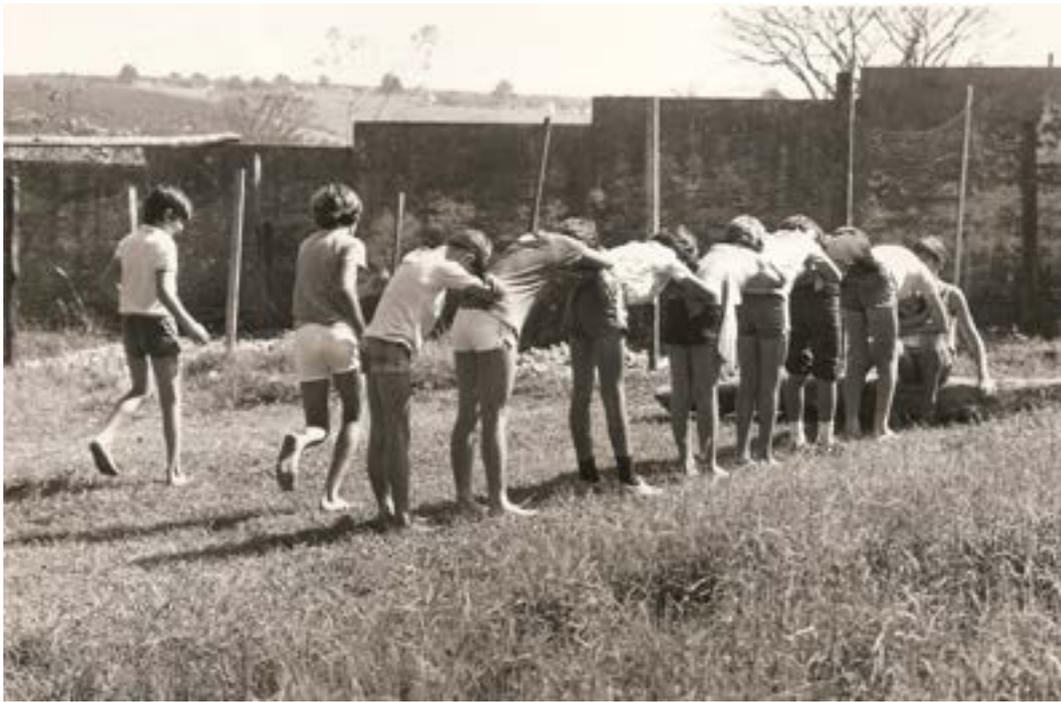
*Desfiles dos Fuscas -
Mila Constantino*



*Professor José Sant'anna,
comendo sentado no chão*



Professor José Sant'anna com chapéu de reisado



Balança caixão - brincadeira infantil



Dança do Bambu - GODAP



Dona Marcolina - Benzedeira



Professor Sant'anna dança com integrante de grupo folclórico



Desfile parafolclórico - gaúchos



Cordão de Bichos de Tatuí



Carro de boi



Dona Natalina



Guanabara



Jeca Tatu



Folia de Reis Mirim



Folia de Reis - Fardados dançam no desfile do FEFOL



Folia de Reis de Bagaçu



José Sant_anna, Toninho Peba, Célio Franzin e colaboradores do FEFOL



Maquete da Igreja da Matriz



Máscaras, Bandeira e instrumentos musicais da Folia de Reis



Missa dos violeiros



Coreografia com a frase Salve o Folclore



Miguel Profeta



Radialista Zequinha do Norte



Neves Manfré dos Santos



Praça da Matriz no 10 º FEFOL



São Gonçalo



*Violeiro em Charrete -
defile do FEFOL*



Sinhá Moça - desfile parafolclórico



Jubileu de Diamante

FEFOL há 60 anos, nossa festa é jubilar, brilha em nós o diamante da cultura popular!

Relatos dos bastidores da Educação no Festival do Folclore de Olímpia

Secretaria de Educação

É com essa alegria radiante que mais um ano da festa maior de Olímpia se passou e nos encontramos novamente para dialogar sobre os trabalhos desenvolvidos pela educação municipal da Estância Turística de Olímpia, que fazem da cidade a Capital Nacional do Folclore. Nas últimas edições do Anuário, apresentamos detalhes sobre as culminâncias e atividades do ambiente escolar durante o Festival Nacional do Folclore.

Mas, para este ano especial e comemorativo dos 60 anos do FEFOL, trazemos um conteúdo escrito por muitas mãos, evidenciando o olhar de pessoas envolvidas nos bastidores do trabalho da Educação com o folclore. É a história por trás da história, que por meio de palavras expressam momentos marcantes dos Festivais de Folclore em suas vidas. A intenção é valorizar o processo de planejamento e criação que, muitas vezes, fica invisível aos olhos de quem somente visualiza o produto final, como os espetáculos de abertura, as brincadeiras e demais atividades, mostrando, assim, todas as etapas que envolvem o acontecimento, desde sua concepção, proporcionando aos leitores uma imersão completa no mundo do FEFOL, que quase ninguém vivencia.

O trabalho da Educação Municipal com o folclore se fortalece a cada ano e ganha mais espaço no ambiente escolar, familiar e social, durante todo o ano letivo. É um aprender brincando, se encantando, se divertindo, que começa muito antes e vai muito além da semana de atividades que acontece no Recinto do Folclore. Na participação das aulas com as brincadeiras populares, contação de histórias, danças, pesquisas, confecção de brinquedos e artesanatos, o Folclore em ação se faz em ensaios para o Minifestival e para a Abertura do FEFOL, na Gincana de Brincadeiras Tradicionais, Folclorança, confecção de prendas e mimos, Seminário de Estudos e tudo mais que compõe o Festival em si. Todos os detalhes sobre essas atividades constam em edições anteriores do Anuário do FEFOL.



Mini Festival

E assim chegamos aqui, aos 60 anos do FEFOL e a seu grandioso e aguardado espetáculo de abertura. A formatação da abertura da sexagésima edição começou no último dia da 59ª edição, no momento do anúncio de que a homenagem, em 2024, seria para Olímpia, sendo o solo sagrado do folclore brasileiro. Naquele mesmo momento, as ideias e possibilidades começaram a surgir entre os responsáveis. Os meses seguintes foram de muita pesquisa em busca de entender melhor os detalhes, ouvir relatos, conversar com pessoas que vivenciaram a experiência do festival desde as primeiras edições. E, assim, uma história começou a ser escrita.

Mais do que apresentar um espetáculo de abertura homenageando o Folclore Brasileiro, a equipe da Secretaria Municipal de Educação de Olímpia, juntamente com as equipes escolares, realiza um momento único de encontro de pessoas unidas no mesmo propósito: comemorar e celebrar mais um ano de festa da cultura brasileira.

Este ano, o trabalho resgata o início da fundação de Olímpia, os povos indígenas que por aqui passaram, a Cruz do Marco Zero que foi o primeiro símbolo da fé das pessoas, a chegada da Maria Fumaça trazendo o desenvolvimento econômico, impulsionado pelo café, a laranja e a cana-de-açúcar, bem como a localização geográfica da cidade sobre o Aquífero Guarani. O enredo traz ainda o trabalho realizado pela educação municipal, valorizando os primeiros educadores que, ao lado do Professor José Sant'anna, sempre procuraram incentivar o estudo e a pesquisa sobre o folclore, cultivado até hoje durante todo ano letivo, e fazendo referência e homenagem aos grupos folclóricos tradicionais de Olímpia como as Folias de Santos Reis e Congada. O saudosismo dos desfiles de encerramento do Festival do Folclore com a presença do veículo Fusca, enfeitado com moças que representavam as regiões do Brasil; a diversidade cultural apresentada ao som da música Aquarela do Brasil, mostrando que “Cabe o mundo inteiro no balaio brasileiro”, como disse o saudoso professor Wadão Marques. E, todos juntos, os participantes se unem na arena para mostrar o amor e alegria pelo nosso Folclore.

São 60 anos de história do Festival do Folclore, e, a seguir, você, leitor, fará uma viagem pelos relatos que traduzem a vivência e as memórias afetivas do folclore, colecionadas por professores, diretores de escola, supervisores e funcionários. Recortes que representam toda a Rede Municipal de Ensino de Olímpia, num trabalho que une mais de 6 mil alunos e servidores num mesmo propósito, o de preservar um legado de mais de meio século de amor pelo folclore brasileiro.



Gincana e Folcloranca

Maria Cláudia Vanti Luizon Padilha
Secretária Municipal de Educação e Membro da Comissão do 60° FEFOL

“Folclore remete a lembranças alegres e inocentes da infância e juventude. Na roda do mundo aqui estamos nós, na eclosão da semente chamada Folclore! Desde os tempos lá de trás, pulsa no sangue um retrato da memória da velha e nova história: Folclore! Na construção dessa história, se faz presente a Educação, onde tudo começou com seu trabalho incessante e incansável, para trazer ao público, um espetáculo ímpar de amor e admiração ao nosso folclore imortal. Quando os barulhos das máquinas de costura ecoam, e os tecidos e adereços se aplainam sobre as mesas, quando as músicas ao fundo surgem dando o tom aos ensaios, já sabemos: o Folclore vai começar para a alegria de toda a nossa gente!”

Maristela Aparecida Araujo Bijotti Meniti
Supervisora de Ensino e Membro da Comissão do 60° FEFOL

“Folclore, uma cultura que nasce através da história de cada um, que respeita as tradições e valoriza as manifestações, chegando aos nossos corações num pulsar de alegria, descoberta e encantamento, transmitindo conhecimento e agregando sabedoria; iniciando a trajetória na família e continuando através da educação com pesquisa e saberes diversos. Nos bastidores folclóricos, tudo se inicia antecipadamente pensando, pesquisando e elaborando cada detalhe, realizado por diversas mãos com envolvimento, cooperação e muita alegria, explodindo num encantamento, recheado de emoções e com a certeza do aprendizado adquirido, novos conhecimentos agregados e a preservação do Folclore, pulsando hoje e sempre em nossa querida Olímpia.”

Tiago Pessoa Lourenço
Coordenador Técnico-Pedagógico e Membro da Comissão do 60° FEFOL

“É sempre encantador falar com as crianças sobre o Festival do Folclore nas escolas municipais. Acredito que devido à importância que o tema tem para a Rede Municipal de Ensino, fica nítida a relevância que o folclore tem na vida de nossos educandos. Falando sobre os espetáculos de abertura do evento ou nas apresentações que as crianças fazem no palco do Minifestival do Folclore, a conversa nunca acaba. É assunto para o ano todo. As apresentações são apenas a culminância de um grande trabalho que acontece naturalmente durante o ano letivo dentro das escolas. Nossos pequenos artistas passam os dias aprendendo, ensaiando, se apropriando daquilo que faz parte da nossa cultura, pertencendo ao mágico movimento que o folclore faz, perpassando pelos corredores das escolas, saindo pelas ruas, entrando em suas casas e chegando ao Recinto do Folclore. A família, que se contagia tanto quanto nosso pequeno artista, assume o papel de plateia e, muitas vezes, de onde estou durante o acontecimento das apresentações, posso ler os lábios dos pais orgulhosos, dizendo aos que estão próximos, enquanto apontam para o palco: ‘Aquele ali é meu filho!’ Celulares e máquinas registram o momento, palmas intermináveis e olhares emocionados carregados de lágrimas de felicidade enchem nossos corações com a certeza de que a estrada do folclore em Olímpia é sólida e imensurável. Fazer parte como educador da construção desta história que completa 60 anos é emocionante.”

Táise Renata da Cruz
Coordenadora Técnico-Pedagógica e Membro da Comissão do 60° Festival Nacional do Folclore

“Pensar sobre folclore na minha vida é permitir um mergulho em emoções, lembranças, memórias afetivas e nas possibilidades de interações com as pessoas. Folclore acontece no cotidiano, no contato com as pessoas, na vida que vem e vai, deixa o aprendizado e permanece. Compartilho, hoje, minha experiência com o folclore a partir de 2017, quando comecei a participar mais ativamente dos bastidores do FEFOL. Nos anos seguintes, como membro da comissão do festival pela educação tive a possibilidade de viver um sonho, fazer parte dos bastidores, de contribuir e aprender cada vez mais. O professor Wadão, meu companheiro de trabalho, nos deixou em 2020. Era o responsável pelo roteiro de abertura, da música tema do festival e,

enquanto equipe, tudo precisa ter continuidade. E foi em uma dessas reuniões de planejamento de um festival, que nos foi solicitado o roteiro de abertura, música e todo o meu amor pelo festival, finalmente, se materializou de uma forma que jamais imaginei que seria possível. Nos últimos quatro anos, tenho sido a responsável pelo roteiro, música tema e confesso que não se trata de algo fácil. Imaginar, criar, pensar sobre os temas, pesquisar e entender o processo são apenas o início do trabalho. Mas, como sempre digo, são muitas mãos que se unem para organizar o Festival. Temos mãos que escrevem, que cortam e costuram os tecidos, que cortam e pintam os papelões que formarão os corações para uma das cenas deste ano. Mãos que passam os figurinos e fazem os arranjos de cabelo, que colam, consertam e criam. Temos o envolvimento de todos os funcionários da educação, pais de alunos que se envolvem na preparação, marcam presença nos ensaios e fazem questão de participar junto deste momento, muitas vezes relatando alguma memória afetiva, como o fato de já terem dançado em algum festival no passado. Afinal, não é só uma apresentação, é a festa do povo, do povo de Olímpia que, há 60 anos, vem vencendo os desafios dos bastidores para apresentar o que tem de melhor: sua alegria e hospitalidade ao receber o Brasil inteiro aqui. Este ano, a música tema para o FEFOL foi pensada no sentido de reconhecer o valor do folclore e da educação, assim como das interações culturais que acontecem no encontro de pessoas.

Sou feliz e orgulhosa por fazer parte destes bastidores quando há dias em que choramos juntos, que nos abraçamos, que rimos, que nos desesperamos, por tudo que precisa ser confeccionado e com o tempo que temos ou não temos. Mas que jamais deixamos de acreditar que vai dar certo mais uma vez. E tenho certeza de que, em todas as outras edições do festival, muitos foram os desafios, os imprevistos, as lágrimas, as alegrias, mas com certeza, todos os envolvidos entregaram o melhor de si para que hoje pudéssemos estar aqui, juntos celebrando este momento tão especial, os sessenta anos do nosso tão amado festival. Agradeço ao Folclore em minha vida por me tornar quem eu sou hoje!”

Marcela Rubia Nespolo Aniceto

Coordenadora Técnico-Pedagógica e Membro da Comissão do 60° FEFOL

“Falar de Folclore é dizer sobre amor e paixão, pois tudo é preparado com muito carinho e emoção. Para chegarmos a esse espetáculo de tamanha beleza, passamos por etapas de muita delicadeza, são pessoas unidas trabalhando juntas por um único propósito que vai sendo construído dia após dia. São momentos únicos que guardamos no coração que, com certeza, serão lembrados de geração para geração.”

Alan Saviolo Duran

Coordenador Técnico-Pedagógico e Membro da Comissão do 60° FEFOL

“Desde os meus 10 anos de idade, o folclore tem sido uma presença constante e enriquecedora na minha vida. Cada história que eu ouvia, cada tradição e lenda que conhecia era uma janela para um mundo mágico e, ao mesmo tempo, uma lição sobre os valores e as crenças dos povos que os criaram. Por meio de grupos tradicionais de Olímpia, como o GODAP e o Grupo Parafolclórico Frutos da Terra, o qual sou um dos fundadores, pude levar, através da dança, a cultura do nosso Brasil para inúmeras pessoas, divulgando nossas tradições pelo mundo. A partir de 2021, comecei a trabalhar na criação artística da abertura do Festival do Folclore de Olímpia, movimentando mais de 450 pessoas todos os anos, sendo alunos de escolas municipais, estaduais e particulares, profissionais da Educação, integrantes dos grupos da cidade e voluntários, que se dedicam para que essa festa se torne cada vez mais grandiosa. Ver a emoção dos participantes da abertura é o combustível para tudo acontecer. A cada ensaio, há uma memória revivida no coração dessa gente que é apaixonada pelo folclore. Sorrisos e lágrimas de alegria podem ser vistos constantemente ao longo desse processo. Dia a dia, as linhas escritas como roteiro dessa festa vão se transformando em sonho real, em amor concretizado, até o grande dia da abertura.”



Gincana e Folcloranca

Andréa Cristina Magro

Coordenadora Técnico-Pedagógica e Membro da Comissão do 60º FEFOL

“Falar de Folclore para mim tem um significado especial. Pelo orgulho de ser cidadã olímpense e por participar diretamente deste festival, tanto na Abertura que é um espetáculo maravilhoso, onde realizo meu sonho de criança, e na Gincana de Brincadeiras Tradicionais, como professora de Educação Física, revivendo e recordando brincadeiras da minha infância. Folclore é encanto, Folclore é magia e realiza sonhos!”

Maria Eduarda Mendes

5º ano A da EMEB Joaquim Miguel dos Santos

“O Folclore é muito legal de se participar. Eu já dancei muitas vezes e cada vez que eu dancei eu aprendi algo novo, aprendi danças novas, isso me dá um aprendizado, tanto dentro da escola quanto fora dela e me ajuda muito, tanto que esse ano estamos homenageando a nossa cidade Olímpia, então, eu fico muito feliz de participar. O Folclore é muito bom, é nossa capital Olímpia; é uma honra participar do Folclore”.

Clara Aparecida Setin

4º ano A da EMEB Joaquim Miguel dos Santo

“Eu me sinto com orgulho de estar participando do Folclore de Olímpia 2024, e vou estar representando os indígenas e cada dia vou aprendendo mais sobre os indígenas sobre o povo de Olímpia, do Folclore e eu acho isso muito bonito e acho que muitas gerações também podiam continuar esse evento maravilhoso”.

Luciana Raphael Diniz Spagnol

Supervisora de Ensino

“O encantamento do FEFOL atrás das câmeras. Olímpia, cidade menina moça, que realiza sua festa há 60 anos, que alegria em celebrar as bodas de diamante da cidade que amamos!

O que muitos não sabem é que para realizar uma festa tão grandiosa muitas mãos confeccionam fantasias, enfeites e traçam uma história que será contada em poucos minutos na abertura. A Secretaria Municipal de Educação trabalha incansavelmente por meio de sua equipe, comandada pelas Coordenadoras Taíse e Marcela, que, no meio de panos, carretéis de linhas e materiais recicláveis, vão dando vida a personagens folclóricos que jamais poderíamos imaginar. Da cabeça e das mãos dessas “arteiras”, as peças ganham vida e a admiração dos que olham estupefatos. As escolas preparam mimos e

broches com carinho, colocando os nomes de seus patronímicos bem à frente para serem distribuídos para os representantes dos vários estados que participam do Festival. Orgulho de mostrar suas danças com coreografias lindamente ensaiadas pelas crianças, que essas dão um show à parte, sorrindo e o encantamento se faz nesses momentos que recriam o sonho adormecido de um querido professor que se chamava José Sant'anna, permitindo que alunos, professores, gestores e participantes sejam atraídos por essa chama que fica mais iluminada nessa época do ano e nunca se apaga”.

Deize Mirela Caputo de Mattos
Coordenadora Técnico-Pedagógica

“Os preparativos para a abertura do próximo Festival começam quando a última luz, do último dia de festa do ano atual, se apaga! Quando vemos aquele recinto cheio de gente, cores e sentimentos, não imaginamos o quanto de tempo, de esforço e de amor foram dispensados para o “acontecer finalmente”. É como se fosse uma belíssima peça de crochê que, ao finalizar o último ponto, mostra a beleza do produto, mas antes disso muitos outros pontos tiveram que se conectar para tal. Conectam-se pessoas, ideias, saberes, pesquisas, inspirações, paixões, estudos e muito trabalho. Conectam-se pontos, linhas, tintas, costuras, papelão, tecido, fitas e cores! Conectam-se passos, mãos, músicas e melodias! Conectam-se alunos, gestores, famílias, escolas, amigos, dançarinos, cantores! Conectam-se gente...gente que sente, que quer fazer acontecer, que se dispõe, que se esforça, que faz um árduo trabalho durante horas, dias, semanas, meses...até que, como num passe de mágica, a luz do primeiro dia se acende, o local enche, as crianças e adultos brilham e o último ponto da peça se fecha emocionando a todos os presentes!”

Luciane Morais Diogo Cabrelli
Coordenadora Técnico-Pedagógica

“O Festival do Folclore, para muitos, acontece somente na primeira semana de agosto, mas o que pouca gente conhece são as anotações minuciosas de recortes de falas, áudios longos ouvidos, conversas pelo telefone com gente de vários cantos do país, buscas insanas nos meios digitais para encontrar tal arquivo... Pesquisa que vai tomando a forma em linhas, agulhas, retalhos, papéis, batiques... sonoridade que só a cultura popular tem!

O Folclore em Olímpia nos bastidores é muito mais que o fervor de uma cultura, ali presenciamos a euforia por uma estrofe escrita, alegria pela roupa tomando forma em um simples retalho e até mesmo, nos recortes do papel, arrecadação de materiais que envolve toda a família, são os dedos marcados pelas costuras, recortes e colagem, percebendo nos olhos marejados que o folclore é feito por muitos.”



Ensaio Abertura e Confecção Educação

Danila Rodrigues Oliveira Vicentini
Coordenadora Técnico-Pedagógica

“Estamos nos aproximando do “nosso” tão aguardado FOLCLORE ... os preparativos estão a todo vapor... Fitas, tecidos de chita, tintas e lantejoulas espalhados para todos os lados... Ah! Sem contar o barulho da máquina de costura que prepara os figurinos para vestirem os participantes que irão se apresentar nesse espetáculo grandioso. Nossa equipe tem dedicado esforços incansáveis para assegurar que o evento reflita fielmente a riqueza e diversidade das nossas tradições culturais e cada dança, música, traje são preparados com riquezas de detalhes, para que todos os participantes e espectadores celebrem e vivenciem essa emoção única e memorável que só o FOLCLORE pode proporcionar.”

Valéria Miranda
Professora Coordenadora

“O folclore pulsando em minhas veias. O folclore é algo muito importante em minha vida. Por pertencer a uma família tradicional de Olímpia, a família Miranda. Lembro-me de minha família (pai e avós) nas chegadas da Folia de Reis. Desde então, algo ficou gravado em minha vida...o amor pela cultura popular. Desta forma, com esse amor vivenciado em minha infância, procuro resgatar em meu trabalho com os alunos e coordenando e motivando os professores. Dedico meu trabalho à educação, resgatando as atividades como as brincadeiras, as músicas e histórias (lendas) que presenciei em minha infância e reconheço a importância deste trabalho na educação, onde podemos resgatar e valorizar a nossa cultura.”

Murillo Orthony Scarpinetti
Professor

“A margem de cá do Festival do Folclore é tão rica e mágica como a margem de lá, a vivência dos bastidores nos permite sentir o encantamento, o deslumbre e envolvimento com a cultura popular. Pessoas de todas as idades não conseguem ficar inertes ao movimento de cores, ritmos, sons e sabores da manifestação viva e pulsante da versão genuína e doce do ser humano.Cada acorde, cada batida de pés e mãos, cada rodopio traz uma história de um povo, de uma nação que se mantém radiante no entrelaçamento de gerações.”

Sueli Teresinha Silva
Diretora de Escola

“A história do Folclore nas escolas inicia no planejamento. É um trabalho que envolve todos os segmentos da equipe escolar e as famílias. O resultado desse trabalho é expressado por meio da confecção dos artesanatos, dos trajes, das brincadeiras propostas, da culinária, das danças, entre outros costumes. É a maneira que a escola vivencia e apresenta à comunidade local e ao mundo os conhecimentos adquiridos sobre as tradições folclóricas.”

Lilian Cristina Bertasso
Professora Coordenadora

“... Mais que um festival ... um encontro de raças, tradições e cultura permeiam o espetáculo de cores, sinestésias, sentimentos e emoções. Para os olimpienses, o evento se enfeita ao longo de um ano, com seus preparativos. Para os que prestigiam essa riqueza cultural, dura uma vida toda, pois eternizam o momento em seus corações. E neste costurar de tradições, uma grande colcha de retalhos vai tomando contorno, forma e expressão. As crianças dão o ar da magnitude quando expressam toda essa cultura unida nos quatro cantos do país, em um espetáculo de glamour, riqueza e beleza que marcam a abertura deste maravilhoso espetáculo. Por trás dos bastidores...do primeiro momento, ao último nó do laço de fita no vestido...um universo riquíssimo e contagiante acontece. As crianças esperam pelo momento de se apresentarem ansiosamente.

Durante o ano todo, é desenvolvido com os alunos da Rede Municipal de Ensino, um trabalho majestoso de resgate à cultura do país. As crianças aprendem sobre os mais variados assuntos que acometem esse universo “fantastifolclórico”. O primeiro sinal de Folclorância acontece nos bastidores das salas de aula. Várias são as atividades que resgatam a cultura e as tradições dos quatro cantos do país. Com suas lendas, parlendas, adivinhas, cantigas de roda e brincadeiras infantis, os alunos conhecem um pouco do território cultural de outros lugares, partindo da cultura e da tradição de suas vivências locais. Pois quem nunca ouviu, “...minha avó contava que...”, “...diziam os antigos que.. É na sala de aula que a vivência destes, ganha espaço e o poder de criação, de originalidade e sentimento de reconhecimento e pertencimento à essas culturas, adornam desde as cantigas de roda às brincadeiras infantis que podem ser prestigiadas nas Gincanas Folclóricas promovidas na praça de eventos professor José Sant’anna.

E é tanta gente vivida, envolvida, cheia de vida que dá vida ao festival. Com os seminários de estudo, os educadores, no lugar de disseminadores, germinam a cultura dos quatro cantos, para colherem os frutos dessa riqueza sem fim com as crianças. E pensando-se assim, como não citar e fazer jus aos artistas locais, são tantos com suas contribuições, que se vão, mas sua arte fica guardada no coração, como o saudoso Professor Wadão Marques (in memoriam). As preliminares começam com os ensaios dentro das escolas por professores que possuem a majestosa tarefa de não apenas ensaiar essas crianças, mas mostrar que a dança não é apenas uma expressão corporal, é uma linguagem, uma forma de comunicação, uma expressão riquíssima de valores, identidades e ideologias.

Em outras palavras, a expressão viva da cultura popular, recheada de sentimentos e emoções... “Ahhhhh!!! Meu coração!!!”, como cita suspirando a Professora Taíse Cruz. E não para por aí, há muita história e vários os pesquisadores, historiadores, incentivadores, sonhadores, amadores que falaram sobre o Folclore, do Professor José Sant’anna ao seu Dito da mercearia, porém, não é preciso muita sabedoria...basta falar com o coração daquilo que se tem opinião. Enfim, folclore é vida. Vida vivida, cheia de vida! Haja coração!!!

Ahh!!! Meu coração. É o folclore pulsando em Olímpia...todo o Brasil em um só coração.

Valéria Tavares
Professora

“Além das luzes do palco coberto pela noite estrelada

Se a mim perguntar vou logo responder! “Não sei, eu não o vi nascer! Mais quem? Você vai logo entender! É o sexagenário! Que reúne em um só palco os quatro cantos do Brasil! Ah! Sim, o festival que é folclore! O balaio da cultura de um povo bravo!

Chegue mais perto! Em poucas linhas já vou narrar a história por detrás da história, a magia que movimenta a engrenagem antes de os olhos da plateia brilhar!

Escute com atenção! Incline os ouvidos dê asas à imaginação, pois só assim verá o que os olhos não podem ver! A engrenagem que movimenta a grande máquina que faz tudo simplesmente acontecer!

Nasce um sonho! Nasce uma ideia! Nasce uma história que ganha vida, forma, cores e flores no labor de muitas mãos! Mãos pequeninas! Mãos firmes e fortes! Outras que já viveram muuuitos festivais! Mãos que desfiavam as horas, costuram dias e meses! Bordam, transbordam o ano para dar vida à criação!

Tesoura, linha, alegria, agulha, diversão, desafios, retalhos, feltro, fuxico, tramas, animação! Lágrimas? Faz parte! Sejam de orgulho do dever cumprido ou de exaustão! Deixamos aflorar...

Ei, você que é de longe ou de perto! Os entendidos entenderão! A engrenagem

que tudo movimenta antes do acender das luzes e antes de passar o som! Tudo, tudo, tudo que antecede o momento que vai além do palco coberto pela noite estrelada onde folcloresce, folcloresce, folcloresce coração!”



Confecção Adereços e Estudos Professores

Fabiana Trindade Hernandes
Professora Coordenadora

Amor pela Tradição Cultural através do Festival do Folclore

“A preparação para o Festival Nacional do Folclore é um processo encantador e minucioso que revela a riqueza cultural e a dedicação de todos os envolvidos. Nos bastidores do folclore, onde as tradições ganham vida, a atmosfera é uma mistura de ansiedade, entusiasmo e trabalho árduo. Cada passo é meticulosamente planejado e executado com paixão e dedicação para que o festival seja uma verdadeira homenagem à cultura popular.

Desde a seleção dos participantes (alunos, profissionais da educação e funcionários) até a preparação dos figurinos e ensaios incessantes, os preparativos são intensos e cheios de expectativa. Durante meses, os educadores da Rede Municipal de Ensino da Estância Turística de Olímpia trabalham incansavelmente para garantir que cada detalhe esteja perfeito.

Para nós, da educação, a jornada começa muito antes desse momento mágico. Desde os primeiros passos, estamos envolvidos em formações e atividades que engajam toda a comunidade escolar. Professores e educadores se aprofundam nos estudos sobre a cultura popular, e, através de pesquisas e discussões, os alunos aprendem sobre a diversidade e a riqueza do folclore brasileiro. Essas ações promovem a valorização e a preservação das tradições culturais dentro da escola, garantindo que o conhecimento folclórico seja transmitido de maneira autêntica e significativa.

Os alunos participam ativamente através de danças e ensaios para o Minifestival, praticando cada passo com dedicação e entusiasmo. Toda a comunidade escolar se envolve na confecção dos mimos folclóricos, desenvolvendo habilidades artísticas e reforçando o valor das tradições culturais. Todas essas ações fazem com que o folclore permaneça vivo e pulsante na escola. E é nesse processo, antes dos holofotes e das apresentações, que reside a verdadeira magia do folclore.

À medida que o grande dia se aproxima, uma mistura de nervosismo e entusiasmo toma conta de todos os envolvidos. Os últimos ajustes são feitos, os últimos ensaios são realizados e a energia palpita no ar, pronta para explodir em cores vibrantes, sons melodiosos e danças cheias de vigor.

E então, finalmente, chega o momento tão aguardado: a abertura do Festival Nacional do Folclore. Não estamos apenas assistindo a um espetáculo; estamos celebrando todo o esforço e dedicação que mantêm nossas tradições culturais. O palco se ilumina, as cortinas se abrem, e o público é transportado para um mundo de tradição e beleza, onde a alma de um povo é revelada em toda a sua glória. O público, maravilhado, testemunha a riqueza e a diversidade cultural que o festival tem a oferecer. A energia contagiante dos participantes e a beleza das tradições folclóricas preenchem o ambiente, fazendo valer cada momento de preparação.”



Confecções Adereços e Mimos Educação



Confecção Adereços e Estudos Professores

Nelson Fernandes Pereira Neto
Professor

“Posso falar sobre o Folclore através de três olhares, de Professor, Decorador e cidadão olimpiense. Que unificados, posso dizer que desde pequeno vivo o Folclore e sua tradição nos trabalhos na época da escola com aluno, na decoração com participação em alguns festivais e como Professor na preparação e estudo com os alunos. O Folclore é vivenciado o ano todo sinto e vejo o Folclore vivo na tradição e amor no decorrer da minha vida.”

Joelma Vicente
Auxiliar de Serviços Diversos

“O Festival do Folclore sempre esteve em minhas veias desde quando acontecia na Praça da Matriz, no ano de 1979. Em 2006, quando cheguei na escola Zenaide para executar meu trabalho de Auxiliar de Serviços Diversos, me deparei com alunos dançando um Carimbó. Eu já conhecia esse ritmo (por frequentar a nossa festa maior, o Festival do Folclore), soube também que um grupo de grande representatividade esteve ali, o Grupo Parafolclórico Frutos do Pará. Isso aguçou muito o meu interesse pela dança, via ali algo muito próximo, sentia que podia fazer minha parte junto a um festival, que conheço desde os meus 4 anos de idade.

Então, com o meu conhecimento e paixão pelo Folclore e o Carimbó, a partir de 2010 comecei a ensaiar e preparar os alunos. Hoje, o Carimbó é uma marca registrada da escola Zenaide e sempre estará presente nos Festivais de Folclore. Esse ritmo se tornou tão mágico dentro de nossa escola que muitas crianças, não caminham, elas dançam pátio afora, é gratificante demais! Esse brilho, energia, que minhas crianças mostram em suas apresentações, nada mais é que uma troca de confiança! É um prazer inenarrável mostrar o potencial de cada um deles!”

Fabiana Baldan Firmino Dutra
Professora Coordenadora

“Pertencimento, essa é a palavra que me vem à cabeça quando penso em tudo o que venho vivenciando ao longo dos anos. E não falo só de agora como participante da Abertura do evento com o Grupo de Adultos da Educação, falo como professora que vê seus alunos empolgados por poderem participar daquele momento único, tanto nas danças, na gincana de brincadeiras folclóricas, na Folclorança, nas visitas aos museus ou nas que recebemos de grupos folclóricos à escola... em cada detalhe, em cada descoberta. Falo das lembranças de criança, luzes, cores, movimentos... Folclore não é apenas uma palavra, é todas as particularidades que criam e movem os seres a manterem vivas as tradições que nos moldam e nos preparam para as mudanças que o tempo traz, assim sabendo de onde viemos, certamente construiremos caminhos sólidos para nosso futuro.”

Misângela Bruna Stefanelli da Silva
Professora de Educação Física

“Nesses anos trabalhando junto a todos os professores de educação física visando resgatar as brincadeiras tradicionais, é notável observar quão necessário é esse trabalho com nossas crianças, desenvolvendo e resgatando a alegria de uma simples brincadeira de 5 Marias, pular corda, rodar pião, dentre muitas outras que desenvolvemos. Ver aquela arena lotada de crianças tanto da rede municipal, estadual e particulares tanto da cidade como de fora me deixa muito feliz, pois assim podemos plantar uma sementinha em nossas crianças e nunca deixar com que o mais simples acabe “Nossas brincadeiras de infância”. As crianças da Rede Municipal de Olímpia têm também o privilégio de terem além dos dias de Gincana, aulas sobre brincadeiras e brinquedos folclóricos durante todo o ano nas escolas. Ver o nosso trabalho sendo desenvolvido e a alegria das crianças é sem dúvidas uma excelente resposta às nossas expectativas.”

Jonathan Fernandes Carvalho
Professor de Educação Física

“A experiência minha sobre a cultura do Folclore em Olímpia foi bem diferente, apesar de conhecer muitos assuntos, de gostar e respeitar a cultura do nosso país, nos meus anos de Magistério, nunca havia vivenciado o Folclore como vivencio hoje. Além de ampliar meu conhecimento a respeito de danças e histórias, o Folclore faz parte da Educação de Olímpia. Para mim, é algo muito bom, pois vejo que a cada ano que passa, devido aos avanços tecnológicos, as crianças perdem o contato com a cultura. Aqui as crianças até o quinto ano tem esse contato, creio que deveria ser estendido às escolas estaduais do nosso município, para fortalecer ainda mais entre os adolescentes e jovens.”



Confecção Adereços e Estudos Professores

Teresa Maria Abra Eschiapati
Professora

“O mês de agosto vem aí, com ele o Festival do Folclore, o nosso 60° FEFOL. Um evento de grande porte cultural e beleza indescritível. Mas quando tudo começa para que as pessoas possam usufruir desse espetáculo, muitas coisas já aconteceram. Os preparativos para que tudo aconteça como o esperado, inicia-se quando termina o festival do ano anterior.

Muitas pessoas são envolvidas para o planejamento das ações a serem preparadas, muitas mentes pensando, mãos trabalhando, um cooperando com o outro, pessoas anônimas que se envolvem mesmo sem querer. Sempre foi assim; no início o professor Sant’anna com a colaboração de outros professores e alunos, também preparavam tudo para que fosse um sucesso. E tanto foi que chegou até o dia de hoje com brilhantismo.

Professora Cidinha Manzolli com suas danças. Quantas buscas, pesquisas, ensaios, para chegar no majestoso GODAP. Trabalho incansável com muito amor e dedicação. Quanta dedicação e pesquisa para que fossem elaborados os Anuários. Hoje a tecnologia auxilia muito, mas no início tudo era muito demorado e difícil de se conseguir finalizar. Com certeza, a memória falharia se fossemos enumerar pessoas que sempre estiveram e estão presentes até hoje para que o FEFOL seja sucesso e continue esse espetáculo que é. Precisamos lembrar também das pessoas que vêm para trabalhar no parque, nas barraquinhas, que contribuem muito para que o evento seja grandioso. Todos são merecedores do nosso aplauso.

A Secretaria Municipal de Educação, de alguns anos para cá, tomou a frente de várias realizações, como a abertura, minifestivais, palestras envolvendo professores, alunos, famílias e um grande número de pessoas para que tudo chegue bem feito na hora exata.

Desta forma, abre-se um leque, porque para que tudo esteja a contento, muitas mãos trabalharam com costuras de roupas, fazendo enfeites, decorações. Quantas pessoas se dedicaram aos ensaios.

E no final de tudo, abre-se as cortinas para o grande espetáculo, com artistas e coadjuvantes juntos, unidos por um mesmo ideal, nada mais é do que a realização de mais um Festival.

Seriam muitos os relatos a contemplarem este espaço, mas, como ficou evidente nesta pequena mostra da relação da Educação com o FEFOL, os sentimentos que o Festival do Folclore de Olímpia desperta são infinitos e ultrapassam as páginas de qualquer Anuário.

A vibrant, stylized illustration on the left side of the page. It features a person wearing a tall, blue and white floral party hat and a red and white polka-dot shirt. Below them is a grey house with a red roof, a white chimney, and a yellow banner with colorful stripes. In the foreground, there are green cacti and a guitar. The background consists of several overlapping, concentric yellow circles of varying shades, creating a sense of depth and movement.

Novos Estudos

O FEFOL e o caso do Siriri Flor de Atalaia

Estêvão Amaro

Introdução

O advento da pandemia da Covid-19 causou um grande impacto no setor econômico cultural, mediante a quase completa paralisação das atividades do setor e afetou de maneira especial o universo das práticas tradicionais ligadas às culturas populares brasileiras.

Porém, antes mesmo da Covid-19 ter afetado todo o mundo, um fenômeno pode ser observado no que concerne às práticas performativas das culturas populares brasileiras, a escassez dos contextos tradicionais de performance, compreendido aqui como a localidade na qual determinada expressão das culturas populares originalmente se desenvolveu e se manifesta. Localidade que reúne as condições necessárias, simbólicas e materiais, para o desenvolvimento das atividades do grupo representante daquela localidade.

O estabelecimento performático de cada uma destas expressões varia de acordo com o que foi estabelecido pela sua tradição histórica. Seja através da forma de uma narrativa mítica, como no caso dos guardas pertencentes ao Reinado do Rosário, ou mediante uma ação de causalidade, como o estabelecido é o caso das Companhias de Reis. O contexto tradicional de performance compreende a totalidade dos espaços e dos atores sociais que compõem a localidade que historicamente abriga o grupo.

Os fatores que levaram a diminuição dos contextos tradicionais de performance são múltiplos, vão desde os processos migratórios do campo para a cidade, a restrição imposta pela Igreja dos espaços destinados às festas populares e até mesmo a incorporação de novas tecnologias, como o rádio, a televisão e hoje, a internet. Em alguns casos, a falta advém do simples fato da chegada da energia elétrica, como o ocorrido com o Boi de Reis de Cuité, da cidade de Pedro Velho – RN, nos anos 1980. Se no passado, em um mundo considerado ideal, as Companhias de Reis percorriam longas distâncias na zona rural, com os foliões pernoitando e se alimentando nas casas das fazendas visitadas durante giro, hoje, no mundo contemporâneo, muitas vezes não são recebidos nas casas das comunidades por onde passam. Do mesmo modo os pastoris não têm mais os pátios das igrejas para realizarem as suas performances e o Boi de Reis de Cuité, “que brincava a noite inteira”, só pode ser visto em um curto período, quando é convidado para realizar a sua performance em um local completamente distinto de sua origem. Neste novo cenário, os grupos performativos das culturas populares buscam se adaptar a um “novo mundo”, para o qual não foram criados originalmente.

Por outro lado, em contraponto a esse fenômeno, verifica-se o aparecimento de um número cada vez maior de novos contextos de performance, organizados na forma de festivais de folclore, encontros de culturas tradicionais, festivais internacionais de folclore, dentre outras denominações. Tais eventos são encontrados de norte a sul do Brasil e independente da nomenclatura, reúnem basicamente grupos performativos de música e dança consideradas folclóricas neste contexto. Nos festivais de folclore, encontros de culturas tradicionais e festivais internacionais de folclore todas as atividades se organizam em torno da música, sendo obrigatória a presença de música executada ao vivo, na grande maioria, sendo vetada a participação de grupos que utilizem música mecânica.

Além disso, os novos contextos de performance têm como característica o fato de reunir em um mesmo espaço, grupos performativos e expressões distintas, ao contrário do que ocorre nos contextos tradicionais, onde são encontrados quase que exclusivamente expressões semelhantes: Companhias de Reis, nas Chegadas de Reis; Guardas de Congado, nas Festas de Reinado do Rosário, Bois Bumbá e Bumba meu Boi, nas festas de Boi. Nestas localidades, há uma equivalência de tradições e de locais, Companhias de Reis, Guardas de Moçambiques, Maracatus e Bois, já não cantam para pagar promessa ou saudar os seus santos padroeiros e orixás. Nestes novos espaços, performances oriundas de tradições que muitas vezes levaram séculos para estabelecer a sua forma, se transformam em espetáculo (Carvalho, 2004).

Se o fenômeno da escassez dos contextos tradicionais de performance já havia transformado a forma de atuação dos grupos performativos das culturas populares brasileiras, o que dizer quando esse contexto desaparece por completo, como ocorreu no período mais rigoroso de isolamento causado pela pandemia da Covid-19? A reflexão que propomos neste trabalho tem o objetivo de demonstrar que, ao oferecer um novo espaço para estes grupos, os novos contextos de performance suprem, em certa medida, a escassez dos contextos tradicionais.

Neste cenário, o conceito de comunidades de prática de Etienne Wenger (1998), nos auxiliará a compreender as novas formas de atuação dos grupos folclóricos inseridas nestas novas localidades, sejam físicas ou virtuais. A localidade será entendida como um espaço físico concreto (Finnegan, 1999) e também como um local imaginário, acompanhando o pensamento de Appadurai (1998).

Apontamentos teóricos

Orientados em grande medida pela busca da “alma nacional” (Reily, 2000), os estudos de folclore sempre suscitaram debates e discussões teóricas, muitas vezes tendo a disputa política como pano de fundo (Cavalcanti, 2002). Para Bem-Amos (1971), o ponto de partida literário e filológico destes estudos transformaram tais expressões populares em “objetos folclóricos”, fazendo com que os primeiros registros tivessem como objetivo primeiro, “preservar” e evitar o seu desaparecimento. Esta proposta, apresentada em um período de consolidação dos Estados Nação, levou inúmeros intelectuais a se engajarem em uma verdadeira corrida em busca do folclore (Ortiz, 1994), inclusive no Brasil. Edilberto Fonseca (2009) assinala que as transformações experimentadas no país durante a primeira metade do século XX, entre elas a necessidade de o Brasil se firmar no cenário internacional como uma nação com características próprias, moveu uma parcela da intelectualidade brasileira em busca de modelos de representação que pudessem delimitar a construção de um sentimento de pertencimento à nação. Porém, a busca pela “alma nacional” fez com que estas pesquisas pioneiras se concentrassem no “objeto folclórico”, desconsiderando os atores sociais envolvidos e toda a diversidade sociocultural que o conforma e o determina (Reily, 1990). Os festivais de folclore e os seus congêneres nascem inspirados pelas pesquisas deste período.

Este tipo de enfoque, aliado às disputas políticas em torno do campo do folclore, fez com que o termo adquirisse uma conotação pejorativa, estendendo-se posteriormente aos festivais de folclore. Sob esta ótica, muitos autores consideram os festivais de folclore como espaços de descaracterização das expressões das culturas populares, considerados como locais meramente destinados ao espetáculo.

José Jorge de Carvalho (1994) utiliza o termo “espetacularização” da cultura popular para discutir este processo, argumentando que, ao serem inseridas neste contexto e mediadas por uma relação de poder desigual, os grupos performativos das culturas populares seriam submetidas aos ditames do poder hegemônico. Para Marcela Caetano Popoff (2009), o conceito de subalternidade deve ser analisado em sua relação de negociação constante com o poder hegemônico, e não apenas como aquele que “compreende a impossibilidade de alguns grupos de ter sua própria voz, de manifestar seu próprio universo cultural e legitimá-lo no contexto da diversidade” (Caetano Popoff, 2009, p. 9), corroborando o pensamento de Néstor Garcia Canclini (2010) para quem a “negociação” sempre foi uma estratégia muito importante utilizada pelos setores subalternos.

Consideradas ambas as abordagens, o fato é que atualmente os festivais de folclore representam um tipo de evento que alterou significativamente a função e a forma de atuação dos grupos performativos das culturas populares, tanto no Brasil quanto no exterior. Movidos pelo desaparecimento gradual dos contextos tradicionais de performance, os grupos folclóricos buscaram se adaptar aos novos espaços que foram criados, em um processo semelhante ao observado por Suzel Reily e Katherine Brucher (2013), referente aos Encontros de Bandas de Música, novos espaços que contribuíram para a manutenção e a reestruturação desses grupos musicais.

Etienne Wenger (1998), cunhou o termo “comunidades de prática” para se referir a um grupo de pessoas “que se envolvem em um processo de aprendizado coletivo em um domínio compartilhado do saber humano” (Wenger, 2012, p. 1). As comunidades de prática podem ser observadas nas mais variadas formações: “um grupo de alunos que define a sua identidade na escola; uma rede de cirurgiões explorando novas técnicas; uma reunião de gerentes de primeira viagem ajudando uns aos outros a lidar com os problemas” (Wenger, 2012, p. 1). Embora o trabalho do autor não trate de grupos que tenham como meta específica o fazer musical, a sua obra “proporciona uma estrutura para pensar as comuni-

dades musicais locais, subalternas ou não” (Giesbrecht; Reily, 2012). Wenger (1998; 2012) enumera três características para o estabelecimento de uma comunidade de prática: 1) o domínio, que se constitui no elemento fundamental do grupo, a identidade de uma comunidade de prática é definida por um domínio comum de interesse; 2) a comunidade, formada pelos indivíduos e por suas interações, o que traz como resultado a construção de relacionamentos; e 3) a prática, propriamente dita, que pode ser compreendida como o conhecimento compartilhado pelos membros. Os membros de uma comunidade de prática são praticantes, se envolvem em atividades e discussões conjuntas ao perseguir seus interesses dentro do domínio, desenvolvendo um repertório de recursos através de uma prática compartilhada (Wenger, 2012). O conceito de comunidades de prática traz implícito o caráter de negociação, necessário ao bom funcionamento da comunidade e o desenvolvimento em paralelo dos três elementos expostos acima, permite que a comunidade de prática seja cultivada.

O Festival do Folclore de Olímpia e o Grupo de Siriri Flor de Atalaia

O Festival do Folclore de Olímpia – FEFOL – é realizado há sessenta anos ininterruptos, completados em 2023 e tem sua origem no ambiente escolar. A sua origem está ligada às aulas ministradas pelo professor Victório Sgorlon (1933-2011), no Ginásio Olímpia, em meados dos anos 1950, com o objetivo de despertar o interesse dos alunos para os temas do folclore. Das palestras e seminário organizados por Sgorlon, resultou o 1º Festival Folclórico de Olímpia, em 1965. O FEFOL cresceu rapidamente, gerando uma grande repercussão em toda a região. A partir de então, professores, universitários, folcloristas, cantores famosos, escritores e jornalistas, dirigiam-se à Olímpia no mês de agosto para assistir o encontro de grupos folclóricos de todo o país. Neste período, pesquisadores como Rossini Tavares de Lima e Laura Della Mônica e cantoras como Inezita Barroso e Ely Camargo, eram vistas com frequência em Olímpia. O FEFOL é o maior evento do gênero do país e recebe quase uma centena de grupos folclóricos de todas as regiões brasileiras (Estevão Reis).

O Grupo de Siriri Flor de Atalaia foi fundado em 2018, por Cristina Zuíta, na cidade de Cuiabá, Mato Grosso, segunda a sua fundadora, com o intuito de “Perpetuar a cultura do siriri entre os jovens”. De acordo com o seu estatuto o grupo tem por objetivo “preservar e divulgar a cultura cuiabana em todos os seus aspectos”.

O Siriri Flor de Atalaia possui uma sede, o Quintal Flor de Atalaia, localizada no bairro Parque Atalaia, e atualmente conta com cinquenta e quatro (54) integrantes, sendo 30 dançarinos e 12 músicos, além de um grupo de adolescentes, com 12 componentes.

Segundo a sua fundadora,

O quintal aqui, a gente funciona toda semana. Então eles têm um ensaio regular independente de festival ou não ter festival a gente só para mesmo nas férias de final do ano, Natal e Ano Novo e, logo depois do Carnaval, mais ou menos, já retoma. Então assim, é uma atividade frequente (Cristina Zuíta, 2023).



Quintal do Siriri – sede do Grupo de Siriri Flor de Atalaia (Fonte: Cristina Zuíta)

O Siriri Flor de Atalaia se apresenta em espaços variados de performance, que vão desde teatros e pequenos eventos na cidade de Cuiabá – escolas, igrejas, festas de santo, congressos, feiras, festas juninas, aniversários – até a participação em grandes festivais do Brasil e do exterior, como é o caso do Festival Internacional de Lima (Peru), Festival Internacional de Folclore de Nova Petrópolis (Rio Grande do Sul), o Festival de Danças de Joinville e o Festival do Folclore de Olímpia (São Paulo).

A pandemia da Covid-19 atingiu em cheio as atividades do Flor de Atalaia.

Impactou porque o quintal, aqui a gente funciona toda semana, então eles têm um ensaio regular independente de festival ou não ter festival a gente só para mesmo nas férias de final do ano Natal ano Novo, e logo depois do Carnaval, mais ou menos, já retoma então assim, é uma atividade frequente. E isso teve sim, esse impacto então assim, foi ruim porque a gente teve que cativar o povo para ir voltando (Cristina Zuíta, 2023).

Em 2021, o Siriri Flor de Atalaia foi convidado para participar do 57º FEFOL, o evento aconteceu de forma híbrida, com grupos de Olímpia se apresentando presencialmente na Casa de Cultura da cidade, sem a presença de público, e com a exibição de vídeos dos grupos convidados, de fora de Olímpia. Todas as atividades do 57º FEFOL foram transmitidas pela internet. Ao receber o convite, Cristina Zuíta, líder do Flor de Atalaia, demonstrou preocupação, argumentando que devido a pandemia da Covid-19, o seu grupo estava desarticulado e que temia não conseguir retomar as atividades, mesmo com a melhora dos números e com a vacinação avançando significativamente naquele momento: “agradeço o convite, mas não sei se conseguiremos participar, o nosso grupo atende muitas pessoas em situação vulnerável e com a pandemia o grupo parou e cada um foi para um lado, não sabemos como vai ser” (Cristina Zuíta, 2021).

No grupo acaba sendo essa possibilidade de evitar com que pessoas se ocupem de outras ações que o levem a vulnerabilidades. É claro que algumas vezes sabemos que alguns jovens acabam por ter comportamentos inadequados na rua ou na escola o que tentamos mudar a ideia, de que eles são artistas e precisam ser diferentes e abraçar a oportunidade de ser melhor (Cristina Zuíta, 2023).

O Festival do Folclore de Olímpia não era um evento desconhecido para o Siriri Flor de Atalaia, pois o grupo já havia participado de outras edições presenciais do FEFOL, diante disso, Cristina disse que iria tentar reunir o grupo para a produção do vídeo.¹



Siriri Flor de Atalaia no 57º FEFOL – Edição Híbrida 2021 (Fonte: Youtube da Prefeitura de Olímpia [2023])

Segundo Cristina, o convite para a participação do grupo no Festival do Folclore de Olímpia, em 2021, contribuiu para a reorganização do grupo.

[...] para mostrar isso um pouco mas quem se envolveu para os ensaios para poder participar da Live viu que a gente está dançando em 2021 pois foram os primeiros convites para gravar [...] as lives que aconteceram pra gente poder participar assim, o que deu um pouco de um suspiro gostoso, para que a gente pudesse então participar do festival [...] (Cristina Zuíta, 2023).

Quanto a sua organização, o Siriri Flor de Atalaia pode ser entendido como uma comunidade de prática (Wenger, 2012), tendo a negociação como característica. No universo das culturas populares, qualquer grupo folclórico se submete a constantes processos de negociação para poder funcionar, assim como qualquer outra prática musical amadora. Estes grupos têm metas específicas e “se organizam em torno do musicar de uma determinada prática” (Giesbrecht; Reily, 2012). As autoras destacam que a sua dinâmica de funcionamento impõe a necessidade do desenvolvimento de mecanismos de negociação que evitem a ocorrência de acontecimentos prejudiciais ao funcionamento do próprio grupo, pois disso depende o bom funcionamento e a manutenção da própria comunidade (Giesbrecht; Reily, 2012) e que uma das formas de evitar a dissolução dos grupos é manter todo mundo cantando o tempo todo.

Dessa forma, os conflitos ficam menores e menos frequentes, porque as pessoas imediatamente estão envolvidas com a música, além de estarem todas executando seus papéis.

No Siriri Flor de Atalaia, os papéis são divididos entre músicos e dançarinos, responsáveis pelos papéis performativos e por uma diretoria, responsável pelos papéis administrativos. À diretoria cabe a organização e manutenção do grupo, com a definição dos horários de ensaio e a busca de recursos financeiros, mediante as apresentações. Nos papéis performativos estão os músicos, dançarinos e dançarinas.

As dançarinas usam vestidos coloridos com saias rodadas que chegam a ter 10 metros de tecido, durante a dança as dançarinas seguram e abrem a saia em giros em torno do próprio corpo e movimentos circulares interagindo com os dançarinos. Os dançarinos vestem calças, que podem ser coloridas, uma faixa na cintura e chapéu de palha adornado com fitas coloridas. Os dançarinos cortejam as damas com giros e movimentos rápidos dos pés, utilizando o chapéu como instrumento de aproximação da dama, como podemos ver nas figuras 4 e 5. Todos os figurinos são todos desenhados pelo grupo.



*Movimento das saias, Siriri Flor de Atalaia no Mini festival, 58° FEFOL
(Fonte: Prefeitura de Olímpia/Divisão de Comunicação [2022])*



*Dançarinos cortejando as damas, Siriri Flor de Atalaia no Mini festival, 58° FEFOL
(Fonte: Prefeitura de Olímpia/Divisão de Comunicação [2022])*

A Instrumentação musical do Siriri flor de Atalaia é formada por violas de cocho, reco-reco de bambu, chamados de ganzás no siriri, o mocho, instrumento de percussão em formato de banco, sem caixa de ressonância e tocado com baquetas e por um coro de homens mulheres. O mocho produz um som seco e junto com os ganzás ditam o ritmo e o andamento da música e da dança. O canto é estruturado com frases curtas e tem a forma de pergunta e resposta.



*Ganzá, viola de cocho e mocho, Siriri Flor de Atalaia no 58º FEFOL
(Fonte: Prefeitura de Olímpia/Divisão de Comunicação [2022])*



Músicas do Siriri Flor de Atalaia no palco 58º FEFOL (Fonte: Estevão Reis)

Quando a vacina chegou e a gente foi retomando cada vez mais, tentando trazer as pessoas novamente para as atividades, e quando surge a oportunidade do festival, também presencial, muito, muito maior. As atividades e o fato de você ir viajar então ficava dando uma motivação muito grande para o grupo. E o Festival de Olímpia ele é tão bom que é muito interativo, ele provoca essa união, essa mobilização no grupo para poder se organizar para ir, ele é muito dinâmico, então já fica aquela coisa gostosa (Cristina Zuíta, 2023).

Em 2022, o Siriri Flor de Atalaia retornou ao FEFOL, desta vez presencialmente, com a sua formação completa e com inúmeros jovens que passaram a integrar o grupo.



Foto 7. Siriri Flor de Atalaia no palco do 58º FEFOL
(Fonte: Prefeitura de Olímpia/Divisão de Comunicação [2022])

Considerações

Historicamente, o Festival do Folclore e Olímpia, além de valorizar simbolicamente os grupos que dele participam, atua como um contraponto a escassez dos contextos tradicionais de performance, fenômeno agravado durante o período mais grave da pandemia da Covid-19, entre 2020 e 2021. Em um período de restrição, o FEFOL instigou o Siriri Flor de Atalaia para que, mediante a gravação de um vídeo para a participação em um festival híbrido, o grupo se mobilizasse para o retorno das suas atividades e isso fez com que, nos meses seguintes, paulatinamente o grupo se organizasse para a retomada completa, inclusive, atraindo novos jovens, dançarinas, dançarinos e músicos para compor o grupo, dirimindo os principais temores de Cristina Zuíta, salientadas em seus relatos.

A participação do Siriri Flor de Atalaia no 57º FEFOL – Edição Híbrida, ainda que virtualmente, através da valorização simbólica e financeira, contribuiu para a reorganização do grupo, possibilitando a retomada de suas atividades, a viabilização de sua participação em outros festivais presenciais no pós pandemia e principalmente, a manutenção do seu trabalho com os jovens do bairro Parque Atalaia, da cidade de Cuiabá.²

Referências

- APPADURAI, Arjun. "The Production of Locality". In *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- CAETANO POPOFF, Marcela, Liliana. 2009. *As perversões ficcionais da representação: De Vaimaca Peru a Antonio Conselheiro*. 2009. 233 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- CARVALHO, José Jorge. 2004. *Metamorfoses das Tradições Performativas Afro-Brasileiras: de Patrimônio Cultural a Indústria de Entretenimento*. In: *Celebrações e Saberes da Cultura Popular*. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/IPHAN, Série Encontros e Estudos, p. 65-83.
- FINNEGAN, Ruth. 1089. *The hidden musicians: making-music in an English town*. Cambridge. Cambridge: University Press.
- GARCIA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. 1. ed. 3. reimp. Buenos Aires, Paidós, 2010.
- ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- REILY, Suzel Ana. "Não há música sem dimensão política": conversa com Suzel Reily sobre música, etnomusicologia e os estudos acerca da cultura popular brasileira. [entrevista a Érica Giesbrecht e Carla Delgado de Souza]. *Proa*. n. 4, v. 1, 2014.
- _____. *Folk Music, Art Music, Popular Music: What do these categories mean today?*. [S.l.], 2000.
- _____. 2002. *Manifestações populares: do "aproveitamento" à reapropriação*. In: REILY, S. A.; DOULA, S. M. (Org.). *Do folclore à cultura popular*. ENCONTRO DE PESQUISADORES NAS CIÊNCIAS SOCIAIS. Anais... São Paulo: Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1990, p. 1 – 31.
- REILY, Suzel Ana & BRUCHER, Katherine. *Brass Band of the World: Militarism, Colonial Legacies and local music making*. Boorlinton ASHGATE, 2013.
- SMAL, Christopher. 1998. *Musicking: the meanings of performance and listening*. Middletown, Ct. Wesleyan University Press.
- TURINO, Thomas. 2008. *Music as Social Life: The Politics of Participation*. Chicago: University of Chicago Press.
- WENGER, Etienne. 1998. *Communities of practice: learning, meaning, and identity*. Cambridge, University Press.
- _____. WENGER, ETIENNE. *Communities of practice and social learning systems: the career of a concept*. 01 de janeiro 2021. <http://wenger-trayner.com/wp-content/uploads/2012/01/09-10-27-CoPs-and-systems-v2.01.pdf>.
- ZUÍTA, Cristina. *Cristina Zuíta: inédito*. Olímpia, 01 de agosto de 2023. Entrevista concedida ao autor.

Notas

¹ A Comissão organizadora do FEFOL enviou o valor de R\$ 4.400,00, como ajuda de custo, para a produção do vídeo.

² Após a participação 57º Festival do Folclore de Olímpia – FEFOL – Edição Híbrida, em 2021, o Grupo Siriri Flor de Atalaia, participou do Festival do Folclore de Olímpia (2022), do Festival Internacional de Folclore de Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul (2022 e 2023), do Festival de Danças de Joinville (2022 e 2023) e do Festival Internacional de Lima, Peru (2023).

Acertos e desacertos na afinação das folhas¹

Wagner Diniz Chaves

Apresentação²

Certo dia, em uma das incontáveis e agradáveis conversas com o saudoso Martinho Rodrigues (1921-2018)³, entre um gole e outro de pinga, o velho sábio, com voz mansa e aguda, discorria sobre temas como a natureza da música e do fazer musical. Assuntos espinhosos e controversos, em torno dos quais muita tinta já foi (e ainda é) derramada, como notou Bastos (1995) em um importante balanço da trajetória dos estudos musicológicos no pensamento ocidental, a compreensão do que é música e o que está em jogo no fazer musical emergiam com lucidez e clareza na fala do meu interlocutor.

Na ocasião com 83 anos, dono de uma viva memória e um gosto pela prosa, seu Martinho, quando me explicava o que entendia por música, não pensava em termos abstratos e tampouco substantivos. Em sua concepção, música não é um conceito nem uma coisa (um produto). A “musicológica” de Martinho trilhava outros caminhos. Para ele, música é uma questão eminentemente prática e relacional - uma ação coletiva, um fazer com outrem. Segundo ele, “Tocar é como conversar”. Em seguida, mencionava o caso de dois “bons tocadores” (fez questão de pontuar) que se encontram pela primeira vez para juntos tocar. A habilidade individual de cada um não é garantia de que o encontro seja bem-sucedido. Isso porque, para tocar junto, ressaltou: “Tem que ter assunto”.

Tal concepção de música elaborada com sensibilidade por meu interlocutor, curiosamente (ou não), parece estar em sintonia com o que pesquisadores como Small (1989)⁴ e Titon (1994 e 1997) têm proposto para a pesquisa etnomusicológica. Ao definir a disciplina como o “estudo das pessoas fazendo música” (ou o “estudo das pessoas experimentando música”), Titon, inspirado na fenomenologia de Edmund Husserl, Hans-George Gadamer, Paul Ricoeur, Martin Heidegger entre outros, enfatiza as dimensões experienciais e intersubjetivas do fazer musical. Um caso paradigmático do “ser no mundo musical” (“musical being-in-the-world”). Para Titon, entender o fazer musical pela perspectiva fenomenológica é voltar-se para o caráter comunal e relacional da experiência viva que é tocar junto⁵.

Alfred Schutz (1976 [1951]), uma das inspirações de Titon, no texto “Making music together: a study in social relationship”, já havia procurado compreender e descrever fenomenologicamente a experiência musical. Em sua elaboração, “fazer música junto” é uma forma de comunicação que acontece no fluxo das interações face a face por meio do compartilhamento do tempo e da coabitação do espaço. A ideia central refere-se a esse fazer em parceria que provoca nos participantes um sentimento profundo e intenso de conexão com o outro - “pelo qual o ‘Eu’ e o ‘Tú’

vivenciamos a experiência de um ‘Nós’ como presença viva” (SCHUTZ, 1976, p.161).

Para que essa experiência aconteça e possa ser vivenciada coletivamente, é imprescindível que haja entre os participantes uma “sintonia mútua no relacionamento” (“mutual tuning-in relationship”). Estar em sintonia com os outros durante a prática musical não é, portanto, um fenômeno de natureza meramente cognitiva ou referencial. A sintonia produzida no “fazer música junto” é experimentada multissensorialmente por meio dos corpos que sentem, dos ouvidos que escutam e dos olhos que veem. Sintonia essa que pode ser percebida também em outras práticas, como a dança, a marcha e o amor. No caso da afinação das folias, como veremos, a experiência de tocar junto, além de sonora, articula outros sentidos, mobilizando sonoridades, corporalidades, espacialidades e materialidades.

Outra reflexão que me inspira a pensar nas dimensões comunicacionais, performativas e multissensoriais na afinação das folias é a noção de “frame” elaborada por Bateson (2000 [1972]). Para ele, “frames” são contextos interpretativos, criados no curso das interações pessoais. Por meio desses contextos, demarcadores linguísticos, gestuais, expressivos e/ou sonoros são apreendidos pelas pessoas para que possam compreender e vivenciar as situações. É esse procedimento cognitivo-interpretativo que proporciona, por exemplo, a diferenciação entre uma luta de uma brincadeira de luta. Logo, é a partir da produção de “frames” ou enquadres que se estabelece o modo como cada interação deverá ser interpretada e vivenciada. Como evidencia Bateson, trata-se de um fenômeno meta comunicativo, ou seja, um modo de comunicação cujo assunto é a própria relação entre os falantes, isto é, uma comunicação da comunicação.⁶

Se a experiência musical envolve (e em alguma medida é avaliada pela) sintonia, assuntos, engajamentos, enquadramentos e acertos, como sugerem Bateson, Schutz, Tilton, Small e Martinho, nada garante a priori que tais objetivos serão alcançados. Como ressaltou Martinho, o diálogo musical, como toda conversa, é sempre um empreendimento arriscado e incerto que pode ou não dar certo. Lembremos a história do encontro dos dois “bons tocadores”. Fazer música (e acrescento, com Schutz, o dançar e o namorar) pode ser uma experiência tanto prazerosa (quando há “assunto” e este é bom), quanto desagradável (quando não há “assunto” ou não é suficiente para animar uma conversa). No caso da folia, como veremos, a afinação pode produzir sintonia, assuntos e enquadramentos, mas também corre riscos e está a todo tempo sob ameaça. Entre o acerto e o desacerto, a linha é tênue e frágil.

O guarnicê do boi

O envolvimento coletivo em jogo no processo de afinar os instrumentos musicais, central para se compreender o fazer musical e também a moralidade e a perspectiva estética das folias e dos foliões, se faz presente em diversos outros contextos. Em muitas circunstâncias, a afinação, além de representar uma etapa preliminar e preparatória para o fazer musical propriamente dito, é uma atividade significativa, dotada de poder e eficácia. A esse respeito, o caso do bumba-meu-boi e do tambor de crioula maranhenses, que venho acompanhando há um bom tempo como pesquisador e participante, é um bom exemplo⁷.

Realizada ao pé do fogo, a afinação dos instrumentos é fundamental para o transcorrer da brincadeira do boi e do tambor. Nela, ao mesmo tempo em que os couros dos instrumentos são esticados, as pessoas chegam, se cumprimentam, trocam idéias, bebem e assim vão formando a coletividade (ou o batalhão, como se diz) responsável pela brincadeira. É em torno da fogueira que couros, peles e pessoas buscam a sintonia e o enquadramento para a realização do boi e do tambor. No caso específico do boi, a sintonia (ou sintonização) alcança o clímax no guarnicê, momento em que todos se aproximam, tocam e cantam juntos toadas para iniciarem a brincadeira. Imortalizada na voz de Bartolomeu dos Santos (Coxinho), lendário cantador do boi de Pindaré, na baixada maranhense, uma conhecida toada diz assim:

**Amanheceu
o galo cantou
vaqueiro vai na igreja
que o sino dobrou**

**É pra reunir
vamos guarnicê
essa é a ordem
que São João mandou.**

Cantado sempre no início da brincadeira, o guarnicê, como explicita a letra, é “pra reunir”. Nessa hora, em geral ainda ao pé do fogo, o processo de afinar é levado a termo quando as pessoas se reúnem e formam, através da conexão de suas vozes (no canto) e do movimento de seus corpos (na dança), o batalhão – coletivo de tocadores e cantadores responsáveis pela performance musical do boi. Só então a brincadeira tem início.

Partindo dessas inspirações teóricas e etnográficas, neste artigo, pretendo abordar a afinação das folias como uma ação, um acontecimento e uma performance coletiva que, assim como no boi, cria e transforma as relações, produz contextos e enquadramentos, gera sintonia e possibilita conversas. Desse modo, a pergunta que anima este texto não versa tanto sobre qual é a afinação das folias ou sobre o que é afinação. Mas busca entender como os instrumentos são afinados. O que acontece quando a prática é realizada? Como os gestos, sons, movimentos corporais, olhares, palavras e instrumentos são mobilizados no curso das interações? De que modo a afinação se relaciona com outras situações rituais e quais os riscos, ameaças e perigos que incidem sobre a prática?

Para me aproximar etnograficamente dessas preocupações, além de acionar a escuta das gravações (realizadas por mim durante o período de trabalho de campo), procurarei, ao modo de uma “antropologia no som” como propõe FELD (1996; 2004)⁸, deixar o som soar e reverberar em minha interpretação. Também mobilizarei um conjunto de imagens para o diálogo. São fotografias, algumas de minha autoria e outras do fotógrafo e parceiro Francisco Moreira da Costa, que retratam os foliões atuando em diferentes situações – durante a caminhada entre as casas, nas chegadas e, com maior destaque, na afinação dos instrumentos. As fotografias, para minha narrativa, não funcionam como ilustrações ou complemento ao texto escrito, pelo contrário; são meios visuais de aproximação ao universo multissensorial das folias. Além disso, em diversos momentos, as imagens funcionam como estímulo e inspiração para as notas etnográficas que se seguem.

Giros, santos, folias

Folias, como as peregrinações, procissões, marchas, cortejos e romarias, são processos rituais que acontecem no (e através do) movimento e deslocamento das pessoas por um território. Durante um tempo-espço determinado, sacralizado pela passagem e caminhada dos foliões (tocadores e cantadores que integram um grupo de folia) e do santo, as folias movimentam e relacionam um amplo conjunto de entidades, pessoas e coisas. A razão de ser de uma folia, segundo os participantes, é cumprir um giro ou jornada, termos que bem expressam o sentido de ação e movimento que caracteriza o ciclo ritual.

No vale do rio São Francisco, nos municípios norte mineiros de São Francisco, Januária e Chapada Gaúcha, locais onde venho realizando pesquisas etnográficas desde 2002, muitos são os santos cultuados nas folias. Além da folia de Santos Reis, considerada a primeira e, como veremos, originária das demais, existem folias para muitos santos e santas do panteão católico (São Sebastião, em janeiro; São José, em

março; Bom Jesus, em agosto; Nossa Senhora Aparecida, em outubro; Santa Luzia, em dezembro; entre outros), configurando um verdadeiro calendário religioso e festivo ao longo do ano.

No correr de dias e noites, que varia de acordo com a promessa foi feita (o mais comum sendo três, seis, nove ou até doze dias), os foliões e acompanhantes, em nome do santo de devoção e com o firme propósito de cumprir uma promessa, “estão no meio do mundo”, percorrendo a pé, a cavalo, de caminhão, ônibus ou carro, estradas, ruas, trilhas, atravessando povoados, fazendas, sítios e cidades. Durante esse tempo ritualizado (o tempo das folias), os foliões deixam de lado afazeres cotidianos para se dedicarem integralmente ao cumprimento do giro.

A caminhada dos foliões durante o giro, diferentemente das andanças do dia a dia, deve seguir preceitos e regras. Como fazem questão de lembrar e praticar, sob pena de castigos e represálias divinas, os foliões devem se movimentar sempre de oriente para ocidente (“pelos direitas”, como dizem), e não podem cruzar um caminho já percorrido (“para não apagar rastro”), tampouco andar para trás⁹. Caso uma visita não aconteça em razão da não presença dos moradores durante a passagem da folia, não é recomendável que se retorne para fazê-la em outro momento. A caminhada dos foliões, inspirada na viagem mítica dos reis magos, não deve ser feita de qualquer modo. Há um saber-fazer próprio. Saber andar, chegar e sair de uma casa são aprendizados fundamentais para alguém participar de um giro.

Na região pesquisada, a folia de Reis, que acontece entre os dias do natal (25 de dezembro) e o dia de reis (6 de janeiro), é a principal e primeira folia. Sua origem é associada aos primeiros tempos (“princípio do mundo”, conforme dizem), à viagem, visita e adoração dos Três Reis Magos ao menino Jesus. Na Taboquinha, observação que pode ser estendida para grande parte da área pesquisada, a movimentação dos foliões em geral se inicia e se encerra em um mesmo local - normalmente corresponde à casa do dono ou da dona da promessa (imperador e imperadora, como são reconhecidos os festeiros e promotores de uma folia).

Demarcado com ritos de saída e chegada (ou entrega), ocasião em que uma grande festa é organizada e oferecida pelos imperadores para comemorar o encerramento de mais uma folia e principalmente o pagamento de suas promessas, o giro é realizado ao longo da caminhada dos foliões e das inúmeras visitas que fazem às casas dos moradores e a locais como igrejas, capelas e cemitérios.

As casas, ao receberem essa visita especial, se transformam. Circulam-se dádivas entre os foliões e os moradores que os recebem. Entidades (e eventualmente os mortos) são presentificadas, vínculos sociais, morais e cosmológicos são criados e afirmados. Ao entoarem os cantos na chegada às casas, os foliões anunciam a um só tempo a presença do grupo de viajantes e os santos e santas que os acompanham. As moradias e seus habitantes, diante dessas presenças, são abençoados. Com a cantoria, votos são cumpridos, pedidos aceitos e ofertas recebidas e agradecidas. Os moradores, em retribuição, oferecem aos foliões comida e bebida (consumidas durante a visita) e aos imperadores donativos diversos para a viabilização dos festejos¹⁰.

Na Taboquinha, as folias são muito populares e, como já mencionado, acontecem em diversas ocasiões ao longo do ano. Grosso modo, a diversidade de folias é classificada em dois conjuntos: a folia de Reis, originária e modelo para as demais; e as folias de bandeira, como são genericamente denominadas as outras folias. Essas últimas são consideradas invenções ou imitações da primeira.

Como indicado no nome, folias de bandeira, já se pode notar uma importante diferença entre as folias: a presença ou não da bandeira. Espécie de estandarte que traz estampada a imagem do santo ou da santa, a bandeira, como se diz, é a guia da folia. Durante o giro, ela sempre se posiciona à frente do grupo e conduz os foliões nas caminhadas, chegadas e saídas das casas nas folias de São José, São Sebastião, Santa Luzia, entre outras. Sua ausência nas folias de Reis em localidades como a Taboquinha sempre me chamou a atenção¹¹.

Outra distinção importante está na temporalidade dos respectivos giros: enquanto as folias de bandeira realizam giros durante o dia e descansam à noite; a folia de Reis, assim como os Reis, caminha somente à noite (lembramos que estes foram guiados pela estrela) e descansa de dia. O repouso da folia acontece na casa que oferece paragem (pouso) para os foliões e seus instrumentos (e eventualmente a bandeira). Nesses locais, o grupo fica hospedado até que se possa novamente seguir o rumo da caminhada.

Apesar dessas diferenças, o processo ritual é semelhante. O rito nos dois tipos de folia acontece na seguinte dinâmica: caminhadas, visitas e pousos, alternando entre momentos de maior e menor formalidade. Enquanto a caminhada (com a exceção da folia de Reis que tem o silêncio como um valor importante) é realizada de modo mais descontraído, permeada por conversas e brincadeiras; as visitas aos moradores e a hora do canto, em especial, são momentos de maior solenidade e seriedade, ocasião em que o santo é presentificado e passa a interagir com os demais presentes. Na Taboquinha, a passagem entre esses dois contextos é vivenciada na (e pela) afinação dos instrumentos musicais, que sempre antecede cada nova visita.

Caminhando e chegando

Como vimos, os giros de folia são construídos a partir de uma dinâmica que alterna deslocamentos por um território e visitas às casas dos moradores (como também às igrejas, capelas e cemitérios). Quem já participou de uma folia sabe bem que, para acompanhar os foliões, é preciso ter perna e disposição para caminhar. Debaixo de sol e chuva, de dia ou à noite, os foliões percorrem grandes e pequenas distâncias – sobem e descem morros, atravessam córregos e matas, andam por estradas diversas. Na Taboquinha (como em muitas outras áreas da região pesquisada), as distâncias entre as casas são consideráveis, o que torna o giro um empreendimento de grandes proporções e com doses consideráveis de sacrifício físico-corporal (ROCHA, 2016).

As duas imagens a seguir retratam momentos de caminhada nas folias de Reis e Bom Jesus, respectivamente.



Figura 1 - Foliões durante a caminhada. Folia de Reis, janeiro de 2004. (Fotografia de Francisco Moreira da Costa. Acervo CNFCP/IPHAN)



Figura 2 - Foliões durante a caminhada. Folia de Bom Jesus, agosto de 2005. (Fotografia de Wagner Chaves)

O primeiro comentário que gostaria de fazer em relação às duas figuras diz respeito à paisagem, especialmente em relação à vegetação e ao solo – verde e úmido na primeira e seco na segunda. Essa observação nos indica que estamos diante de duas folias em períodos distintos do ano. Na figura 1, temos a folia de Reis, em dezembro e janeiro, o período das chuvas (tempo das águas), quando a vegetação cresce, o ambiente se torna esverdeado e o solo umedecido. Já na figura 2, o que visualizamos é uma paisagem mais árida, com árvores ressequidas, folhas caídas, solo seco e duro e um céu limpo e azulado, típico do período da seca que se estende de abril à setembro. Ainda na figura 2, temos a caminhada dos foliões durante a folia de Bom Jesus, que acontece em agosto, no auge da seca, quando as noites são mais frias e os dias mais claros e ensolarados.

Novamente relacionando as duas imagens, percebe-se que, em ambos os casos, os foliões se movimentam de modo semelhante – um atrás (ou na frente) do outro. Independentemente de ser folia de Reis ou de Bom Jesus, eles andam enfileirados. Apesar dessas semelhanças no modo de caminhar, uma diferença importante entre as duas transparece - a presença ou não da bandeira. Enquanto nas folias de Reis, como já mencionado, não há bandeira, em todas as demais, ela está presente. Como podemos visualizar, a bandeira permanece à frente do grupo e nesse caso em particular (figura 2), a mulher (a única do grupo) que conduz o estandarte de Bom Jesus leva-o como forma de cumprir a promessa feita.

Adentrando mais diretamente no assunto deste artigo, a segunda imagem é particularmente reveladora da formação instrumental das folias na Taboquinha. Ao todo podemos visualizar onze foliões, além da bandeireira e uma criança que acompanha o grupo. Do ponto de vista instrumental, o conjunto é formado por quatro violas (três à frente, sendo a primeira conduzida pelo guia ou cabeça¹² Manoel Barqueiro), dois violões, uma rabeca, um pandeiro e uma caixa. Além desses, nota-se a presença da geroma, instrumento típico das folias na região, conduzida pelo jovem folião¹³.

Do conjunto de instrumentos que compõe a folia, é notável a preponderância de instrumentos de cordas, notadamente violas. Somando-se as quatro violas (com dez cordas cada), os dois violões (de seis cordas) mais a rabeca (com cinco cordas), temos nada menos do que sessenta e uma cordas. É esse emaranhado de cordas que faz da folia da Taboquinha uma “folia cordial” (no sentido de ser constituída

predominantemente por instrumentos de corda), como certa vez me disse o próprio Manoel Barqueiro.

A esse conjunto de cordas devemos acrescentar a caixa que, embora seja uma percussão, é construída (e afinada) com uma corda que atravessa o corpo do instrumento, conectando o aro superior ao inferior, como na imagem abaixo:



Figura 3 - Caixa de folia. Folia de Santos Reis, janeiro de 2005. (Fotografia de Wagner Chaves)

Se por um lado os foliões devem saber andar, ter cuidado com o trajeto, escolher bem quais caminhos percorrer (e quais evitar); por outro, também devem saber como chegar à casa dos moradores. Levando-se em conta que a visita da folia é uma visita especial, diferente da circulação rotineira das pessoas entre as casas, existem modos adequados para se chegar à casa dos moradores e para receber uma folia. Nas folias, chegar, receber e sair são atos ritualizados que envolvem padrões de comportamento, etiquetas de conduta, regras e “leis de hospitalidade” (PITT-RIVER, 2012).

Quando se visita uma casa, além das pessoas, o santo (ou santa) está presente, o que torna o evento singular, dramático e sacralizado. Para que essa atmosfera seja criada, é fundamental saber chegar. A afinação dos instrumentos é uma das práticas que cria o contexto ou “enquadramento” adequado à vivência e eficácia de uma visita. Na Taboquinha, a primeira etapa da afinação nas folias em geral acontece a certa distância da casa a ser visitada, como se pode visualizar na imagem a seguir:



Figura 4 - Foliões afinando os instrumentos fora da casa. Folia de São José, março de 2006.
(Fotografia de Wagner Chaves)

Percebe-se que os foliões, até então enfileirados na caminhada, passam a habitar o espaço de outro modo. Em uma disposição circular, eles se aproximam, se reúnem e se posicionam um defronte ao outro. Interessante notar que enquanto alguns instrumentos permanecem silenciados (notadamente o pandeiro e a caixa) os demais se engajam ativamente no processo, como as violas, violões e a rabeca. Em alguns casos, a afinação vai ocorrer a uma distância mínima da moradia, bem no limiar da porteira que dá acesso ao terreiro, como na fotografia abaixo:



Figura 5 - Foliões afinando os instrumentos fora da casa. Folia de Bom Jesus, agosto de 2005.
(Fotografia de Wagner Chaves)

Uma vez encerrada essa primeira etapa da afinação, ainda fora da casa, os foliões iniciam a alvorada, tema instrumental executado enquanto percorrem o espaço entre a porteira e a sala da casa. Nessa hora, eles passam a caminhar de modo mais próximos, sempre com a bandeira à frente.



Figura 6 - Chegada à casa com a alvorada. Folia de Bom Jesus, agosto de 2005. (Fotografia de Wagner Chaves)

A entrada na casa, como se pode ver na figura 7, acontece pela porta da frente que dá acesso à sala. Nota-se que a chegada nas casas pela folia instaura uma dinâmica de movimentação bem diferente da circulação do dia a dia, que predominante acontece pelos fundos e cozinhas das casas.



Figura 7 - Foliões entrando na casa. Folia de São José, março de 2006. (Fotografia de Wagner Chaves)

A alvorada é a música de chegada. Ela só deve terminar quando os foliões já estiverem no interior da casa (na sala) e forem recebidos pelos moradores. Então, a música cessa e os moradores são saudados e cumprimentados. A atmosfera durante esses “ritos de chegada” e de “agregação” é de descontração e de certa informalidade até. As vozes dos foliões e dos moradores ressoam no espaço. Entre saudações e cumprimentos como “Boa tarde, como vai o senhor?” e “Eu vou bem, e você?”, os que chegam são agregados e acolhidos no ambiente da casa.

Ouvindo a gravação, percebo que, em meio às interações verbais e gestuais dos foliões com os moradores (expressas em apertos de mão e no tom alto e animado das conversas, entremeadas de risos e brincadeiras), ao fundo, o som de alguns instrumentos começa a despontar. Aos poucos, a massa sonora das violas, violões e rabeca aumenta e as falas e conversas diminuem de intensidade. Além das sonoridades dos instrumentos, gestos como a retirada dos chapéus e a movimentação dos foliões pelo espaço evidenciam a transformação em curso.

Se até então escutávamos risos, falas e conversas em alto volume, a partir de agora o som ressonante passa a ser dos instrumentos. Esse som é ampliado, criando uma ambientação sonora peculiar. Assim como a afinação fora da casa faz cessar a caminhada e instaura um novo modo de habitar e interagir (figuras 4 e 5), o mesmo pode ser dito em relação à afinação no interior da casa. Com a diferença que, agora, a prática é realizada com mais cuidado e apuro, como descreverei adiante.

Afinando cordas, percepções e relações

A referência sonora de todo o processo de afinação das folias na Taboquinha é o chamado baixão, termo que nomeia a segunda corda da viola¹⁴. É essa corda que fornece a base sonora para as violas, violões, rabeca, também para a caixa - o último instrumento a ser afinado. Como me esclareceu Neudir Costa, um dos responsáveis pela afinação na Taboquinha:

Eu pego pela segunda corda. A viola é melhor pra dar o som pros outros. A caixa é a derradeira, até o tempo regula ela. De repente o sol tá quente e tá lá fora, ela vai tá alteando, você baixa ela, quando você entra já alteou de novo.

A segunda corda da viola (ou baixão), que “dá o som pros outros”, deve estar compatível com a voz de quem canta. Essa altura de referência varia de cantador para cantador – enquanto alguns cantam mais agudo, outros cantam em um registro mais grave. Como me disse certa vez um folião, ao se referir à variação de modos, estilos e alturas de se cantar: “Cada folião canta de um jeito”¹⁵.

Podendo variar de grupo para grupo e, no limite, de cantador para cantador, a altura da voz de uma mesma pessoa também muda no decorrer do giro. Geralmente mais baixa no início do dia, a altura da voz do cantador tende a subir à medida que ele canta e conseqüentemente aquece as cordas vocais. Pude notar, a partir da comparação de gravações sonoras realizadas em diferentes momentos (do primeiro canto da manhã ao último ao cair da tarde), uma tendência para a elevação da altura.

A referência para o processo de afinação, portanto, é a altura. É a relação entre o mais alto e o mais baixo que orienta a prática de acertar os instrumentos da folia. Desse modo, durante a afinação é comum se ouvir enunciados como: “O seu baixão está por cima.”; “Alteia aí um tiquinho a toeira.” (quarta corda da viola de cima para baixo); “Aperta mais a caixa.”; “Tá faltando.”; “Aí, agora sim”.

Interações verbais como essas evidenciam o caráter pragmático e imperativo da fala durante o processo de afinação (MALINOWSKI, 1972 [1930]), direcionam a percepção dos participantes para uma postura de escuta ativa e torna-os aptos a reconhecer (e ajustar) diferenças mínimas de altura entre a sonoridade de seus instrumentos.

Mais do que designar estados (baixo e alto), quando se referem à altura dos sons, o que está em jogo são as relações sonoras percebidas por ouvidos sempre atentos. O processo de afinação busca igualar as alturas dos instrumentos. Alto e baixo, desse modo, só existem na relação e entre os pólos (do mais alto e do mais baixo). O que existe é um contínuo de sonoridades, alturas e tensões. A esse respeito, a passagem de Paul Stoller é reveladora:

Ainda que as leis que regem o som de melodia para melodia e de encantação a encantação sejam diferentes, elas possuem um ponto em comum: são dinâmicas, referem-se a estados não a objetos, às relações de tensão não de equilíbrio, de movimento e não de força. (STOLLER, apud. ZUCKERMANDL, 1989, p. 120).

No caso da folia, como estamos vendo, baixo e alto corresponde mais às tendências e tensões em contínuo e menos a posições definidas. Sobre isso, Neudir diz:

A gente acerta, né? Porque muitas vezes a pessoa tá com aquele instrumento que não tá afinado, aí toca naquela alturona, pode fazer as notas certas, mas fica assim tipo roubar o som dos outros.

Movimento em direção a um limiar, como esclarece o saudoso folião, o processo de afinação (o acertar dos instrumentos como dizem) caminha ao integrar as diferenças em um som único. O objetivo do processo é colocar todos os instrumentos na mesma altura para nenhum “roubar o som do outro”. Essa alusão revela um ideal que valoriza o todo, o conjunto orquestral, cuja eficácia depende de como cada instrumento individualmente contribui e se integra na totalidade. A afinação é um processo em que se busca a altura ideal (nem baixa demais nem alta demais) para o canto, a fim de criar um contexto favorável para a execução.

Uma vez definida a altura do baixão, a relação passa a ser entre esse som com o som das demais cordas do instrumento. Esse é o momento em que os foliões, individualmente ou em duplas, procuram um ajuste comum para a sonoridade de suas violas, violões e rabecas.



Figura 8 - Seu Martinho e seu Raimundo afinando suas violas. Folia de Bom Jesus, agosto de 2005. (Fotografia de Wagner Chaves)



Figura 9 - Manoel Barqueiro e seu companheiro afinando a viola e o violão. Folia de Reis, janeiro de 2004. (Fotografia de Francisco Moreira da Costa - Acervo CNFCP/IPHAN)



Figura 10 - Manoel Barqueiro e seu companheiro afinando a viola e o violão. Folia de Reis, Janeiro de 2004. (Fotografia de Francisco Moreira da Costa - Acervo CNFCP/IPHAN)

Nas três imagens podemos perceber que, enquanto um dos foliões (seu Martinho na figura 8 e o rapaz com o violão nas figuras 9 e 10) toca um acorde, o outro (seu Raimundo na figura 8 e Manoel nas figuras 9 e 10) mantém uma postura de concentração e escuta ao ajustar as cordas do instrumento. Nos dois casos, a afinação é feita em dupla e um dos foliões atua como referência para o outro. Interessante notarmos a movimentação corporal deles durante o processo: Seu Raimundo, com os olhos fechados e a cabeça levemente inclinada para baixo, ajusta a cravelha de uma das cordas da sua viola. Manoel, que inicialmente (figura 8) escuta com atenção o acorde executado pelo companheiro abaixando sua cabeça em direção a caixa de ressonância do violão deste, em seguida (figura 9) direciona o olhar para as cravelhas de seu instrumento e para a sua mão esquerda enquanto ajusta a terceira corda da viola (justamente o baixão). Nos dois movimentos dessa sequência, Manoel

mantém uma atitude de atenção aos sons e aos movimentos tanto do instrumento de seu companheiro quanto ao de seu próprio. Em todo processo de afinação, como podemos visualizar brevemente nessa sequência de imagens, a escuta atenta ao som do outro é conectada com a movimentação dos corpos, com o atravessamento de olhares e no engajamento dos foliões com seus respectivos instrumentos.

Após cada um acertar o instrumento individualmente (ou em duplas), eles novamente se dirigem ao centro da sala. Esse é o momento em que todos se reúnem para os últimos ajustes. É a hora para acertar algum detalhe que ainda estiver faltando. Ouvindo a gravação, percebo nitidamente que o volume do som aumenta e se torna mais forte, intenso e vibrante. Enquanto as violas e violões tocam juntos um mesmo acorde; o rabequeiro passeia o arco pelas cordas da rabeça fazendo arpejos; e o caixeiro percute o aro da caixa com a palma da mão. É como se o baixão, base sonora de toda a afinação, se ampliasse, reverberando e conectando os participantes em uma mesma vibração. Tudo e todos devem soar em sintonia com os valores estéticos e morais dos foliões. Quando esse patamar é alcançado e reconhecido pelos participantes, faz-se silêncio por alguns segundos até que o cabeça da folia execute, na viola, a parte instrumental que dá início ao canto.

Do ponto de vista temporal, a afinação parece movimentar duas temporalidades: Em um primeiro momento, após definida altura do baixão, a afinação acontece corda a corda, passo a passo, sucessivamente, estendendo-se cronologicamente ao longo da linha temporal. Nesse plano, os foliões vivenciam individualmente (e em duplas), na diacronia, a sequência dos atos que fazem da afinação um fenômeno mensurável, situado no que Schutz denomina *outer time*¹⁶.

Entretanto, a afinação se move verticalmente e sincronicamente no tempo vivido - que não coincide com o tempo mensurável. Schutz, inspirado em Bergson, chama esse tempo de duração ou *inner time*. Essa vivência é expressa quando todos, partindo de um mesmo som (o baixão), acertam os instrumentos e tocam juntos, simultaneamente, um mesmo acorde. Nesse acontecimento sonoro único, o final da afinação é demarcado. Foi alcançado o clímax da experiência de um "nós" sonoramente construído. O canto, momento de maior sacralidade de uma visita, não se inicia sem que esse limiar seja alcançado.

O termo baixão, que nomeia a corda e o som da viola referencial para a afinação de todos os instrumentos, também designa uma figura sonora presente no canto. Em termos gerais, do ponto de vista vocal, o canto das folias é executado a quatro vezes e estruturado em quadras (estrofes de quatro versos). Cada par de versos é cantado por uma dupla de cantadores. Baixão nesse contexto é o prolongamento da última sílaba dos versos que cada dupla canta. A ampliação temporal da última sílaba do verso faz com que esse som (o baixão) adentre o início dos versos da dupla seguinte, criando por alguns segundos um efeito sonoro de sobreposição, entrelaçamento e continuidade entre as quatro vezes.



Figura 11 - Manoel Barqueiro e Pedro Barqueiro executando o baixão no canto. Folia de São José, março de 2006. (Fotografia de Wagner Chaves)

Comparando os usos do termo baixão (na afinação e no canto), fica claro, em ambos os contextos, um sentido comum – ser o som de base, uma espécie de centro para a produção sonora das folias. Assim, a idéia de um baixo grande (um som grave, denso, grosso, pesado e contínuo) surge no pensamento musical dos foliões como uma metáfora para se compreender e descrever a experiência sonora e estética vivenciada na folia.

Atrapalhos, malinagens e feitiços

O consenso, equilíbrio e estabilidade ansiados (e que a categoria baixão parece bem expressar), todavia, é provisório e frágil. O acerto da sonoridade dos instrumentos duramente alcançado está ameaçado de ser rompido a todo instante, revelando que a afinação sempre corre o risco de não ser bem-sucedida, de não dar certo. Empresa arriscada e incerta, a afinação está sujeita aos perigos, às “impurezas” e “contaminações” (DOUGLAS, 1976 [1966]) ou “infelicidades” (nos termos de AUSTIN, 1962). Desse modo, a afinação, ao produzir um sentido de ordem, integração e coesão por meio de um ideal sonoro de equilíbrio, tem de lidar constantemente com ameaças. Na região pesquisada, as práticas que têm o potencial de desacertar sonoramente uma folia são conhecidas como atrapalho, malinagem e feitiço. Em geral se trata de ações intencionais de determinadas pessoas que são direcionadas aos instrumentos musicais (não por acaso, especialmente, as cordas e a caixa) e às vozes dos cantadores.

A esse respeito, durante minha última estada em campo, entre dezembro de 2018 e janeiro de 2019, ouvi de Zé de Júlio (filho adotivo de seu Martinho) o seguinte relato que transcrevo do meu caderno de campo:

Martinho Capeta era o guia, Seu Martinho o contra-guia (ou “pegador de verso”). Era uma folia para Bom Jesus, debaixo de um sol quente e seco. Estavam cantando em uma casa quando chega um homem, parece que de uma família de feiticeiros afamados na região. Diz que o homem jogou um feitiço na folia que os instrumentos desafinou tudo e de uma só vez. A voz de seu Martinho sumiu, calou. Daí continuaram o canto, terminando como deu. Na próxima casa, “acertaram” os instrumentos no jeito e começaram mais um cantório. Até que principiou no prumo, mas com o tempo ficou tudo esbagaçado. Ao final, Zezinho (filho de seu Martinho e liderança

religiosa na comunidade) resolveu procurar uma curandeira no Riacho Fundo (localidade vizinha à Taboquinha). Levou uma pinga para ela e contou o ocorrido. A velha curandeira mirou a garrafa de pinga e lá dentro avistou a figura de um homem, o tal que causou o infortúnio para a folia. Disse ainda que era gente próxima que fez a malinagem e que como defesa, os foliões todos, antes de iniciar o canto, deveriam se reunir e cada um tomar um gole do líquido por ela abençoado. Dito e feito! Todos beberam da pinga que a velha preparou e a folia aos poucos foi voltando ao prumo.

Acompanhando a narrativa de Zé de Júlio, percebemos como os riscos, as ameaças e os perigos estão sempre à espreita das folias. Como escutei diversas vezes, assim como os Reis Magos tiveram que lidar com o mau, personificado na figura de Herodes, cuja intenção era perseguir e matar Jesus, os foliões também entram em contato com essas forças durante os giros. As tensões, conflitos e perigos são constantes em uma folia e, por isso mesmo, a atenção e o cuidado devem ser redobrados.

Na região pesquisada, especialmente em localidades à margem esquerda (oeste) do São Francisco, os foliões costumam se defender e se prevenir contra possíveis ataques dessa natureza com o que chamam de remédio. Trata-se de um composto de raízes e plantas inserido em uma garrafa que será usada como recipiente para receber a cachaça consumida pelos foliões.

Durante o giro, eles só devem beber esse preparado, pois atua tanto no plano orgânico (ajudando por exemplo na digestão de uma comida pesada ou na sustentação da voz do cantador, castigada diante do seu uso intenso e prolongado) quanto espiritual (defendendo dos atrapalhos, malinagens e feitiços). Como podemos visualizar nas imagens abaixo, o remédio é transportado em um embornal (ou sacola) e conduzido pelo alferes, o encarregado por levar a bandeira e pela repartição da pinga durante um giro.



Figura 12 - Seu João, alferes de folia, mostrando o embornal. Folia de Reis, janeiro de 2005. (Fotografia de Wagner Chaves)



Figura 13 - Seu João, alferes de folia, servindo o remédio. Folia de Reis, janeiro de 2005.
(Fotografia de Wagner Chaves)

O remédio, desse modo, atua na defesa contra possíveis ataques e como um contra-feitiço quando o atrapalho já foi feito. Nesse último caso, ele age eliminando os efeitos maléficos que desestabilizam a sonoridade (afinação) das folias.

Considerações finais

Acertar ou afinar os instrumentos, ajustando-os e sintonizando-os em uma mesma frequência, é buscar um equilíbrio possível na comunicação e interação entre as pessoas. Na folia da Taboquinha, cuja base instrumental é as cordas – violas, rabecas e violões – diferentemente de outras localidades que visitei, o cuidado, a seriedade e apuro com o qual realizam a prática são notáveis. Participando dos giros na localidade, tive a sensação de que o efeito (a eficácia) da afinação não está somente no ajuste dos instrumentos musicais para torná-los sonoramente aptos ao canto ou à alvorada. Quando os foliões se reúnem, algo a mais acontece – a qualidade das relações, comportamentos e atitudes se transformam. Através da sonoridade dos instrumentos, da troca e circulação de palavras, gestos e olhares, os participantes se aproximam, se conectam e se engajam em uma experiência intersubjetiva e coletiva.

Como vimos ao longo dessas páginas, a afinação nas folias (o que vale também para muitos outros contextos) não é uma coisa, um produto ou uma abstração. Mas um verbo, uma ação, uma prática, um acontecimento, um evento e uma performance que pode (ou não) suscitar conversas, gerar sintonias e produzir acertos e enquadramentos. A partir do relato etnográfico percebemos ainda que o conversar, o sintonizar, o acertar e o enquadrar é sempre uma busca, um limiar em direção ao equilíbrio entre alturas, intervalos e tensões. Como toda busca, o afinar é permeado de incertezas, dúvidas, ameaças e desacertos.

Se retomarmos a metáfora que deu o tom para esta prosa, não poderíamos di-

zer que a afinação é um bom caminho para entendermos as potencialidades e os limites de uma conversação? Na medida em que tocar junto é como conversar (e vice-versa), a busca pela afinação nas folias nos mostra como essa prática não necessariamente pressupõem concordâncias absolutas nem tampouco a ausência de conflitos e tensões. Como vimos, um mínimo de tensão é importante para que vínculos, enquadramentos e assuntos sejam produzidos entre os participantes. No entanto, se a tensão ultrapassar essa frágil fronteira entre a produção de sintonias e desavenças (nem de mais nem de menos), a comunicação corre o sério risco de se romper, assim como não raro ocorre com as cordas de uma viola.

Para concluir com uma provocação, proponho um exercício de aproximação entre a dinâmica da afinação e o cenário de incertezas e retrocessos que estamos vivenciando no Brasil. Cenário esse marcado pelo avanço de discursos autoritários e negacionistas, com a proliferação de narrativas que se alimentam do confronto em detrimento da conversa, que estimulam a discórdia em vez do debate e da troca. Nessa direção, até que ponto a afinação das folias pode nos ajudar a compreender e quiçá nos inspirar a buscar caminhos para a transformar essa situação?

Referências

- AUSTIN, J. L. How to do things with words. Cambridge: Harvard University Press, 1962.
- BASTOS, R. J. de M. "Esboço de uma teoria da música: para além de uma antropologia sem música e de uma musicologia sem homem". Anuário Antropológico 93, pp. 9-73, 1995.
- BATESON, G. "Uma teoria sobre brincadeira e fantasia". Cadernos do IPUB. Instituto de psiquiatria. UFRJ, nº5, [1972] 2000.
- BITTER, D. A bandeira e a máscara: a circulação de objetos rituais nas Folias de Reis. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.
- BRANDÃO, C. R. Sacerdotes da viola. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CHAVES, W. A bandeira é o santo e o santo não é a bandeira: práticas de presentificação do santo nas Folias de Reis e de São José. 310 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.
- CHAVES, W. "Canto, voz e presença: uma análise do poder da palavra cantada nas folias nortemineiras". Mana, Rio de Janeiro, vol.20, n.2, pp. 249-280, 2014.
- CHAVES, W. e FONSECA, E. Sons de couros e cordas: instrumentos musicais tradicionais de São Francisco, MG. Rio de Janeiro: Iphan/CNFCP, 2005.
- DOUGLAS, M. Pureza e Perigo. São Paulo: Perspectiva, [1966] 1976.
- FELD, S. "Doing anthropology in sound" (with Don Brenneis). American Ethnologist 31(4):461-474, 2004.
- FELD, S. "Waterfalls of song: an acoustemology of place resounding in Bosavi, Papua New Guinea". In: FELD, S. e BASSO, K. (Eds). Senses of Place, Santa Fé/New Mexico: School of American Research Press, pp. 91-136, 1996.
- MALINOWSKI, B. "O problema do significado em linguagens primitivas". In: OGDEN & RICHARDS, A. (Orgs.), O significado de significado. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 295-330, [1930] 1972.
- MAUSS, M. "Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca em sociedades arcaicas". In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, pp.185-314, [1925] 2003.
- MONTE-MÓR, P. Hoje é dia de Santo Reis: um estudo de cultura popular no Rio de Janeiro. 138f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1992.
- PEREIRA, L. Os giros do sagrado: um estudo etnográfico sobre as folias em Urucuia, MG. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2012.
- PEREIRA, L. Os andarilhos dos Santos Reis: um estudo etnográfico sobre Folia de Reis e bairro rural. 133 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- PITT-RIVERS, J. "The Law of hospitality". HAU: Journal of Ethnographic Theory, London: University

of London, vol.2, n.1, pp.501-517, 2012.

REILY, A. S. *Voices of the magi: enchanted journeys in southeast Brazil*. Chicago studies in ethnomusicology. The University of Chicago Press, 2002.

ROCHA, G. "O verbo e o gesto: corporeidade e performance nas folias de reis". *Etnográfica*, Lisboa, v.20, pp. 539-564, 2016.

SCHUTZ, A. "Making Music Together". *Collected Papers II: Studies in Social Theory*, pp. 159-178, [1951] 1976.

SMALL, C. *Musicking: the meanings of performance and listening*. Middletown, Ct, Wesleyan University Press, 1988.

STOLLER, P. *The taste of ethnographic things: the senses in Anthropology*. University of Pennsylvania Press, 1989.

TITON, J. "Knowing people making music: toward a new epistemology for Ethnomusicology". *Etnomusikologian vuosikirja*, vol. 6. Helsinki: Suomen Etnomusikologinen seura, 1994.

TITON, J. "Knowing fieldwork". In: BARZ, G. e COOLEY, T. (Eds.), *Shadows in the field: new perspectives in Ethnomusicology*. New York / Oxford University Press, pp. 87-100, 1997.

Notas

¹ Ao longo do texto, os termos e categorias dos meus interlocutores estão grifadas em itálico enquanto as categorias analíticas estão entre aspas. A traduções do inglês para o português foram livremente feitas por mim.

² Texto publicado originalmente na revista *Arte, Som e Etnografia*. Editora UFSC, 2021.

³ Agricultor, violeiro e construtor de viola que por muito tempo liderou a folia na Taboquinha, localidade rural situada a 30km da cidade de São Francisco, no município de mesmo nome, no norte de Minas Gerais. Entre 2004 e 2008, quando estava realizando pesquisas etnográficas na região para minha tese de doutorado (CHAVES, 2009), seu Martinho e dona Maria (sua esposa) generosamente me hospedaram diversas vezes em sua residência.

⁴ O etnomusicólogo e compositor neozelandês Christopher Small, em um interessante estudo sobre os concertos sinfônicos, propõe como objeto da pesquisa etnomusicológica não a música propriamente dita, mas o que denomina *musicar* ("musicking", no original). Para ele, o termo evidencia o fazer musical, a música enquanto ação e atividade. A esse respeito, vale notar que o verbo "musicking" representa o presente do particípio e o gerúndio do verbo "to music", denotando assim não somente uma ação, mas a ação em curso, acontecendo no aqui e agora. Incorporando as sugestões de Small para pensar o fazer dos foliões quando se reúnem e afinam (ou como dizem, acertam) seus instrumentos, meu interesse concentra-se menos na afinação em si e mais no afinar (especialmente no que se passa quando tal ação acontece). Portanto, ao longo deste texto, quando utilizo afinação refiro-me ao ato, à ação de afinar (e acertar).

⁵ Na concepção de Titon (1997) fazer música é se engajar em uma experiência coletiva e intersubjetiva, como esclarece na passagem seguinte: "Fazendo música, experimento a dissolução do meu eu; sinto como se a música me preenchesse e eu passasse a ser música no mundo. Mas também vivencio a volta de um eu que conhece. A experiência de fazer música é, em algumas circunstâncias e em várias culturas ao redor do mundo, uma experiência de autoconhecimento favorecida pela presença do outro, um devir. Esta é uma profunda experiência coletiva e estou disposto a nela confiar". (TITON, 1997, p. 99)

⁶ Nas palavras do autor: "(...) um enquadre é sempre metacomunicativo. Qualquer mensagem que explícita ou implicitamente defina um enquadre, ipso facto, fornece ao receptor instruções ou ajuda em sua tentativa de entender as mensagens incluídas no enquadre" (BATESON, 2000, p. 44).

⁷ Há pelo menos vinte anos mantenho contato com o universo do boi e do tambor de crioula tanto no Maranhão - quando estive por duas oportunidades nos festejos juninos em São Luís e na região da baixada -, quanto no Rio de Janeiro, por ter muitos amigos e amigas maranhenses que organizam festas e brincadeiras de rua das quais participo como músico e apreciador.

⁸ Para Feld, fazer antropologia por meio do som – ouvindo, gravando, editando e representando sonoramente uma experiência etnográfica – envolve, entre outras habilidades, um aprendizado da escuta. Isso porque o fenômeno sonoro é um modo de comunicação e uma forma de conhecimento. "Acustemologia" (ou "epistemologia acústica") é o termo que propõe para compreender como o som pode ser analisado como modo de conhecer, experimentar e estar no mundo. Nas suas palavras: "Epistemologia acústica é a investigação de sensibilidades sonoras, especificamente dos meios em que o som é o pilar para a produção de sentido,

conhecimento e verdade da experiência.” (FELD, 1996, p. 97) De acordo com essa “antropologia no som” (e não mais do som), os sons produzidos pelo pesquisador juntamente com seus interlocutores nos contextos de pesquisa se tornam fontes de conhecimento, experiência e interpretação tanto para os músicos (foliões no nosso caso) quanto para o etnógrafo.

⁹ Em diversas ocasiões ouvi dos foliões que, se um dos princípios fosse descumprido, algum mal iria se abater sobre um integrante do grupo. Muitas são as histórias que apontam o desrespeito dessas regras como causa de mortes repentinas de foliões.

¹⁰ Carlos Rodrigues Brandão, pioneiro nos estudos antropológicos sobre folias e referência para diversos trabalhos sobre o tema (BITTER, 2010; CHAVES, 2009 e 2013; MONTE-MOR, 1992; PEREIRA, 2004 e 2012; REILY, 2002, só para citar alguns exemplos), inspirado na teoria da reciprocidade de Marcel Mauss, 2003 [1925], vê a folia como uma expressão do fenômeno da dádiva: “um espaço camponês simbolicamente estabelecido durante um período de tempo igualmente ritualizado, para efeitos de circulação de dádivas – bens e serviços – entre um grupo precatório e moradores do território por onde ele circula” (BRANDÃO, 1981, p. 36). Observando particularmente a sequência de “obrigações” sucedidas durante uma visita, comenta: “Cada parada da folia em um giro ou em um pouso repete uma vez mais a mesma sequência de atos: o dono da casa é obrigado a receber os foliões que, por sua vez, são obrigados a se apresentar e a pedir para serem recebidos; o dono da casa é obrigado a recebê-los e a agradecer, abençoando por isso; o dono, outros moradores e promesseiros são obrigados a dar alguns dos seus bens como ofertas pedidas, e os foliões são obrigados a retribuir distribuindo bênçãos, proclamando o feito e atualizando promessas aos reis” (BRANDÃO, 1981, p. 45).

¹¹ Uma das explicações possíveis para a não presença da bandeira ou qualquer signo visual para a representação dos Reis está no fato de, durante o giro, muitas vezes os próprios foliões se tornam os Reis. Para um aprofundamento da reflexão sobre o caráter mimético na relação entre Reis e foliões, ver Chaves (2009).

¹² Cabeça ou guia são termos que nomeiam a principal liderança dos grupos de folia e designa aquele que detém os conhecimentos dos preceitos rituais, que domina o repertório de cantos além de em muitos casos cuidar da disciplina e comportamento dos foliões durante o giro.

¹³ Geroma é um tipo de chocalho feita de um pequeno aparato de madeira com um cabo e uma estrutura retangular vazada (semelhante a uma raquete). Essa é atravessada por fios de arame nos quais se colocam tampinhas que quando percutidas produzem som. Além da geroma, outro instrumento presente nas folias, mas que não aparece na imagem, é o balainho. Trata-se de um chocalho feito de uma pequena cesta de palha cujo interior possui sementes colocadas para que quando balançadas gerem som.

¹⁴ A viola é um cordofone de dez cordas distribuídas em cinco ordens de cordas duplas. Na Taboquinha, as cordas da viola, enumeradas em ordens de pares de cima para baixo, são assim chamadas: bordão, baixão, retinta e baixim, toeira, prima. Os pares de cordas são afinados em uníssono, como é o caso da quarta e quinta ordens de cima para baixo, respectivamente, ou em oitavas, como é o caso da primeira, segunda e terceiras ordens. No caso das duas primeiras, as cordas de menor calibre, mais finas, oitavadas, são chamadas de companheiras, do baixão ou do bordão. No caso da terceira ordem, cada corda recebe um nome, sendo a retinta a mais grave e baixim a mais aguda, respectivamente. Para uma descrição mais detalhada da viola e demais instrumentos musicais usados nas folias, ver Chaves e Fonseca (2005).

¹⁵ Nesse plano a variação é, no limite, individual A altura é parte fundamental do estilo, jeito ou sistema de cada folião cantar. Na Taboquinha, durante um giro de folia, presenciei uma situação em que dois grupos (ou ternos) se encontraram em uma mesma casa – o grupo da Taboquinha, liderado por Manoel Barqueiro e o grupo de uma localidade vizinha, cujo cabeça era um homem de nome Cícero. Quando este e seus companheiros chegaram à casa, Manoel já estava cantando. Eles entraram devagar e permaneceram em silêncio, observando e ouvindo o canto da outra folia. Terminado o canto, se cumprimentaram, conversaram e começaram a tocar juntos uma sussa, gênero musical acompanhado de dança que sucede o canto durante as visitas. Nessa hora, os tocadores e cantadores dos dois grupos se misturaram e fizeram uma animada sussa. Manoel sugeriu que eles utilizassem os instrumentos do seu grupo, pois, as alturas das respectivas afinações provavelmente seriam diferentes. Dito e feito. Logo que a música começou, ele comentou que os instrumentos da folia do Cícero estavam bem mais altos que os da sua.

¹⁶ Para Schutz (1976), uma das formas de existência temporal da música é a sua mensurabilidade, a possibilidade de sua divisão e subdivisão em temporalidades homogêneas: “Claro que tocar um instrumento, ouvir um disco, ler uma partitura são ações

que ocorrem no tempo exterior, o tempo que pode ser medido por metrônomos e relógios, ou seja, o tempo que o músico 'conta' para garantir o 'tempo' correto". (SCHUTZ, 1976, p. 171) A dimensão temporal associada à cronometria, que se veicula ao tempo exterior de um relógio (ou metrônomo), está presente na afinação quando se observa que a prática, por mais cuidadosa e durável, não pode (ou não deve) se prolongar indefinidamente. Eu mesmo senti esse imperativo temporal exterior incidindo na afinação quando procurei me inserir no grupo tocando viola. Apesar de conseguir tocar o instrumento, eu demorava mais do que os outros para afiná-lo, o que acabava gerando algum constrangimento. Com o tempo percebi que um folião não somente deve saber afinar seu instrumento, mas também deve fazê-lo dentro de uma temporalidade mensurável.

¹⁷ Para uma descrição e reflexão mais aprofundada sobre a poética e a eficácia dos cantos de folia, ver Chaves (2014).

Grupos participantes do 60º FEFOL

REGIÃO NORTE

1. Grupo de Suça “Tia Benvinda” – Natividade/Tocantins **(INÉDITO)**
2. Grupo de Tradições Marajoara ‘Cruzeirinho’ – Soure, Ilha do Marajó/Pará **(INÉDITO)**
3. Grupo de Carimbó Bico de Arara – São Caetano de Odivelas/Pará
4. Grupo Parafolclórico Frutos do Pará – Belém/Pará

REGIÃO CENTRO-OESTE

1. Moçambique Mamãe do Rosário – Catalão/Goiás
2. Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercês – Catalão/Goiás
3. Grupo de Siriri São Gonçalo Beira Rio – Cuiabá/Mato Grosso
4. Grupo Vitória Régia – Cáceres/Mato Grosso

REGIÃO NORDESTE

1. Grupo Folclórico Parafusos – Lagarto/Sergipe
2. Lavadeiras – Lagarto/Sergipe
3. Batalhão de Bacamarteiros – Carmópolis/Sergipe
4. Boi “Brilho da Luz” – Santa Luzia/Maranhão
5. Bumba Meu Boi Cão de Raça – Maceió/Alagoas **(INÉDITO)**
6. Coco de Roda Reis do Cangaço – Maceió/Alagoas
7. Grupo Parafolclórico Flor da Serra – Chã Preta/Alagoas
8. Balé Popular Papanguarte – Bezerros/Pernambuco
9. Maracatu Vozes da África – Fortaleza/Ceará **(INÉDITO)**
10. Tradições Folclóricas Raízes Nordestinas – Fortaleza/Ceará
11. Grupo de Caboclos – Malhação de Judas – Major Sales/Rio Grande do Norte
12. Boi Calemba Pintadinho – São Gonçalo do Amarante/Rio Grande do Norte
13. Congo de Oeiras – Oeiras/Piauí
14. Grupo de Cultura Os Cariris – Taperoá/Paraíba **(INÉDITO)**
15. Grupo de Cultura Nativa Tropeiros da Borborema – Campina Grande/Paraíba
16. Grupo EITA de Projeções Folclóricas – João Pessoa/Paraíba

REGIÃO SUL

1. Centro de Tradições Gaúchas Aldeia dos Anjos – Gravataí/Rio Grande do Sul
2. Centro de Tradições Gaúchas Heróis Farroupilha – Caxias do Sul/Rio Grande do Sul **(INÉDITO)**
3. Grupo Ratoeira da Magia – Florianópolis/Santa Catarina **(INÉDITO)**
4. Associação Folclórica Boi de Mamão do Pantanal – Florianópolis/Santa Catarina

REGIÃO SUDESTE

1. Folia de Reis Nova Estrela do Oriente – Miracema/Rio de Janeiro
2. Grupo Sociocultural Cara da Rua – Miracema/Rio de Janeiro **(INÉDITO)**
3. Sarandeiros – Belo Horizonte/Minas Gerais
4. FITAS – Grupo de Tradições Folclóricas – Montes Claros/Minas Gerais
5. Terno de Congo Irmandade do Menino Jesus – Passos/Minas Gerais
6. Terno de Congo Xambá – São Sebastião do Paraíso/Minas Gerais
7. Fandango de Tamanco Cuitelo – Ribeirão Grande/São Paulo
8. Reisado Sergipano e Bumba Meu Boi do Guarujá – Guarujá/São Paulo
9. Samba Lenço – Mauá/São Paulo
10. Congada Terno de Sainha Irmãos Paiva – Santo Antônio da Alegria/São Paulo
11. Cordão Folclórico dos Bichos Tatuenses – Tatuí/São Paulo
12. Congada Três Colinas – Franca/São Paulo
13. Grupo de Catira – Araçatuba/São Paulo
14. Companhia de Reis Família de Belém – Castilho/São Paulo **(INÉDITO)**
15. Caiapós – Piracaia/São Paulo **(INÉDITO)**

GRUPOS DE OLÍMPIA / SP

1. Terno de Moçambique “São Benedito” – Olímpia/SP
2. Terno de Congada Chapéu de Fitas – Olímpia/SP
3. Companhia de Reis “Magos do Oriente” – Olímpia/SP
4. Cia de Santos Reis “Os Mensageiros da Paz” – Olímpia/SP
5. Cia de Santos Reis “Estrela da Guia” – Olímpia/SP
6. Cia de Santos Reis “Lapinha de Belém” – Olímpia/SP
7. Cia de Santos Reis “Os Visitantes de Belém” – Olímpia/SP
8. Cia de Santos Reis “Os Viajantes de Belém” – Olímpia/SP
9. Cia de Santos Reis “Filhos de Maria” – Olímpia/SP
10. Cia de Santos Reis “Fernandes” – Olímpia/SP
11. Companhia “Os Mensageiros de Santos Reis” – Olímpia/SP
12. Associação Templo de Umbanda Morada Caboclo e Preto Velho – Olímpia/SP
13. Grupo Folclórico de Danças Afro Brasileiras e Capoeira – Olímpia/SP
14. Raízes do Brasil (Grupo Hot Beach) – Olímpia/SP
15. Associação Cultural Anástasis – Artes Cênicas & Solidariedade – Olímpia/SP
16. Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas Cidade Menina Moça ‘GODAP’ – Olímpia/SP
17. Grupo Parafolclórico Frutos da Terra – Olímpia/SP

NÚMEROS GERAIS

- 60 grupos (10 inéditos)
- 17 estados representados
- 5 regiões brasileiras

Comissão organizadora

DECRETO Nº 8.742, DE 26 DE ABRIL DE 2023

Constitui a Comissão Executiva do 59º Festival do Folclore a ser realizado no Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”(05 a 13 de agosto de 2023).

FERNANDO AUGUSTO CUNHA, Prefeito Municipal da Estância Turística de Olímpia, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais, DECRETA:

ART. 1. Fica constituída a Comissão Executiva do 59º Festival do Folclore de Olímpia, a ser realizado de 05 a 13 de agosto do de 2023, evento que tem por finalidade incentivar e defender o folclore, contribuindo para a sua preservação, com os seguintes membros:

Presidente: Raquel Cristina Crepaldi Righetti
Presidente de Honra: Maria Aparecida de Araújo Manzolli
Vice-presidente: Rodrigo Cesar Borges Marini
1.º Secretário: Camila Reale Thereza Gameiro
2.º Secretário: Kislaine Regina Pimenta de Lima
1.º Tesoureiro: Raquel Cristiane Navarini
2.º Tesoureiro: Manuela Eliza Furlanetto

Subcomissão do Anuário e Anuarinho:

Maria do Carmo Moreira Kamla Passi – Coordenação
Clarissa Rossi Gonçalves de Mattos
Estevão Amaro dos Reis
Orlando Rodrigues da Costa
Taise Renata da Cruz
Willian Zanolli

Subcomissão de Imprensa, Cerimonial e Marketing:

Luana Valentim Chaves da Silva – Coordenação
Camila Reale Thereza Gameiro
Giselle Fernanda Papani da Silva
Priscila Fernanda Minani
Larrani Ferreira Guariente Oliveira

Subcomissão de Hospedagem e Monitores de Grupos:

Kislaine Regina Pimenta de Lima – Coordenação
Davi Seixas Mendes
Glendson Rafael de Carvalho

Subcomissão de Alimentação:

Rodrigo Cesar Borges Marini – Coordenação
Liliane Cristina Sena Silva – Nutricionista
Bruna Achilei Paiva

Subcomissão de Abertura, Mini Festival, Atividades Diurnas e Missas:

Maria Claudia Vanti Luizon Padilha – Coordenação
Tiago Pessoa Lourenço
Alan Saviolo Duran
Taise Renata da Cruz
Maristela Aparecida Araújo Bijotti Meniti
Marcela Nespolo Aniceto
Andreia Cristina Magro

Subcomissão de Limpeza:

Fernando Luiz Bachega – Coordenação
Arian Lourenço de Mello
Rafael Augusto da Silva Rego
Guilherme Amim de Faria

Subcomissão de Manutenção e Obras:

Tulio Antonio Pinheiro – Coordenação
Fabrício Henrique Raimondo
João Victor Buzzo
Flávio Augusto Santinon

Subcomissão de Comércio Interno:

Rodrigo Cesar Borges Marini – Coordenação
Rafael Augusto da Silva Rego
Arian Lourenço de Mello
João Luiz Alves Ferreira
Matias Roberto da Silva Costa

Subcomissão Jurídica, Decretos e Uso de Imagem:

Edilson Cesar De Nadai – Coordenação
Cleber Luís Braga
Isabela Duran Oliveira Souza

Subcomissão de Desfile:

Davi Seixas Mendes – Coordenação
Gilson Carlos Miranda
Tairine Fogagnoli Franzin
Heitor Miotto Donaire

Subcomissão de Feira de Artesanato e Artes:

Kislaine Regina de Lima – Coordenação
Mylene Aparecida Pereira Gonçalves
Clarissa Rossi Gonçalves de Mattos
Romeu Angelo Tamellini

Subcomissão de Estacionamento, Trânsito, Segurança e Fiscalização:

Carlos Henrique Vasconcelos dos Santos – Coordenação

Rubens Antonio Gianotto – Coordenação

Edson Rodrigues de Oliveira

Bruno Fréu Garcia

Rafael Augusto da Silva Rego

(Redação dada pelo Decreto nº 9163/2024)

Subcomissão de Compras e Licitações:

João Luiz Alves Ferreira – Coordenação

Rodrigo Cesar Borges Marini

Kislaine Regina Pimenta de Lima

Tatiana Maria Serafim

Subcomissão de Atividades Externas:

Alan Saviolo Duran – Coordenação

Rodrigo Cesar Borges Marini – Coordenação

Rosiani da Silva Nunes

Tânia Regina Garcia Pimenta

Subcomissão de Palcos e Apresentações Internas:

Alan Saviolo Duran – Coordenação

Rodrigo Cesar Borges Marini – Coordenação

Davi Seixas Mendes

Subcomissão de Logística e Transporte:

Kislaine Regina Pimenta de Lima – Coordenação

Arian Lourenço de Mello

Angelo Rodrigo Tarichi Brassalotti

Bruna Achilei Paiva

Subcomissão de Estruturas, Montagem e Desmontagem:

Rodrigo Cesar Borges Marini – Coordenação

Bruna Achilei Paiva

Arian Lourenço de Mello

Rafael Augusto da Silva Rego

Matias Roberto da Silva Costa

Guilherme Amim de Faria

Art. 2.º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Registre e publique.

Prefeitura Municipal da Estância Turística de Olímpia,
em 21 de março de 2024.

FERNANDO AUGUSTO CUNHA

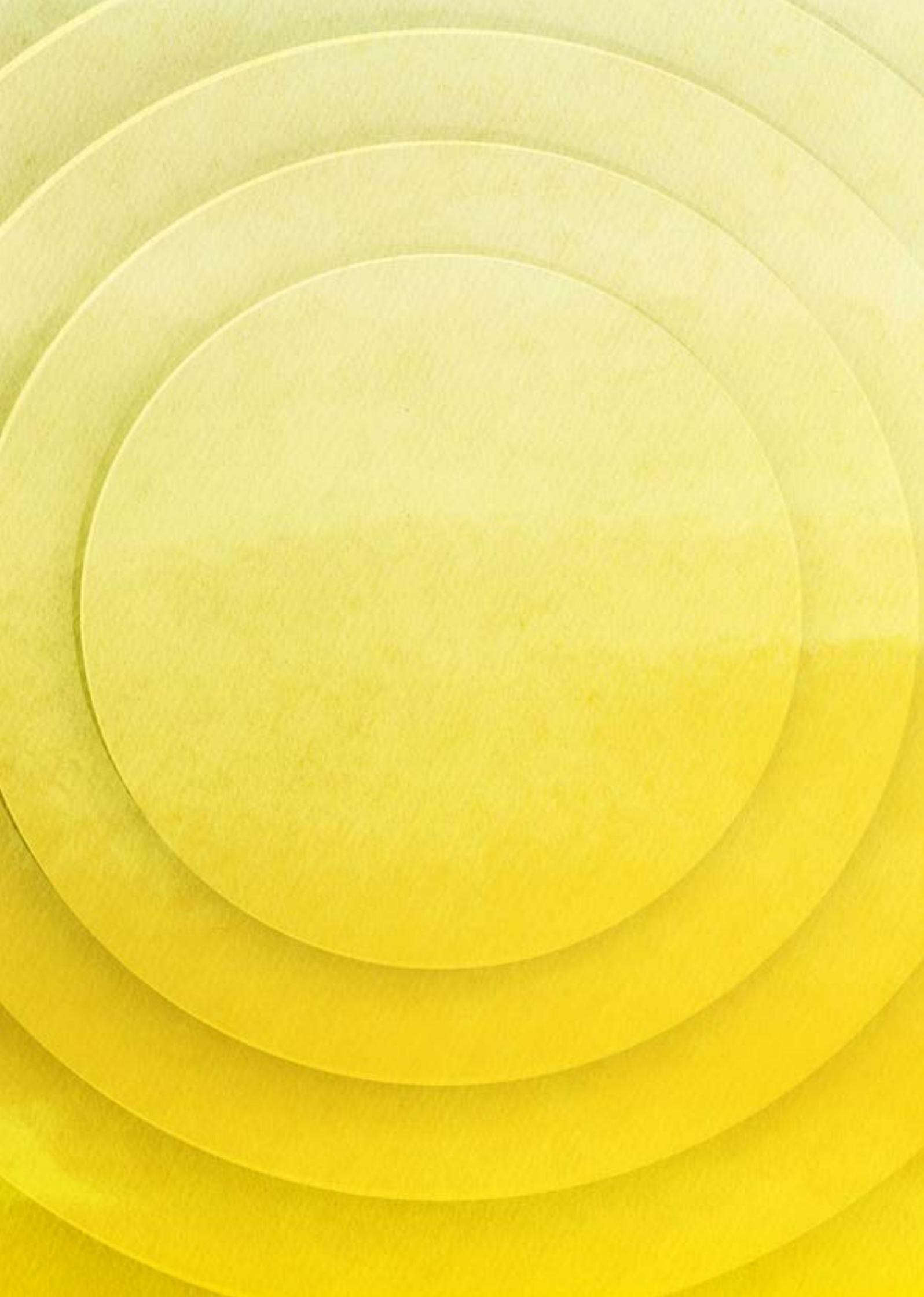
Prefeito Municipal

Registrado e publicado no setor competente da
Prefeitura Municipal da Estância Turística de Olímpia,
em 21 de março de 2024.

CLÉBER LUIS BRAGA

Supervisor de Expediente





REALIZAÇÃO



APOIO

